



DIZEM, POR AI

garota < 3 garoto

ALI CRONIN



SEGUINTE



O selo jovem da Companhia das Letras

Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a **Seguinte**, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora — como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

garota <3 garoto

vol. 1: *Nada é para sempre*

vol. 2: *Dizem por aí*

vol. 3: *Três é demais*

vol. 4: *Lições de amor*

vol. 5: *A garota certa*

vol. 6: *Eu e você*

E não perca os contos exclusivos no site da Seguinte!

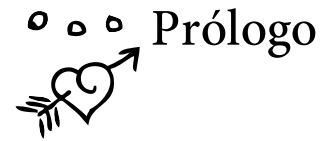
www.seguinte.com.br

DIZEM,
POR AÍ ALI CRONIN

Tradução
RITA SUSSEKIND

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Para Jon



“SEIS LIBRAS E CINQUENTA CENTAVOS”, disse o sujeito ranzinza que vestia uma camisa polo de poliéster e estava com problemas para estabelecer contato visual. Dei a ele a quantia exata, abri um sorriso radiante para agradecê-lo pelo serviço impecável, peguei meu balde de pipoca (salgada e doce misturadas, é claro) e fui encontrar os outros.

Donna, minha melhor amiga, e seu primo Marv estavam esperando perto da escada que levava às salas e conversavam com três meninos que eu nunca tinha visto antes.

“Suprimentos”, falei, colocando as coisas no chão sem nenhuma cerimônia. “Desculpem: só trouxe três canudos.” Olhei para as caras novas. Uma delas, de um garoto bem alto com cabelos escuros e ondulados, que vestia uns jeans justos e um blazer preto, falou:

“Compartilhamento de canudos. Acolhedor.”

Nem sombra de um sorriso, da minha parte. Deixa pra lá, eu sei meus limites. Não adianta perder tempo. Mas é uma pena. Ele era bonitinho.

“Ah, desculpe, Ashley”, disse Marv, apontando para cada um deles. “Aiden, Jamie, Dylan.” Imaginei que fossem da mesma escola do Marv, o que significava que não eram da mesma que a nossa. Donna e eu estudamos no colégio Woodside High; Marv estuda em Corlyns, do outro lado de Brighton.

Todos acenaram com a cabeça, menos Dylan, o do comentário sobre os canudos, que nem se mexeu.

Eu disse oi e fomos todos para a sala dois curtir algumas horas de fantasmas, sangue e cenas de sexo explícito.

Agradeço ao Menino Jesus pela identidade falsa, mesmo que provavelmente a Bíblia não concorde com isso.

“Eu achei ridículo”, disse Marv quando saímos do cinema.

“Está brincando! Fiquei petrificada”, falei, abraçando a mim mesma para me manter aquecida, porque tinha alguma coisa errada com o aquecimento do cinema e estava um gelo do lado de fora da sala. Ainda bem que tinha levado casaco. Eu havia sido muito bem-criada.

“Meu Deus, aquela parte do olho no espelho”, disse Donna, agarrando o próprio pescoço.

“Tudo bem, mas, por favor, não foi nada que não tivéssemos visto antes”, disse Aiden. Ou Jamie. Eu não me lembrava quem era quem.

“Eu gostei”, disse Dylan, puxando um cachecol fino do bolso e enrolando-o no pescoço. “Filme de terror sempre vai ser à base de clichês.” O cachecol tinha caveiras e ossinhos estampados.

Dei de ombros.

“Eu poderia ver um olho pra fora da cara um milhão de vezes. Continuaría fazendo um pouco de xixi nas calças em todas elas.”

Marv riu.

“Então não veja os filmes da série *Jogos mortais*.”

“Ah, eu vi.” Fiz uma cara bem séria. “Calça plástica pra incontinência.”

Err... foi isso mesmo que...? Sim, acho que até Dylan sorriu.

Donna inclinou a cabeça.

“Ah, Ashley. Uma dama.”

Dei um sorriso e me abaixei para fazer uma pequena reverência, o que não é nada fácil quando você está usando botas de tachinhas e os jeans mais apertados da história. Pelo menos não tinha chance de aparecer partes que não deveriam, pois o modelo da calça era mais recatado. Bom, não que eu me importasse com isso.

Andamos devagar durante um tempinho, primeiro comparando partes nojentas de filmes de terror, depois discutindo por que todo mundo conhecia a atriz que interpretou a primeira vítima (resposta: ela fez o seriado *Neighbours*) e por último compartilhando um sentimento de choque quando reparamos que muitas lojas já estavam com decoração de Natal. O que nos lembrou de que...

“Na verdade, nosso amigo Ollie já organizou uma festa de Natal”, disse Donna. Ela se virou para Marv.

“O que fez a festa da fogueira?”

Ele assentiu.

“Sei. Aquela foi divertida.”

“Vão também, se quiserem”, falei. “Quanto mais gente, melhor.” Olhei na direção de Dylan. Não foi minha culpa. Meus olhos me obrigaram a fazer isso. Ele não estava vomitando de nojo, mas também não parecia exatamente empolgado com a ideia. Marv interrogou Jamie, Aiden e Dylan com os olhos, e eles devem ter trocado mensagens de testosterona telepática, pois Marv respondeu:

“Sim, por que não?”

E assim tudo começou, mas não da forma como você deve estar imaginando. ★Segura o queixo misteriosamente★



EU QUASE NUNCA IA À SALA COMUNAL do décimo terceiro ano. Era cheia demais e tinha um cheiro estranho de pé e de sanduíches enrolados em filme de PVC. Mas lá dava para preparar uma xícara de chá, então era o lugar para onde eu ia quando estava sem dinheiro. E naquele momento eu *estava* sem dinheiro, desde que minha mãe tinha parado de me pagar pelo meu trabalho na boutique de noivas dela. Precisávamos economizar, blá, blá, blá... E eu nem tinha um consolo, mais tempo livre ou alguma coisa do tipo, porque eu continuava trabalhando. E simplesmente não recebia por isso. Eu estava sendo tola? Muito provavelmente.

“Então. Quanto a Dylan...”, disse Donna. Observei enquanto ela revirava os olhos e mantinha a boca aberta numa tentativa de pôr as lentes de contato.

“Aaaahhh, então foi por isso que você quase pisou num cachorro no caminho para o colégio...”, falei.

Donna piscou e esfregou os cantos dos olhos.

“É, bom... Dormi demais. E não vou sair de óculos, vou?”

Ela me olhou incrédula.

“Certo.”

“Ops, a chaleira está fervendo.”

Fui até a bancada suja e peguei duas xícaras no armário. Estavam lascadas e manchadas, o que, nesse lugar, era o mesmo que dizer que estavam

praticamente brilhando de tanta limpeza. Coloquei um sachê de chá em cada uma, depois leite (que estava quase vencendo, mas, novamente, poderia ter sido pior), mexi bem rápido, joguei os sachês no lixo e logo estava de volta à minha cadeira, pronta para analisar Dylan. Não que houvesse muito para analisar.

“É. Bonito”, falei, lembrando as pernas compridas e os cabelos exuberantes. “Se ao menos ele tivesse parado de tagarelar. Não consegui falar uma palavra.”

Donna riu.

“Eu sei. Ele era estranho, não era? Marv acha que só é tímido.”

Então Donna andava falando sobre Dylan com o primo. Será que ela gostava dele? De repente aqueles olhos verdes apareceram na minha mente, mas rapidamente os afastei.

“Mas você gostou dele, certo?” Convencida daquilo, Don tomou um gole de chá. Ela me conhece bem demais.

Eu dei de ombros. “Não é para o meu bico. Seria o mesmo que gostar de Robert Pattinson...” Fiz uma pausa. “Hum, e você? Gostou dele?.” Normalmente não nos interessávamos pelos mesmos tipos, mas nunca se sabe.

Ela franziu o nariz. “Não. Você conhece meus princípios em relação a casacos de cardigã.”

“Ele não estava de cardigã!”, protestei, apesar de eu, pessoalmente, gostar de meninos de cardigãs, desses tipos mais desleixados. Pela minha experiência, é uma peça de roupa que bagunça os estereótipos quando é vestida por um menino. Só para deixar claro: meninos que usam cardigãs são bons de cama.

Don respirou fundo. “Estava sim. Por baixo do blazer.” Ela balançou a cabeça. “Não faz meu tipo... Mas *definitivamente* faz o seu...”, entoou, e eu sorri.

“Eu já disse: não é para o meu bico.” Era devastador, na verdade. Depois do cinema, fiquei pensando nele durante todo o fim de semana. Enquanto via televisão, estava no banheiro ou tentando dormir, lá estava ele, apoiado com um ar desinteressado na parede da minha mente, com as pernas cruzadas, os jeans justos. Bem, não era sempre *assim* que ele aparecia. Em vários momentos ele estava nu.

Mas não importa.

“Não seja covarde”, disse Donna. “Você pode ficar com quem quiser. Ficou com a maioria dos meninos desse colégio, por exemplo.” Ela deu um sorriso bonitinho. Vaca.

“Não enche”, respondi empolgada. “E, além disso, há um mundo de diferença entre eles e... ele. Ele é lindo.”

Don colocou a mão no meu joelho e inclinou a cabeça, toda séria.

“Assim como você, Ashley. Assim como você.”

Afastei a mão dela. Muito engraçada.

“Sasha é que é a linda”, falei, e esvaziei minha xícara exatamente quando o sinal da próxima aula tocou.

“Humpf.”

Donna poderia revirar os olhos o quanto quisesse, mas os fatos falavam por si sós. Minha irmã mais velha era perfeita e linda e eu era razoável; ela era boa, e eu aprontava; ela era gentil, e eu má. Infelizmente, *c'est la vie*.

“De qualquer forma, Marv acha que vão todos na festa de Ollie”, Donna continuou a falar quando paramos na porta antes de ela virar para a esquerda, para a aula de dramaturgia, e eu para a direita, para a de comunicação. “Nunca se sabe...”

Certo. Nunca se sabe... Mas normalmente se sabe. Tirei Dylan da cabeça e passei as horas seguintes concentrada na aula.

A tarefa era produzir documentários curtos. Eu estava amando. Tipo, amando muito. E, sem querer soar como uma idiota completa, eu estava achando que talvez aquilo pudesse mudar a minha vida. Ao contrário da maioria, eu ainda não tinha começado a me inscrever nas faculdades. Donna queria ser atriz; Cass ia tentar direito em Cambridge e em algumas outras; Sarah queria estudar história da arte; Ollie gostava de música; Jack iria estudar esportes... o que deixava Rich e eu sobrando. Acho que Rich não tinha a menor ideia do que queria fazer da vida, e, até pouco tempo antes, eu também não tinha. Então resolvi que não ia para a faculdade. Pelo menos não por enquanto. Me parecia um pouco ridículo gastar tanto dinheiro com algo que eu não me importava só para ter um diploma. Mamãe e Sasha ficaram chocadas, *bien Sûr*, mas a vida é minha. E, de qualquer forma, parecia que estava valendo a pena: eu tinha achado algo de que poderia gostar de verdade. Fiz uma pesquisa e decidi me inscrever em Southampton, Bournemouth, Falmouth e East Anglia no curso de cinema. Até o momento ninguém sabia, e por muito tempo ficariam sem saber, ou jamais saberiam, a não ser que eu fosse aceita em alguma dessas. O fato é que eu precisava desse documentário para completar as inscrições.

Decidi fazer um filme sobre pessoas que chegaram muito perto da morte. Esse era um tema que afetava o meu coração, que, graças a Deus, continuava batendo, mesmo depois do dia em que quase me afoguei no mar de Devon nas últimas férias (é uma longa história). Achei que falar sobre isso no meu trabalho fosse me ajudar a parar de ter pesadelos. Estava mais ou menos funcionando. E, claro, Dylan tinha invadido meus sonhos nas últimas noites, o que estava produzindo um efeito *très* agradável e ajudando muito a acabar com os pesadelos.

Em jornais locais e revistas horrorosas, eu já tinha encontrado algumas histórias verdadeiras, escondidas entre tolices como “coloquei botox nas axilas” e “meu marido tem fetiche por queijo”. Uma ou duas eram excelentes, e lê-las me fez perceber o quão tola era a minha. Eu tinha

parado de respirar e depois voltado. E fim de papo. O período entre a hora em que entrei no mar e a hora em que acordei no hospital era um branco na minha cabeça. Era como se menos de um segundo tivesse se passado entre os dois eventos. Mas as pessoas das matérias viram luzes, se enxergaram de cima, perderam todo o medo da morte etc. Quem dera eu tivesse vivido tudo isso.

Eu estava superconcentrada lendo no site de um jornal sobre a história de uma senhora que teve a casa bombardeada quando ela era criança, durante a Segunda Guerra Mundial, quando alguém empurrou minha mesa.

“Ei!”, falei, pronta para brigar, quando vi que tinha sido Sam. Ele não gostava de mim, apesar de já ter gostado antigamente. Uma vez ficamos em uma festa. Mas, sinceramente, eu jamais teria feito isso se por um segundo que fosse eu tivesse achado que ele *realmente* gostava de mim. E o único motivo pelo qual eu ri quando ele me contou foi porque achei que ele estivesse brincando. De qualquer forma, já fazia dois anos que isso tudo tinha acontecido e ele continuava não conseguindo olhar para mim sem fazer careta. Tentei um sorriso amigável, mas ele me ignorou e foi para o lugar dele, com um livro sobre dragões e calabouços embaixo do braço. Hummm, que sexy.

Dylan, por outro lado...

Dane-se. Eu não tinha nada a perder além da minha dignidade, que na verdade já tinha se perdido havia muito tempo. Depois de olhar em volta rapidamente para me certificar de que Matt, nosso professor, não estava por ali, entrei no Facebook. Era uma questão de tempo até que a escola bloqueasse o acesso, mas por enquanto éramos livres para saciar nossos corações com as redes sociais. É claro que entrar no Facebook durante a aula era proibidíssimo. Eu poderia perder o direito de usar a internet. Então fui rápida, muito rápida, e encontrei Dylan na lista de amigos de Marv e enviei uma solicitação de amizade. Se ele já tivesse aceitado quando eu chegasse em casa, mandaria uma mensagem para ele.

Mas primeiro o resto do dia tinha que passar. Tive tempo de mandar um e-mail para o editor do jornal e pedir a ele para encaminhar uma mensagem para a senhora da casa devastada, perguntando se ela me permitiria entrevistá-la para saber mais de sua experiência. Depois fui para a cantina almoçar, como sempre, e lá encontrei, como sempre, Donna, Ollie, Jack. Eles e nossos outros amigos Sarah, Cass e Rich estavam sentados na quarta mesa da esquerda para a direita, quase no meio do recinto. Não sei por quê, nem como, nem quando escolhemos aquela mesa especificamente, mas nas raras ocasiões em que havia alguém sentado no nosso lugar, a sensação era a de entrar no próprio quarto e ver um estranho na sua cama. E não no bom sentido.

“Continua trazendo de casa?”, Cass perguntou solidária, olhando meu sanduíche aprontado às pressas, sabor queijo e pepino, que agora estava molenga após ter passado a manhã na minha bolsa. Ela também não tinha comprado almoço na cantina, porque tinha parado em uma delicatessen no caminho do colégio para comprar o sanduíche de salada de frango no pão árabe, sem maionese, que custava quatro libras. Ela sempre diz que é porque não gosta do pão horrível dos sanduíches da escola, e tem razão. Mas quatro libras?

Assenti e dei uma mordida no pão mole com o queijo suado. Pelo menos estava comestível. E Cass não precisava ter pena de mim, mamãe ainda tinha a loja e a casa. Ainda não estávamos precisando de caridade.

“Soube que você teve um bom fim de semana”, disse Sarah, me olhando assanhada por trás da caixinha de suco. “Dylan, é isso...?”

Lancei olhares afiados para Donna, que deu de ombros sem nenhuma culpa.

“O que foi? Não sabia que era segredo.”

O *que* era segredo? Meu Deus, é só a pessoa admitir que gosta de um menino para que de repente toda a situação vire um suspense do tipo Agatha Christie.

“Não há o que contar”, falei para Sarah. “Ele não é para mim.”

Ela balançou a cabeça.

“Ash, não tenho a menor dúvida de que você pode ficar com quem quiser... Nunca vi um menino que não fosse a fim de você.”

“Não enche!”, disparei.

“É verdade”, Ollie disse, sério. “Eu transaria com você aqui e agora se isso fosse socialmente aceitável.”

“Você transaria com *qualquer pessoa* aqui e agora se isso fosse socialmente aceitável”, respondi. “Sem querer ofender.”

“Justo”, ele concordou.

“Mas sério, Ash”, disse Rich, que estava ocupado examinando o queixo com o espelho de maquiagem de Donna. “Você gosta mesmo dele?”

Joguei o sanduíche na mesa fingindo irritação.

“O que foi?”, indaguei. “Vocês nunca se interessam pela minha vida amorosa.”

“Porque em geral você já transou com as pessoas de quem fala”, declarou Jack. “Agora temos novidade.”

Engraçadinho. E não era nem um pouco verdade, só para constar. Mas tudo que respondi foi:

“Ele não gosta de mim. Fim de papo.”

Dylan, Dylan, Dylan. Se meus amigos não tivessem dado tanta importância, eu poderia ter conseguido tirá-lo da cabeça. Mas os idiotas fizeram questão de deixá-lo bem grudado na minha mente, então quando cheguei em casa naquela tarde estava praticamente arfando para chegar no computador e entrar no Facebook.

Bati a porta e corri para a sala dos fundos sem tirar o casaco, mas encontrei minha irmã Sasha sentada na frente do computador.

“O que você está fazendo aqui?”, soltei. “Por que não está trabalhando?” Eram perguntas razoáveis, afinal de contas ela não morava mais em casa. E ela não tinha um laptop/iPad/iPhone e outros dispositivos brilhantes e portáteis com acesso a internet? Não tinha a “casa executiva” que ela compartilhava com o “parceiro” (vômito) Toby em Kent, com os mini “artigos de higiene pessoal para os convidados” na “suíte dos hóspedes”, e os sofás de bom gosto e as obras de “arte” emolduradas com muito bom gosto nas paredes? A casa transbordava tecnologia pelas paredes de tijolos. Uma rede wi-fi flutuava invisível a partir de três caixinhas que piscavam e que ficavam cuidadosamente presas na parede do escritório do andar de baixo, na sala e na garagem. Até na garagem, pelo amor de Deus!

“Ah, oi, Ashley”, disse Sasha, virando e sorrindo de um jeito meigo. “Tive folga hoje. Finalmente convenci mamãe a fazer as compras de supermercado pela internet, então estou fazendo um cadastro nos sites para ela.” Sasha voltou-se para a tela. “É de longe a melhor opção, tanto em termos de ética quanto de qualidade.”

Certo. Fascinante. Mate-me agora se eu resolver falar sobre supermercado quando tiver vinte e quatro anos de idade.

“Bem, você vai demorar? Preciso usar o computador.”

“Mais uns quinze minutos?”, respondeu, sem virar para mim. “Te chamo quando terminar.”

Fiz uma careta para as costas dela e fui até a cozinha pegar um lanche. Nas segundas-feiras mamãe deixava a loja aberta até mais tarde, mas mesmo assim ela não chegava antes das seis, hora em que comíamos pizza como lanche da tarde. Ritual de segunda-feira. A caminho do quarto, estiquei o pescoço pela porta da sala, onde minha irmãzinha Frankie estava assistindo tv. A maioria das meninas de doze anos estaria assistindo a algum seriado porcaria no Disney Channel ou coisa do tipo, mas ela estava sentada com as pernas cruzadas diante do DVD de ioga de mamãe.

“Tudo bem, Franks?”

Ela levantou o dedo para indicar que queria que eu esperasse, em seguida pressionou a ponta do indicador contra o polegar, desceu as mãos pela frente do corpo, exatamente como o pássaro fazia na TV, respirou fundo e entoou um longo e lento “Ommmmm”.

Em seguida se virou e olhou para mim. A camiseta velha da escola e a saia azul xadrez poderiam parecer tudo, menos roupa de quem pratica ioga.

Ergui uma sobrancelha.

“Boa sessão?”

“Sim, ótima. A não ser pelos puns.” Ela me olhou com firmeza e eu ri.

“Mamãe diz que acontece o tempo todo na aula de ioga”, ela disse em tom de reprovação.

“Acontece mesmo, Frankie-punk”, respondi. “Teve um bom dia?”

Ela se virou para a tela novamente.

“Foi tranquilo. Senhorita Baines disse que eu tenho um talento atípico para o mimetismo.”

“Quem você estava imitando?”

Frankie cruzou as pernas novamente.

“A senhorita Baines.”

Claro. Virei para me retirar, mas então parei e falei:

“Sabe por que Sasha está aqui? Não pode ser só para ajudar mamãe com as compras pela internet.”

Frankie suspirou impacientemente.

“Não sei. Talvez tenha brigado com Toby.” Apertou play no DVD.

Interessante, apesar de eu duvidar de que fosse verdade. Toby e Sasha eram nojentos juntos, cheios de beijinhos e “querido” e “amor”. Deixei Frankie com seus “ommmms” e subi para o meu quarto para trocar de roupa.

Ah, meu quarto. Sasha me deu quando saiu de casa e foi para a faculdade. Foi de longe o melhor presente que ela já me deu. Passei um trimestre inteiro fazendo mudanças nele. Tirei o papel de parede da Laura Ashley e

pintei o quarto todo de roxo, menos os tacos de madeira no chão, que deixei como eram. Depois cobri minha cama com alguns metros de um tecido superdescolado dos anos 60 com uma estampa geométrica que encontrei em Oxfam. Comprei persianas de madeira da Ikea e coloquei no lugar das cortinas florais horrorosas da Sasha, e por fim pus um pôster gigante do Kurt Cobain na parede. Não havia nada que eu pudesse fazer em relação ao armário nojento de fórmica – não tinha dinheiro para comprar um novo –, então o coloquei perto da porta, onde pelo menos não era a primeira coisa que se via ao entrar. Quem podia imaginar que eu era tão criativa? Ficou exatamente como imaginei, e eu adorava tudo aquilo. Era o meu espaço. Até coloquei uma tranca na porta, bem no topo, de modo que não dava para saber que havia uma tranca ali, apesar de mamãe, com seu radar materno, ter notado logo de cara. Prometi que jamais trancaria a porta à noite e então ela me deixou manter. Obviamente eu *já tinha* trancado várias vezes, mas ela nunca percebeu.

Como sempre, a primeira coisa que fiz quando cheguei no meu quarto foi ligar o som, depois fechei as cortinas e acendi a luz do abajur (eu nunca uso a do teto. Prefiro que as coisas fiquem mais sombrias. Profundo, não?). Em seguida, tirei as roupas do colégio e vesti minha legging e um casaco. Alívio. Eu tinha acabado de deitar na cama para ficar olhando para o teto quando Sasha bateu à minha porta e colocou a cabeça para dentro.

“O computador está livre, Ashy”, falou. (Só para constar, detesto ser chamada de Ashy.)

Saltei da cama e a segui pelo corredor.

“Então você já vai?”, perguntei. Ela balançou a cabeça, o rabo de cavalo loiro sacudindo.

“Comprei caçarola de frango para o jantar. Acho que a mamãe merece uma folga, sabe? Algo me diz que ela não tem muita ajuda quando não estou por aqui.”

Mostrei a língua para as costas dela.

“Sim, bem, sinto acabar com a sua festa, mas segunda-feira tem noite de pizza. E é um lanche, não jantar.”

Sasha deu de ombros.

“Lanche, jantar. Dá no mesmo. E você não vai morrer se comer comida caseira em uma segunda-feira.”

“A questão é”, argumentei nervosa, “mamãe não precisa de folga, porque uma ligação de dois minutos para pedir pizza não chega a ser um trabalho duro.”

“*Que seja*”, entoou Sasha, descendo as escadas como uma pluma, as mãos com as unhas perfeitas segurando no corrimão. Mostrei os dentes para ela enquanto ela descia para fazer a boa ação do dia, depois corri para o quarto dos fundos. Apertei uma tecla para acender o monitor, entrei rapidamente no Facebook e meu estômago se revirou na hora, porque Dylan tinha aceitado minha solicitação de amizade. Uhu! Escrevi uma mensagem rápida. Bem, na verdade fui “rápida”, entre aspas. Passei dez minutos agonizando, pensando nas palavras perfeitas para que parecesse que eu tinha escrito mesmo bem rápido. No fim das contas o que digitei foi:

Oi. Legal te conhecer naquela noite.

Detalhes da festa de Natal: sábado, dia 3 de dezembro no salão do campo de futebol, na Bishops Lane – acho que os escoteiros se reúnem lá também, caso essa tenha sido a sua galera algum dia. “faça sempre o seu melhor”. Ashley.

Ah, vai ter que servir. Fecho os olhos e clico em “enviar” antes que possa mudar de ideia. Uma olhada no perfil de Dylan me informou de que não havia muito o que ver. Nenhuma atualização de status ou recados no mural. Eu não gosto muito de revelar tudo sobre mim pelo Facebook. Bom saber

que ele tinha princípios semelhantes. Mas cliquei nas informações sobre ele assim mesmo, só para checar, e quase ri quando vi que as músicas, os filmes e os programas de TV preferidos dele eram praticamente os mesmos que os meus. Temos que respeitar um menino heterossexual que tem a coragem de declarar para o mundo que um de seus filmes favoritos é *O mágico de Oz* (e eu sei que ele é hetero, antes que alguém pense o contrário, porque Donna perguntou para o Marv), e eu não conhecia ninguém que curtisse o programa de debates *Question Time* como eu (é tipo um programa do Jeremy Kyle, só que inteligente).

Ainda sorrindo para mim mesma, abri mais uma janela de navegação e chequei meus e-mails. A editora do jornal também tinha respondido. Olhe bem para mim, a Senhorita Popular. Ela me disse que a assistente tinha entrado em contato com a senhora, que ficaria feliz em receber a minha ligação. Resultado. Bem, não há momento melhor que o presente, *carpe diem* e tudo mais. Peguei meu telefone e liguei para ela.

“Boa tarde. Bridget Harper falando.” Ela tinha, literalmente, a voz mais elegante que eu já tinha escutado. Poderia competir de igual para igual com a rainha.

Limpei a garganta.

“Oh, oi, meu nome é Ashley. Acho que a editora do...”

Mas ela me interrompeu.

“Oh, sim, olá. Você queria fazer uma entrevista comigo sobre a guerra para um trabalho escolar?”

Uau, sem rodeios. Ela devia ter cerca de noventa anos, mas pela voz dava para acreditar que tinha uns trinta a menos.

“Sim, se não tiver problema.”

“Claro. Será uma boa mudança na TV. A programação televisiva das tardes não é exatamente animadora.”

Hilária. Marquei de passar na casa dela (“presumo que você não seja uma assassina, querida?”) depois da aula dali a dois dias e encerrei a ligação com

pressa porque — *ping!* — recebi uma resposta de Dylan.

Humm. Ele estava ansioso ou era apenas eficiente? Abri a mensagem com o coração saltando.

Estarei lá! Bj. Dylan



E esta, meus amigos, é a melhor definição de algo doce e direto. Sorrindo como uma idiota e com o estômago revirando, mandei uma mensagem de texto para Donna:

Adivinha quem acabou de me mandar uma mensagem
no Facebook?

Como não poderia deixar de ser, ela me ligou em mais ou menos 2,8 segundos.

“Falei que ele gostava de você.”

Desliguei o computador e subi correndo para o meu quarto. Me joguei na cama, mas estava ansiosa demais. Então levantei e comecei a andar de um lado para o outro.

“Não se anime tanto. Ele só disse que vai à festa... talvez goste de *ocê*.”

Ela riu.

“Não enche. Você sabe que não.”

“Bom, vou tentar.”

“Boa menina”, ela respondeu. “Então, o que dizia a mensagem dele, exatamente?” E passamos os vinte minutos seguintes, até mamãe chegar do

trabalho e me chamar para o lanche, analisando aquelas duas palavras e mais um “bj” no final até que estivessem marcadas na minha alma. Tudo certo.



“Parece uma delícia, Sash”, disse mamãe, enquanto tirava os pratos do armário. Sentei à mesa entretida com o meu mundinho Dylan enquanto Frankie se ocupava do seu jeito Frankie. Ela estava fazendo uma coisa estranha com a bebida: tentando se ver no fundo do copo ou coisa do tipo.

“Sente-se, mãe”, repreendeu Sasha. “Hoje é por minha conta. Você só precisa sentar e relaxar.” Ela me entregou uma garrafa de vinho branco que tirou da geladeira. “Ashley, sirva uma taça para mamãe.”

“Por favor?”

Sasha revirou os olhos.

“Por favor.”

Sorri e servi. Nada iria abalar meu humor.

“Então, essa caçarola foi feita com frango da fazenda orgânica que fica perto da nossa casa”, Sasha informou ao se juntar a nós. “E os legumes são do mercado dos fazendeiros.”

“E o arroz?”, perguntei, retirando cuidadosamente os champignons, aquelas coisinhas terríveis e pegajosas. “Foi cultivado por uma cooperativa de lésbicas cegas?”

“Não, é do supermercado”, ela respondeu, sem qualquer ironia. Ergui a sobrancelha e tentei capturar o olhar de Frankie, mas ela estava examinando o conteúdo do prato com cara de desconfiada. Com exceção de champignon, aipo e pato, eu como praticamente tudo. Já Frankie, nem tanto. Ela sempre fez questão de saber exatamente o que está no prato. Ensopados eram o inferno gastronômico de Frankie.

“Hummm, hummm”, disse mamãe, revirando os olhos, como se uma garfada de frango com vegetais fosse o auge da alegria. E talvez fosse, afinal

já fazia um tempo que ela não namorava.

Coloquei uma garfada na boca.

“É, está ótimo.” Bem, estava mesmo.

“Então, parece que vou ser promovida no trabalho”, disse Sasha, como se estivesse querendo puxar papo, mas na verdade estava se gabando. “Minha gerente vai mudar para um dos escritórios de Londres... Não estou lá há tanto tempo, mas sou tão qualificada quanto qualquer outra pessoa. Definitivamente tenho chance.”

Sasha é corretora de imóveis. Não há muito que eu possa falar sobre isso, a não ser: que sono.

“Que maravilha, Sash”, mamãe sorriu. “Você e Toby estão se saindo tão bem.”

Sasha sorriu e assentiu enquanto engolia a comida.

“Na verdade, Toby deve ganhar um belo bônus no Natal. Mal posso esperar para ver o cheque!” Ela esfregou as mãos. “Nova cozinha, aqui vou eu!”

As refeições com Sasha eram sempre assim. Era muito raro que Frankie ou eu conseguíssemos falar alguma palavra e, normalmente, a essa altura, eu já estou querendo enfiar o garfo na mão para fugir do martírio que é ouvir a conversa de Sasha. Mas hoje não. Hoje havia o Dylan no horizonte. Enquanto ela tagarelava eu sorria serenamente, imaginando-o nu.

Aquela serenidade durou o dia seguinte, quando fui para a escola e senti a ansiedade que pairava no ar, como se de repente algum botão tivesse sido apertado e, pronto, deu-se início à temporada de festas. Ou talvez aquele clima fosse por causa da conversa sobre os tipos de comemoração natalina que a escola planejou. Que fosse. Havia uma atmosfera festiva e, entre as pessoas que importavam (bem, nós), a conversa foi sobre a festa do Ollie. Então, depois da aula, Ollie nos levou até o lugar.

Normalmente teríamos ido de ônibus, mas isso até o Incidente de Ian. É uma longa história. Resumindo, o Ian é um motorista de ônibus com quem tive um lance de quarenta e cinco minutos. Durante alguns anos, eu cruzava com ele quase todas as semanas e sempre o achei bonito. Ele não era muito mais velho do que eu e a gente sempre ria junto. Então, uma vez começamos a conversar quando eu estava indo para a casa de Donna e ele chegou em mim. Eu achei que deveria empregar o *carpe diem* e aproveitar o momento. Foi divertido, mas para mim não passaria daquilo. Infelizmente, ele tinha outras ideias e começou a me bombardear com mensagens e me perseguir no Facebook. Só Deus sabe como ele conseguiu meu telefone. De qualquer forma, eu não andava de ônibus havia meses, para não correr o risco de encontrá-lo — até meus amigos passaram a evitar as rotas dele, porque o garoto sempre perguntava por mim. Esta sou eu: um ímã de desajustados.

Então caminhamos, com Ollie e Jack, que conseguiu alugar o local por um preço camarada, pois ele jogava em um dos times que usava aquele campo, na frente, como se fossem os reis da selva, como se fossem dois riquinhos que gerenciavam casas noturnas, e não dois meninos do décimo terceiro ano com as chaves de um campo de futebol.

“Sem pressão, então”, falei, depois que Ollie passou dez minutos fazendo propaganda do local como se fosse o Moulin Rouge.

“Eu sei”, disse Sarah. “Você não acha que isso vai ficar todo iluminado e esportivo com, tipo, telões por todos os lados e tapetes horrorosos?” Ela olhou para os lados para se certificar de que Ollie não estava escutando, mas ele estava imerso em uma conversa com Jack. “E se tiver cheiro de vestiário masculino?”

Ergui uma sobrancelha.

“Você tem muita experiência nesse quesito vestiário, não?”

“Ah, sim, Shattock e eu adoramos uma sessão entre os protetores de virilha”, ela brincou.

“Eca, Sar!” O senhor Shattock é enorme e peludo, e gosta de usar shorts curtos do tipo grudados nos testículos. Ele não é sádico, nem machista e não se encaixa em nenhum dos clichês atribuídos a professores de educação física, mas é o homem menos atraente que já conheci. Até meu tio Nige, um mau elemento com tatuagens na cara e dentes a menos, é melhor.

Paramos do lado de fora de uma construção baixa de tijolos com um telhado metálico. Jack destrancou a porta e todos nós entramos.

Era um recinto retangular, mais para grande do que para pequeno, com piso de madeira, um bar em uma parede e espaço para dançar. As paredes eram meio branco-amareladas e manchadas, provavelmente por causa da época em que era permitido fumar em locais fechados. Não havia nem sombra de telões e canais esportivos. Sim, o lugar estava um pouco velho e, apesar de não feder, ninguém se arriscaria a respirar fundo demais, mas de qualquer jeito tinha potencial.

“Ei, é legal!”, falei. Em um dos lados do recinto havia janelas, e dava para ver o mar e as luzes do píer brilhando ao longe.

“É, boa, cara”, disse Rich, dando uma olhada no bar.

Cass estava no meio do salão, mordendo o lábio de um jeito meio patético. Jack colocou o braço em volta dos ombros dela.

“Legal, não é?”

Ela sorriu.

“É. Muito legal.”

Naquele exato momento, eu estava pensando justamente que a coisa mais paternalista e menos convincente a ser feita nessa situação seria afagar a mão de Jack, e foi exatamente isso que ela fez. Troquei olhares com Donna e Sarah. Era óbvio que Cass estava preocupada com Adam, seu namorado babaca, e com o que ele pensaria de um salão velho daquele como o lugar da festa. Bem, ele que se danasse, sinceramente. Até onde eu sabia, Adam não gostava de nada.

“Vamos”, disse Sarah, pegando a mão de Cass. “É a nossa última chance de fazer uma festa antes das provas e de tudo mais que vem no próximo semestre.”

“É, relaxe um pouco, menina”, acrescentou Rich, afagando o cabelo dela. “Até David Cameron relaxa um pouco de vez em quando...”

Eu falei para ele:

“Uau, que ousadia.”

Ele me mostrou o dedo. Muito maduro.

“Ei, Jack”, disse Donna, olhando para Cass, que parecia estressada. “Quais são as chances de você conseguir um drinque gratuito pra gente celebrar?”

“Nem pensar!”, respondeu Jack. “Devem ter câmeras de segurança por todos os lados” Eu duvidava muito, mas, assim como todo mundo, olhei para o teto. Nada.

“Não se preocupem”, disse Rich, retirando uma garrafa do bolso. “Podem tomar um pouco da minha.”

Sarah arregalou os olhos.

“Uau, você passou o dia na escola com isso? E se fizessem uma blitz surpresa nos armários?”

Ele deu de ombros e sorriu convencido.

“Bem, não teve.” Rich se sentou no chão e nós fizemos rodinha onde ele estava. Era muito legal ter aquele lugar só para nós.

“O que temos hoje?”, perguntou Donna. “Licor de limão? Vinho de cozinha?”

Rich lançou um olhar arrasador.

“Baileys, na verdade.”

“Seus pais não vão notar o desaparecimento do Baileys?”, perguntou Cass, tomando um gole.

Rich balançou a cabeça.

“Minha mãe comprou, tipo, umas três garrafas para o Natal. Eu peguei um pouquinho de cada uma.”

Cass passou o frasco para mim. Baileys não é a minha bebida preferida – é o mesmo que tomar manteiga com uísque –, mas foi perfeito para a situação. Quase o fim do semestre, a época de Natal se aproximando... Dylan.

“Ai. Meu. DEUS!”, ganiu Donna, quando percebeu que havia uma máquina Jukebox estilo anos 50 ao lado do bar. Ela correu até lá e gritou: “rápido, preciso de moedas de cinquenta centavos!”. Todos nós procuramos e oferecemos algumas. “Algum pedido?”, ela perguntou ao analisar as opções. Mas antes que pudéssemos responder, Donna declarou: “AH! Não ouço esta há anos!”. Então pôs uma das moedas na máquina e apertou três botões. Em poucos segundos nossos ouvidos foram agredidos por muitos sinos.

“Uh, AMO essa!”, empolgou-se Cass, batendo palmas enquanto todo o resto protestava.

“Don, o que é isso?”, perguntei, torcendo para que essa porcaria natalina não tivesse sido paga com o meu dinheiro.

Donna sacudiu a máquina.

“NÃO! Não foi isso que escolhi!” Ela se virou para nós. “Não foi, juro! Escolhi Dizzie Rascal.”

“Certo. A gente acredita”, Ollie riu. Ele se levantou e pegou a mão de Cass. “Dance comigo”, disse, e começou a pular e se remexer, como se alguém o tivesse colocado na tomada. Nunca conheci um menino que gostasse tanto de dançar quanto Ollie. Nem Rich, que, sem querer taxá-lo nem nada do tipo, não é o maior dos heterossexuais. Cass não precisou de mais incentivo. Olhando de fora não dava para perceber, pela aura de correção e boa moça que ela tinha, mas Cass dança muito bem. Ela pode acompanhar as maiores feras, o que, infelizmente, não era o caso das pessoas que estavam ali. Mas isso não importava, a música não estava nem na metade e todos nós já estávamos requebrando como loucos.

“Uhul!”, disse Rich, me pegando pelas costas e começando a dançar conga. Gritos bregas e danças bregas, mas quem queria estragar a festa?

Peguei o casaco de Donna, que pegou Ollie, que segurou Sarah, que agarrou Cass, que apanhou Jack e *voilà*: estávamos fazendo uma miniconga de sete pessoas, chutando o ar pelo salão e gritando junto com a música como se estivéssemos possuídos pelo espírito brega do Natal. Qualquer um que nos olhasse pela janela teria o impulso de chamar os médicos, mas tanto fazia. Estávamos compartilhando um momento.

Depois daquilo caímos no chão (nada limpo) e ficamos deitados com os braços e pernas abertos, arfando, esperando que as boas sensações se estabelecessem ao nosso redor, como as penas que caem devagar após uma guerra de travesseiros. Fechei os olhos e tentei esquecer de tudo, pensar só naquele momento. Amanhã mamãe iria arrastar Frankie e eu para um “jantar pré-natalino” na casa de Sasha e Toby depois da aula, e eu me sentiria deslocada e inquieta. Era minha família, mas eu não me encaixava. Minha vida era feita de momentos como este: sozinha com meus melhores amigos em um salão aleatório, ao lado de uma máquina de Jukebox de verdade, totalmente confortável e sem vergonha de parecer idiota na frente dos outros.

Pensar no dia de amanhã cortou o clímax. Sentei e abracei meus joelhos, o que fez com que os outros virassem para mim. Nós nos entreolhamos e sorrimos.



TENTEI NÃO FICAR AMUADA NO CARRO, no trajeto para a casa de Sasha e Toby no dia seguinte, mas foi difícil. Não sei por que mamãe insiste que eu participe desses eventos familiares. Como se eu fizesse alguma coisa além de sentar no sofá e olhar para o nada.

“O que será que Sasha vai fazer para o jantar?”, disse mamãe, em uma tentativa de iniciar uma conversa. Eu dei de ombros e olhei pela janela.

“Espero que não seja aquela coisa que ela já fez”, opinou Frankie no banco de trás. “Por que alguém colocaria damasco em um ensopado?”

“É marroquino, meu amor”, disse mamãe.

Frankie suspirou.

“Isso não é desculpa.”

Sorri para mim mesma. Graças a Deus que Frankie existe.



Meia hora depois chegamos à casa de Sasha, que ficava aninhada entre o resto das casas idênticas daquela vizinhança chique. Juro que era como uma cidade de Lego.

“Ooooi!”, ela entoou ao abrir a porta da frente. Mamãe e ela se abraçaram e se beijaram, em seguida Sasha abraçou Frankie e acenou para mim, por cima do ombro de Franks. Apesar de eu nunca ter dito a ela que não

gostava de abraços, ela nunca tentou me abraçar. Justo. Eu nunca fui muito afetuosa, realmente.

“Alguma coisa está cheirando bem”, observou mamãe, ao entregar o casaco para Sasha.

“É *Poulet à l’Orange*”, respondeu com um sotaque francês, sem qualquer ironia. Sorri para Frankie, que colocou as mãos na garganta e fingiu que estava vomitando. Fruta e proteína outra vez: hilário. Naquele instante Toby apareceu, vindo da cozinha, limpando as mãos no avental (sim, ele estava com um avental, em que estava escrito “perigo: homem cozinhando!”).

“Oi, oi”, ele disse, inclinando-se para dar um beijo na bochecha de mamãe. “Que bom vê-las.”

“Vamos para a sala”, disse Sasha. Ela se voltou para Toby: “Querido, pode trazer os aperitivos?”. Ele bateu continência e deu uma piscadela para Frankie, como se quisesse dizer “sou TÃO bem-humorado”, e voltou para a cozinha.

A sala da casa da minha irmã era enorme, com sofás escuros gigantes, uma mesa de centro de madeira e fotos sem significado nas paredes claras: um pôster preto e branco de uma árvore em um campo nebuloso, uma rosa, uma foto dela e de Toby em uma praia. Havia uma pequena árvore de Natal na mesa entre os dois sofás e uma TV em uma das paredes. Eu sabia que a TV tinha som de cinema, pois Toby nos disse isso mais ou menos oitenta e quatro vezes logo que eles a compraram. A sala era quase toda artificialmente limpa e organizada. Quando sentamos, Toby entrou equilibrando duas vasilhas de batatas chips e uma pequena pilha de pratos.

“Batatinhas orgânicas”, ele disse, acho que para se certificar de que não fôssemos achar que eles poderiam ter salgadinhos industriais em casa. Peguei um punhado e encostei no sofá.

“Não se esqueça do prato.” Sasha me entregou um.

“Certo. Obrigada.” Peguei e, com muita força de vontade, consegui não revirar os olhos.

“Como foi o trabalho hoje, Sash?”, perguntou mamãe.

“Nada mal, na verdade. Ainda não soube sobre o novo emprego, mas recebemos mais quatro propriedades só essa semana, o que é bom.” Ela sorriu mostrando coragem. Não posso dizer que me solidarizei com ela, afinal, foi escolha dela se tornar corretora de imóveis durante a recessão, mesmo que fosse em um escritório de ponta, vendendo propriedades milionárias a banqueiros e diretores de empresas. Eu tinha um pouco de inveja por ela poder circular por aquelas mansões com piscinas, academias e cinemas como vemos em programas de TV, apesar de eu poder sobreviver bem sem ter que puxar o saco de gente rica. Já fazia isso o suficiente na loja de mamãe. O que quer que eu decidisse fazer da vida — mesmo que acabasse fazendo filmes —, eu jamais trataria as pessoas como se elas fossem melhores do que eu só por terem dinheiro. Todo mundo é igual, esse é o meu lema — ou seria, se eu tivesse um lema, o que não é o caso.

Mamãe assentiu solidária.

“É difícil. Tenho recebido mais pessoas, mas até agora isso não se traduziu em um aumento nas vendas.” E ela e Sasha ficaram falando de negócios durante dez minutos, enquanto Frankie e eu fazíamos caretas uma para a outra e inventávamos bocejos cômicos. Eu teria ligado a TV, mas não estava enxergando o controle e fiquei com preguiça de levantar e procurar. De qualquer forma, Sasha e Toby tinham mais ou menos cinquenta milhões de canais, e eu nunca sabia qual botão apertar.

Mas então Toby entrou para anunciar que o jantar estava servido e nós fomos salvas. Sasha tinha levado a sério a atmosfera festiva: na sala de jantar, havia serpentinas penduradas no teto e uma árvore de Natal enorme perto das portas duplas que davam no jardim. Sobre a mesa havia uma travessa cheia de bolas de vidro de Natal (aposto um milhão de libras que ela tirou a ideia de alguma revista) e descansos de prato com um *cracker** ao lado de

cada um. Canções natalinas irradiavam do aparelho de som chiquérrimo em cima da bancada e davam o toque final. Que *agradável*, como disse mamãe.

Quer dizer, eu não me importava. Não me ofendia, nem nada parecido. Não sou totalmente desagradável. Mas a questão era Sasha. Ela estava ali parada com um sorriso convencido no rosto, como se quisesse dizer: *assim é que se faz o Natal*. Ela nunca pensava que o jeito dela pudesse não ser o ideal. Como a coisa do prato na sala. Será que ela realmente achava que eu era tão cretina a ponto de não conseguir comer algumas batatinhas sem espalhar migalhas por todos os cantos? Uma pergunta retórica, obviamente.

De qualquer forma, *la la la*. Ignorando-a, sentei à mesa, escolhendo a cadeira mais próxima da porta.

“Oh...” Sasha mordeu o lábio. “Não, tudo bem.”

“O que foi?”, perguntei.

“Não, tudo bem. Você deveria sentar ali, mas acho que não tem importância.” Apontou para uma cadeira. Ergui uma sobrancelha.

“Tem certeza de que não tem problema?”

Ela assentiu com firmeza.

“Absoluta. Pode sentar.” Tuuuudo bem. Sentei e me servi uma taça grande de vinho, depois comecei a preencher as outras três taças. Franks tinha recebido um copo de vidro.

“Para mim não, obrigada”, disse mamãe, cobrindo a taça com a mão. “Estou dirigindo, não é mesmo?”

Sasha a olhou solidária.

“Que pena que não podem dormir aqui.” Toby apareceu na entrada carregando os pratos, e ela foi até ele enquanto falava comigo: “Ash, talvez seja hora de você começar a pensar em fazer aulas de direção, não acha? Seria de grande ajuda para mamãe.”

Limpei a garganta.

“Ótima ideia, Sasha. Você vai pagar as aulas, certo?”

Ela me olhou.

“Você pode economizar.”

“Como? Eu trabalho de graça, você lembra?”. Desviei os olhos para mamãe. “Não que eu esteja reclamando.”

Sasha não respondeu, mas aproveitou a oportunidade para trocar um olhar significativo com mamãe enquanto voltava para a cozinha. Eu não liguei a mínima. Elas viviam fazendo isso.

Toby se sentou ao meu lado — presumivelmente, onde Sasha o mandou sentar.

“Tudo bem?”, perguntei quando ele colocou o guardanapo no colo e puxou a cadeira mais para perto da mesa.

“Tudo, obrigado.” Ele me dirigiu um breve sorriso, em seguida voltou a atenção para mamãe. “Karen, Sasha lhe contou sobre nossos planos de férias...?”

Ótimo. Deixei-os executando essa função e peguei minha surpresa. Estendi a minha para Franks, e ela a olhou desconfiada, como se pudesse explodir a qualquer momento.

“SAAASH?”, gritou Frankie, sem desgrudar os olhos da surpresa. “PODEMOS ESTOURAR AS SURPRESAS?”

Sasha correu da cozinha e esticou o pescoço pela porta.

“Dois segundo, tudo bem? Só estou tirando as batatas.”

Franks sorriu para mim.

“Ah, muito engraçadinhas vocês duas”, disse Sasha ao entrar com as batatas. “Não acharia uma má ideia esperar que estejamos todos à mesa para estourar as surpresas.” Ela estava sorrindo, mas havia um brilho metálico em seus olhos. Ela ia acabar tendo um infarte antes dos trinta se continuasse assim. Precisava relaxar um pouco.

E então, acidentalmente, estourei minha surpresa. Aquilo devia ser muito sensível, pois foi só meu braço se contrair involuntariamente que, bang!, o troço explodiu. Levei um susto danado.

“Oh. Sash. Sinto muito. Foi um acidente, juro.” Tentei parecer sincera, mas não pude evitar a alegria interna. O olhar dela foi demais. Sasha contraiu os lábios.

“Não se preocupe. Para ser sincera, eu não esperava nada diferente de você, Ashley.”

“Ora, vamos. Relaxe”, falei, com as bochechas doloridas pelo esforço de não rir na cara dela. “É só uma surpresa.”

“Sim, obrigada. Sei muito bem que é.” Ela se sentou e esfregou a testa, agitada. Toby começou a acariciar as costas dela, mas nem olhou para mim, deixando para mamãe a função de brigar comigo.

“Sinceramente, Ashley. Cresça”, irritou-se. “E pare com as risadinhas. É uma infantilidade.” Ooh....

“Ouça, desculpe, Sasha. Realmente foi um acidente”, falei, arregalando os olhos, como se isso fosse provar minha inocência no caso. “Não tive a intenção, de verdade.”

Ela se sentou mais ereta na cadeira e levantou os ombros.

“Desculpas aceitas. Talvez eu tenha sido um pouco severa...” Ela deu um sorriso alegre e leve, como uma dona de casa que mais parecia um robô. “Agora, quem quer batata?”

Ufa, crise evitada. Revirei os olhos para Frankie, que riu com a boca dentro do copo de suco de laranja.

“Então, Frankie, como vai a escola?”, perguntou Toby, sorrindo para a minha irmãzinha. “Resolveu aquele problema da nota errada no teste de matemática?”

Estranhamente, Toby e Frankie se davam muito bem. Desde sempre. Toby e eu costumávamos brigar, mas não mais, e por algum motivo ele provavelmente achava tão difícil conversar comigo quanto eu com ele, mas ele deveria ser o adulto desse cenário. Um pouco de conversa-fiada não o mataria. Seja como for, minha irmã era uma excelente cozinheira (claro), e o frango com laranja estava uma delícia, assim como a mousse de chocolate,

então me contentei em ficar sentada comendo em silêncio enquanto Franks flertava com Toby, e Sasha e mamãe tagarelavam sobre o que quer que seja.

Quando serviram o café com chocalatinhos já eram oito e meia da noite, e, apesar de morarmos a apenas quarenta e cinco minutos de distância, Frankie estava começando a se inquietar. Era um pouco histérica em relação a ficar acordada depois das dez da noite.

Mamãe passou a mão na barriga.

“Nossa, estou satisfeítíssima. A comida estava maravilhosa, como sempre, Sash.”

“Apareça sempre que quiser, mamãe. Você sabe disso. Gostaria que morássemos mais perto para eu poder ajudar mais.” Sasha inclinou a cabeça para o lado e sorriu, como uma santa. Mamãe retribuiu o gesto e olhou o relógio.

“Acho melhor irmos...”

Perto da entrada, de repente nossos casacos apareceram nos braços de Sasha, como em um passe de mágica.

“Obrigada pelo jantar”, falei educadamente. “Estava uma delícia.”

Sasha colocou a mão no peito, como se tivesse levado um choque violento.

“Oh! Ora, Ashley. É uma honra! De nada.”

Ah, não encha, sua vaca sarcástica, não foi o que eu disse, por mais que quisesse.

Mamãe esfregou as mãos.

“Então nos vemos no dia do Natal!” Em seguida, e de forma uníssona, ela e Sasha ganiram: “Só mais doze noites!”

Me. Dê. Forças. O Natal tanto fazia. E dois era o meu número da sorte. Só faltavam dois dias para a festa de Ollie: apenas mais dois dias para encontrar Dylan outra vez. Tal pensamento bastou para me permitir sobreviver durante o trajeto até em casa.

Mas antes eu tinha que entrevistar Bridget. Não tinha notado o quanto eu estava nervosa. Só de pensar me dava vontade de ir no banheiro (desculpe, mas é verdade). A entrevista não seria tudo, mas se Bridget falasse coisas legais, acho que definitivamente eu poderia ganhar pontos extras no projeto. Consegui pegar uma câmera e um microfone emprestados na escola e passei a aula de comunicação inteira experimentando posicionamentos, luzes e som, e de maneira geral me certificando de que eu sabia exatamente como utilizar tudo sem entortar ou parecer uma idiota. Durante o tempo livre depois do almoço, pensei nas perguntas que faria, e até o fim do dia estava me achando preparada. Mas mesmo assim ainda me sentia estranhamente nervosa. Esse documentário tinha que ser extraordinário se eu quisesse ter alguma chance de passar na escola de cinema. Não estava acostumada a me importar tanto assim com trabalhos escolares. Até que era legal, apesar de estressante. Uma dose de vodca com refrigerante teria resolvido o problema, mas respirar álcool na cara do entrevistado não é exatamente a melhor solução...

Encontrei Cass e Sarah na saída.

“Muito bem, Ash, o que você está fazendo por estas bandas?” (Eu normalmente saía pelo estacionamento dos professores, pois era mais perto da minha casa.)

“Tenho que entrevistar uma senhora para a minha aula de comunicação.”

“Ah. Certo.” Sarah enrugou a testa. “Quanto comprometimento, Ashley.”

Soltei um riso falso.

“É, pois é. Não posso ser preguiçosa a vida inteira... De qualquer forma, estou um pouco atrasada, então, boa noite, ok?” E, sem esperar a resposta, fui em direção a casa de Bridget. Eu me sentia mal por esconder das minhas amigas a ideia da escola de cinema, principalmente de Donna, mas tinha

muita coisa em jogo. Eu não ia me expor dessa forma por alguma coisa que talvez não acontecesse. Melhor ficar na minha. Ela entenderia.

Imprimi o caminho até a casa de Bridget e fui com bastante antecedência, então cheguei vinte minutos mais cedo. O bastante para começar a me borrar inteira (não literalmente) pelo que estava por vir. Passei o tempo andando de um lado para o outro na rua e repassando a entrevista mentalmente. Ou melhor: pelo menos tentei, mas as casas velhas e grandes me distraíram. Não estava escuro ainda, e poucas pessoas tinham fechado as cortinas, o que me dava acesso visual a grandes salas, sofás de couro espaçosos, tapetes coloridos e prateleiras cheias de livros. A rua era assim. A maioria das casas tinha sido reformada, com novas janelas, Audis e carros 4x4 nas entradas, mas a de Bridget parecia desgastada, com a tinta descascando e ervas daninhas precisando ser podadas na entrada.

Faltando cinco minutos para o horário combinado, toquei a campainha e esperei séculos até ouvir passos e um agito do outro lado da porta. Uma velhinha exatamente como eu imaginava abriu a porta. Ela tinha cabelos brancos, que estavam presos em um coque, e, a não ser pelo fato de que estava usando calça e muita maquiagem, seria parecida com a senhora Pimentinha. Cada ruga parecia um milhão de vezes mais destacada pelo fato de estar coberta de base, e o batom rosa teria sido sutil se não tivesse penetrado as rugas em volta da boca.

“Ashley, presumo?”, disse, sorrindo e estendendo a mão.

“É um prazer conhecê-la, senhora Harper”, respondi, apertando a mão dela. Foi estranho. Eu estava tímida. E eu nunca ficava tímida. Talvez fosse porque eu não tinha interagido antes com um idoso — pelo menos não tão ancião quanto Bridget. Fiquei intimidada tanto pela longevidade quanto pela experiência de quase ter morrido. Qual era o meu problema? Não sei.

De qualquer forma, ela descartou minha formalidade com um aceno de mão.

“Oh. Pode me chamar de Bridget, querida. Pois do contrário eu teria que chamá-la de senhorita Greene, e isso eu não consigo.” (Sim, meu nome é Ashley Greene. E não, não sou uma vampira. Podemos mudar de assunto?) Isso não *“cunsignu”*. Gostei do sotaque dela. Ela me convidou para entrar, e pela primeira vez notei que ela estava apoiada em uma bengala.

Então olhei para a casa. Era incrível — como um museu dos anos cinquenta. O papel de parede estava descascando e tinha manchas de umidade, e o tapete (com estampas curvilíneas) estava gasto, mas eu adorei. Quer dizer, era um local genuinamente velho. O lugar era praticamente assombrado por histórias. Dava para imaginar o ruído de crianças correndo, festas, piadas e brigas familiares. O fato de ser tão quieto agora era quase insuportavelmente triste.

Como se tivesse lido a minha mente, Bridget virou lentamente para me encarar e falou:

“Obviamente a casa é grande demais para uma pessoa só, e às vezes os ecos podem ser excessivos, mas não suporto a ideia de me mudar.” Fechou os olhos e sorriu. “Muitas lembranças...” Abriu-os novamente e se virou para mim. “Tenho muita sorte.” Ou, em outras palavras, *não sinta pena de mim porque sou velha. Já vi coisas que você nem imagina, garotinha*. Foi assim que interpretei. Eu já gostava dela.

A sala não era tão parecida com um museu, pois tinha uma TV grande e uma poltrona que girava e se inclinava, de modo que ela podia sentar sem se curvar, e depois subia outra vez até que ela estivesse sentada e com os pés apoiados. Perto da cadeira havia uma mesinha com livros, uma lupa, um guia de TV, uma caixa de lenços, um porta-lápis... e isso foi tudo o que pude enxergar. A televisão estava ligada, mas sem som.

“Se concordar, pode me filmar aqui”, ela falou mexendo a cadeira. Fez uma careta. “Quebrei a bacia há alguns anos e nunca mais fiquei boa, então ultimamente só consigo ficar sentada.”

“Assim está ótimo”, falei, começando a desempacotar minhas coisas. Parei e olhei em volta. “Tudo bem se eu mover um pouco as lamparinas? Colocarei tudo no lugar depois, obviamente.” Ri, nervosa.

“Como quiser, querida.” Ela apontou o controle remoto para a televisão e aumentou o som, me esperando arrumar a câmera. “Avise quando estiver pronta... Oh!” Ela colocou as pontas dos dedos na testa. “Não lhe ofereci uma xícara de chá! Desculpe-me. A chaleira e o resto dos acessórios estão na cozinha: temo que tenha que se servir sozinha.”

“Tudo bem, estou bem”, respondi. “Hum, a não ser que queira que eu prepare um para você.” Assim que falei, me arrependi. Oferecer uma xícara de chá a uma estranha na própria casa é muito estranho, ainda que a estranha tenha duzentos anos de idade.

Mas ela juntou as mãos e os anéis tilintaram.

“Sabe, eu adoraria um chá. Quanta consideração.” Bridget sorriu para mim e eu desejei que ela gostasse de mim, o que soa tolo, mas é a verdade.

“Siga pelo corredor, você vai ver a cozinha”, continuou. “Sinta-se livre para explorar, mas acho que o que você precisa para o chá está à vista. Talvez encontre biscoitos em algum armário, apesar de só Deus saber há quanto tempo estão lá. Eu costumava comprar quando meus netos vinham me visitar, mas meu filho e a companheira se mudaram para a Nova Zelândia há algum tempo.” Ela limpou a garganta e coçou a pálpebra. “Então sirva-se.” E depois voltou a atenção para o programa de TV.

Fora a geladeira, o forno e um micro-ondas, a cozinha era um verdadeiro túnel do tempo. Os armários eram cobertos por uma tinta laranja descascada e o papel de parede tinha uma estampa de margaridas. Havia até uma despensa com pacotes velhos e jarras atrás de cereais, pão, uma manteigueira, latas de sopas e feijões. Dei uma rápida olhada enquanto a chaleira fervia, mas queria começar a entrevista, então coloquei dois sachês de chá em duas canecas, coloquei água e leite (não antes de cheirá-lo) e

leve para a sala. Tinha me esquecido de perguntar para Bridget se ela tomava com açúcar, mas concluí que ela teria me dito se fosse este o caso.

Alguns minutos mais tarde eu estava pronta.

“Certo.” Limpei a garganta e me certifiquei de que estava com as anotações organizadas no chão, na minha frente, de modo que conseguisse lê-las sem ter que pegar. Não queria ruídos de papel na filmagem. Respirei fundo e apertei REC.

“Bridget, conte-me sobre sua experiência de quase ter morrido. Foi durante a guerra, certo...?”

Então Bridget me contou a história. Falou lenta e calmamente, mas de maneira clara, como seria de se desejar. Obviamente já tinha feito aquele relato antes.

“Foi em mil novecentos e quarenta, sábado, catorze de setembro”, narrou. “Eu e minha irmã Susan morávamos com nossos pais aqui em Brighton. Eram mais ou menos três e meia da tarde. Lembro-me de que eu e Susan estávamos jogando cartas, e ela estava irritada comigo por não deixá-la vencer nunca, apesar de ela ser mais nova. Sem que soubéssemos, naquele instante um piloto alemão estava sendo perseguido por um caça dos Aliados, sobre Kemp Town, onde morávamos. O piloto achou que teria mais chances de escapar se deixasse a aeronave mais leve, então soltou as bombas de uma vez... Bem, você pode imaginar a devastação.” Bridget parou e tomou um gole de chá.

“A primeira coisa de que me lembro é uma luz pura e brilhante me cercando e uma sensação de extrema calma. Comecei a seguir Susan, que estava se afastando de mim, mas ela olhou para trás e balançou a cabeça. Parecia muito contrariada, o que, naquele momento, achei que ainda tivesse relação com o jogo de cartas. Em seguida, a luz foi substituída por uma sensação de dor intensa que se espalhava pelo meu corpo. Fiquei confusa e muito assustada, mas uma enfermeira apareceu e me disse para não me

preocupar. Falou que uma bomba havia explodido na nossa rua, arrasando a nossa casa, e que eu estava no hospital e tinha muita sorte por estar viva.”

Ela parou de falar. Sem olhar para minhas anotações, perguntei:

“E o que aconteceu com o resto da sua família?”

Sem pausar, ela respondeu:

“Susan foi morta, assim como minha mãe. Meu pai não estava em casa e não se machucou. Ao todo, cinquenta e duas pessoas morreram, inclusive minha melhor amiga.” Ela sorriu tristemente. “Perdi minha mãe, minha irmã e minha melhor amiga em um intervalo de minutos, mas isso é a guerra.”

Isso era muito mais do que um relato de uma experiência de sobrevivência. Esqueci-me da câmera e me... envolvi, eu acho, com a tristeza dela e o horror do que tinha sofrido. Claro, não pude deixar de pensar em Frankie e Donna, e no que faria se morressem. Ignorando as lágrimas nos meus olhos, falei:

“Não sei o que faria se isso acontecesse comigo. Como a senhora superou?”

Bridget tossiu e pegou um lenço da caixa na mesa ao lado.

“Você simplesmente supera, querida. A dor nunca passa, mas com o tempo você aprende a lidar com ela. Susan tinha doze anos quando morreu, e por um longo tempo me senti muito culpada por ter sobrevivido e ela não. Tirei um pouco de conforto do fato de que ela provavelmente não sentiu dor, como eu não senti nada quando experimentei a luz brilhante e todo o resto.”

“O que você acha que foi essa luz brilhante?”, perguntei.

Ela balançou a cabeça.

“Não sei. A parte racional de mim entende que provavelmente foram processos químicos enquanto meu cérebro e o resto se fechavam, mas...”, pausou. “Não sei.”

“Você acredita no céu?”

Bridget sorriu.

“Essa é uma grande pergunta, mais uma que não sei responder. Sou agnóstica, e temo que esse seja o máximo que eu possa afirmar.”

Verifiquei minhas anotações, mas a maioria das perguntas parecia irrelevante agora, e as outras já tinham sido respondidas de um jeito ou de outro.

“Uma última pergunta. Qual é a sua opinião sobre a guerra?”, indaguei. “A sua experiência mudou sua posição?”

Bridget pareceu pensativa por um instante.

“Bem, é preciso lembrar que eu só tinha quinze anos na época, e todos aprendíamos a crer que a Inglaterra era forte e que estávamos todos lutando juntos para a nossa futura liberdade.” Ela fez um gesto irônico. “Então, nesse sentido, sim, as crenças despencaram aos meus olhos naquele dia. Mas agora...?” Ela deu de ombros. “A guerra é um fato da vida.”

Desliguei a câmera e a coloquei no chão, ao lado da minha cadeira, depois peguei minhas anotações e fingi olhá-las.

“Acho que é tudo”, pausei. “Obrigada, Bridget... Estou tão...” Procurei uma palavra que não fosse soar completamente idiota, mas não encontrei, então mantive a escolha original, “*honrada* por você ter dividido comigo a sua história”.

“Bem, de nada, Ashley. Obrigada por me permitir que eu a compartilhasse.” Ela sorriu com expectativa. Quis me debulhar em lágrimas e dizer que a vida era difícil e depois vê-la balançar a cabeça e responder que me entendia, e depois queria que ela me pedisse para ficar mais, para que pudesse me contar mais sobre a sua vida, mas a entrevista já tinha acabado. E, de qualquer jeito, isso teria sido estranho.

Então arrumei minhas coisas, levei as canecas para a cozinha, lavei-as, depois me despedi.

Enquanto ia para casa, fiquei imaginando o que Bridget estaria fazendo. Será que estaria vendo TV, será que já teria esquecido a nossa conversa? Ou

estaria na sala em silêncio, pensando no passado? Ou em mim...? A entrevista não poderia ter sido melhor, mas por algum motivo eu não estava feliz. Estava me sentindo como se tivesse ofendido alguém de quem gostava, mas sem entender muito como isso tinha ocorrido. Eu deveria estar animada com o rumo que meu filme estava tomando, mas em vez disso me arrastei para casa com pensamentos sombrios sobre morte.

Na manhã seguinte, fiquei na aula de biologia torcendo para o tempo passar. Convenci Donna, estrela da turma A2 de dramaturgia e atriz de talento, a narrar algumas experiências reais de sobrevivência com sotaques diferentes, que eu utilizaria como narrações para tomadas com fotos encontradas em livros e revistas. Ia encontrá-la na ilha de edição (sim, ilha de edição — olhe como eu sou legal) no almoço, mas o tempo parecia estar em greve. Podia jurar que eram nove e quinze havia uns vinte minutos.

Mas aproximadamente 349 anos depois, finalmente a hora do almoço chegou, e eu saí quase saltitando para encontrar Donna. Ela já estava lá, lendo as histórias que eu tinha dado para ela, mexendo a boca enquanto treinava as palavras.

“Oi, tudo bem?”, ela disse, pois o barulho da porta a tinha feito levantar os olhos. Donna segurou a pilha de histórias e as ajeitou na mesa. “Estou pronta quando você estiver.”

Senti vontade de rir quando pensei na ideia de gravar Donna falando com sotaques engraçados, mas ela claramente não compartilhava da sensação, então disfarcei. Profissionalismo do início ao fim.

“Então...” Limpei a garganta. “Que sotaques você vai fazer?”

“Bem, esta aqui diz que mora em Londres, então usarei minha voz normal.” Colocou a história no topo da pilha. “Depois pensei em fazer escocês, irlandês, de Manchester e um chique nos outros.”

“Uau, você sabe fazer isso tudo?”, perguntei. Eu não saberia imitar o sotaque escocês nem que pusessem uma arma na minha cabeça.

“Sim, claro”, ela disse, desdenhosa.

“Certo. Tudo bem... vamos lá.” Preparei o computador para gravar, em seguida me afastei para que Donna pudesse se aproximar do microfone. “Pronta?” Ela assentiu, e eu estiquei o braço e apertei REC.

“Há quatro anos me envolvi em um acidente de trânsito...”, começou. Era ela, mas não era. Ela fez uma voz suave de alguém mais velho, dava para acreditar que essa pessoa tinha passado por uma experiência traumática. Na metade do texto, na parte em que a narradora fala sobre a perda da mãe no acidente, os olhos de Donna se encheram de lágrimas e ela engasgou. Tive que virar de costas e fingir que estava fazendo anotações. Donna era brilhante, mas a emoção me constrangeu. E sei que isso é mais problema meu do que dela.

Mas, enquanto Donna narrava as histórias, fiquei animada. Comecei a dizer para mim mesma que deveria acreditar que meu filme seria bom. Talvez até muito bom. Era um pensamento perigoso, mas não pude evitar.

“Obrigada, Don, foi incrível”, falei quando ela acabou a última história (curiosamente sobre uma menina que quase se afogou).

“Sem problemas”, ela disse. “Podemos comer agora?” Donna se levantou, colocou o casaco na bolsa e a jogou por cima do ombro, arriscando a integridade dos equipamentos de edição de milhões de libras.

“Podemos”. Franzi o rosto para a tela do computador e salvei os arquivos. “Vá indo. A gente se encontra lá.” Enquanto ela saía pela porta, gritei: “E compra pra mim uma batata com queijo, por favor?” Ela me mostrou o dedo do meio, que interpretei como *claro, será um prazer*. Sorrindo para mim mesma, dei *log out* no computador e reuni todos os papéis que Donna havia largado no chão. Um bom dia. E era sexta. Amanhã tinha a festa de Ollie.

★sorriso★

★ *Crackers*: tradição natalina britânica. É um rolo de papelão coberto por papel brilhante e que contém um brinquedo pequeno, uma coroa de papel e uma frase (que pode ser uma piada, um enigma ou um lema). Para abrir, a pessoa puxa e o *cracker* faz um barulho. (N. T.)



O QUARTO DE CASS PARECIA O DE KATIE PRICE depois de uma limpeza no guarda-roupa. Havia pelos falsos e estampas de animais por todos os lados. Acho que foi ideia de Donna que a gente se vestisse de mulheres das cavernas de mau gosto para a festa de Ollie (que não era nada chique). E essa era uma desculpa esfarrapada para deixar o corpo à mostra, apenas um pouco coberto com uma pele de tigre, mas pelo menos o dia estava quente. Na verdade, agora que parei para pensar, deve ter sido ideia de Donna, mesmo, pois foi ela que passou horas na internet procurando roupas de mulheres das cavernas. Mas não estávamos seguindo totalmente essa ideia... Digo, eu estava com botas Doc Marten e uma saia com estampa de zebra, e prendi meu cabelo em um coque bagunçado e enrolei um cachecol de leopardo na cabeça. Sim, Cass, por mais bizarra que fosse ficar, tinha comprado uma roupa de leopardo e sapatos para combinar, mas ela tinha Adam e não precisava se preocupar. E ele não precisava se fantasiar para parecer um Neanderthal. Rá, rá.

Donna estava do tipo feroz, com uns saltos de tigre, leggings pretas e uma jardineira com estampa de leopardo, e Sarah conseguiu ficar chique (o que era uma sacanagem, mas ela não conseguia ter mau gosto nem que tentasse) com um vestido de zebra. Após algumas horas de arrumação, paramos em silêncio, espantadas, diante do espelho de Cass.

“Estamos lindas!”, suspirou Sarah, virando de lado e alisando o vestido. “Minhas pernas parecem *compridas*! Tipo, nunca mais vou vestir nada sem estampa de zebra.” Ela diminuiu a voz e deu um sussurro dramático. “É... *mágico*.”

“Acho que é o comprimento da roupa...”, disse Donna, rindo. “Você devia usar vestido curto com mais frequência.”

Cass levantou o cabelo.

“Acham que ficaria melhor assim?”, perguntou. “Acho que estou meio sem graça.”

Contemplamos o penteado de Cass, os cabelos soltos e lisos, em um bom dia. Donna tirou um elástico da caixa na cama de Cass e foi para trás da amiga.

“Por que não amarra assim, depois penteia de trás para a frente?”, sugeriu, utilizando as pontas dos dedos para prender o cabelo de Cass em um rabo bagunçado.

“Isso, e coloque bastante delineador. Nos seus olhos claros, vai ficar incrível. Bem dramático”, acrescentei.

Ela não pareceu convencida. Sarah a cutucou gentilmente.

“Vá em frente, Adam não vai conseguir tirar os olhos de você.”

O rosto de Cass se iluminou.

“Você acha?”

“Totalmente”, respondemos seriamente. O fato de Adam ser o termômetro de Cass era um pouco dramático, mas o que podíamos fazer? Então que Donna exercesse sua magia. O efeito foi espantoso. Ela se transformou numa garota de classe e ousadia ao mesmo tempo — na verdade, ficou como ela mesma, só que mais arrojada. Ela se olhou no espelho e instantaneamente pareceu mais confiante.

“Viu?”, observou Donna, cruzando os braços satisfeita. “Maravilhosa.”

Cass enrubesceu e sorriu.

“Obrigada, Don, você é demais.”

“Exatamente”, disse Donna, adorando o elogio. “Ops, alguém recebeu uma mensagem.”

Todas nós alcançamos os respectivos telefones.

“Fui eu”, falei e em seguida resmunguei. Era o motorista de ônibus que me persegue.

Pensando em vc!

Quer sair pra beber uma hr dessas?

Me avisa quando puder!!

“Quem é?”, perguntou Donna.

“Ian, o psicótico”, falei. “Quer sair pra beber.”

“Ah, ótimo”, observou Sarah, ainda fazendo pose diante do espelho. “Vai combinar alguma coisa com ele?”

“Rá, rá.” Deletei a mensagem.

Donna acendeu a tela do próprio celular para verificar a hora.

“Quase oito e meia... vamos?” E após alguns minutos arrumando o quarto de Cass (ela tinha mais uma fraqueza: obsessão por arrumação), saímos. De braços dados, Donna, Cass, Sarah e eu fomos andando para a festa. Irritamos algumas pessoas que tiveram que andar pelo asfalto para poder desviar de nós, mas estávamos animadas demais para ligar. E eu mal podia esperar para ver Dylan. Ao longo de todo o dia, toda vez que pensava naquilo eu tinha vontade de sair pulando, apesar de não acreditar que ele realmente fosse aparecer. Obviamente eu não tinha dito nada a elas. Quer dizer, Donna sabia, mas ela era minha melhor amiga. Nunca falo tudo; assim, quando alguma coisa dá errado, consigo fingir que não me importava de fato.

“Uau.”

Foi Sarah quem disse, mas todas nós pensamos a mesma coisa. O interior do salão tinha se transformado em uma gruta natalina. Alguém havia pendurado luzes em frente ao bar. Também puseram pequenas velas em vidros vazios de geleia, que foram agrupados nos parapeitos das janelas, e as miniárvores de Natal enfeitadas estavam nas duas pontas do bar.

Ollie apareceu enquanto admirávamos o lugar.

“Gostaram?”

“Ficou incrível”, disse Cass, e olhou para ele. “Quem fez?”

Ele nem tentou parecer ofendido por termos presumido que não era mérito dele.

“Minha prima é decoradora... caramba, olhem para vocês!” Só agora ele tinha notado nossas roupas? Uma menina jamais levaria tanto tempo. Ele acenou com a cabeça em tom de aprovação, fixando o olhar nas pernas de Sarah. Ela percebeu, mas não fez nada em relação a isso. Tinha acabado de passar por uma experiência com um estudante de Londres que só queria sexo sem compromisso. O que não teria problema nenhum, se ela não tivesse perdido a virgindade com ele e depois se apaixonado. De qualquer forma, ela estava compensando o trauma com uma greve geral de meninos. Não queria saber nem de Ollie, que era oficialmente adorável, e — na minha opinião — gostava dela. Eu não a entendia, mas, humpf, tanto faz.

Ollie chamou Jack e Rich para onde estávamos, para admirarem nossos figurinos. Rich assobiou.

“Fiu, fiu, madames”, ele disse. “Vocês... estão totalmente deslumbrantes.” Ele sorriu lentamente enquanto assimilava o efeito geral das nossas roupas de estampas animais.

Ergui uma sobrancelha.

“Não tem por que ficar tão surpreso.”

“Bem, vocês geralmente são tão horrendas...” O olhar de Rich parou nas pernas de Sarah. “Uau... O. Que. São. *Elas??*”. Ela riu e enrubesceu.

Enquanto isso, Jack estava conversando com a nova mulher fatal, Cass.

“Você está linda”, falou, sorrindo quase timidamente.

“Obrigada. Você também está ótimo”, disse, retribuindo o sorriso. Limpei a garganta e olhei em volta, procurando Dylan. Apesar de obviamente não me importar em passar A NOITE INTEIRA ouvindo minhas amigas recebendo elogios, torcia para que o ponto alto da festa ainda estivesse por vir.

“Acho que ainda não estão aqui”, disse Donna, me vendo esticar o pescoço para olhar aquele mar de pessoas. Só Deus sabe como Ollie conhecia tanta gente. Talvez não conhecesse. Ela apontou com a cabeça para o bar. “Quer tomar alguma coisa?”

Ótima ideia. Cass e Sarah pararam de sorrir afetadamente por tempo suficiente para nos informarem o que queriam, e saímos contornando a multidão — recebendo alguns elogios pelo caminho, muito obrigada — para buscar as bebidas.

No bar, nos inclinamos sobre a bancada e nos servimos dos petiscos.

“Você está linda, aliás”, disse Donna, sem olhar para mim.

Engoli um punhado de amendoins.

“Você também, querida. No mínimo tão linda quanto a senhorita monogamia e a santa Sarah ali atrás.”

“É.”

“É.”

E, depois de termos recolocado cada um em seu devido lugar naquela conversa de um segundo, voltamos a nos empanturrar de amendoins enquanto esperávamos o barman gorducho com o cofrinho aparecendo nos notar.

“Acha que ele é fixo deste salão?”, perguntou Donna, acenando para o sujeito.

“Deve ser. Quem o escolheria como barman da noite?” Aparência não é tudo, ok, mas convenhamos: aquele homem era clinicamente obeso. Cada vez que se abaixava para pegar alguma coisa na geladeira, eu me preocupava de verdade com o fato de que aquela fosse a sua última ação. Não queria

um barman morto na minha consciência, então, quando ele se curvou outra vez, gritei: “Aproveitando que está abaixado, pode nos dar cinco cervejas e dois sucos de cranberry com vodca?”. Ele assentiu e fomos servidas. Adoro quando um plano dá certo.

“Bom trabalho”, disse Donna, e depois levamos as bebidas até os outros. Adam tinha aparecido e estava esticado em uma cadeira. Ótimo.

“Oi, Adam”, falei. “Que raro prazer.”

Ele deu de ombros.

“Pois é.” Esperei o resto, mas aparentemente isso era tudo que ele tinha a declarar. Oscar Wilde: cuide-se. Donna e eu trocamos olhares e apoiamos as bebidas, mas Cass já estava com uma na mão. Ela sorriu. Adam sempre fazia isto: ia direto ao bar e comprava uma bebida para ele e outra para Cass, evitando ter que participar de uma rodada.

“Tudo bem, eu tomo”, falei e virei de uma vez. A espera por Dylan estava me deixando nervosa.

“O que achou da roupa de Cass, Adam?”, perguntou Donna, sentando ao lado dele e se inclinando.

Ele respirou e passou a mão no cabelo.

“Minha Cassie fica sempre linda, não é mesmo, amor?” Ele afagou o próprio joelho e Cass foi para o colo dele. Daqui a pouco ele vai mandar que ela deite e oferecer biscoitos caninos a ela (hum, isso soou mais grosseiro do que eu pretendia). Ele passou a mão pela coxa dela, por baixo da saia. Bem por baixo.

Rich inclinou a cabeça para o lado.

“Hum. Onde foi que já ouvi esta música? Não consigo identificar. Adam, é mais fácil para você identificar este som?” Donna gargalhou enquanto bebia e eu virei a cara para que Cass não me visse rindo.

Ollie esfregou a mão na mesa.

“Esta madeira precisa de retoques. Mais alguém tem alguma madeira... que precise de retoques?” E então estávamos todos rindo dentro dos

próprios copos, tentando não trocar olhares uns com os outros, ou cairíamos numa gargalhada histérica.

Adam tirou a mão de debaixo da saia de Cass e — juro que não estou inventando — limpou no jeans, em seguida retirou a garota do seu colo.

“Vamos, amor, vamos indo. Não vim aqui para ficar ouvindo essas brincadeiras de pirralhos.” (Já mencionei que Adam tem vinte e um anos? Tipo, um verdadeiro adulto.)

“Ah, não vá”, adulou Sarah, pegando a mão de Cass. “Queria tanto dançar com todo mundo.”

Cass abriu a boca para falar, mas Adam a interrompeu.

“Ela vem comigo.”

Então, do nada, Jack bateu com a garrafa na mesa com força, de modo que todos nós tivemos que segurar os copos apoiados para que não caíssem.

“Quando você vai parar de ser tão controlador, hein, cara?” (Ele disse “cara” como se fosse sinônimo de “seu completo babaca”.)

“Desculpe, o que foi que você disse?” Adam fez aquela expressão desdenhosa que indica que lá vem confusão e enrugou a testa, deixando bem claro que alguém ia acabar levando um soco.

Donna tentou interferir, mas Jack levantou a mão para contê-la. Ele olhou no olho de Adam e manteve a voz baixa e firme.

“Eu disse: pare de ser tão controlador. Ela é uma pessoa, e não sua cachorrinha.”

Cass segurou a cintura de Adam e disse em voz alta:

“Não fale assim com ele.” Duas manchas vermelhas apareceram nas bochechas de Cass, mas não deu para sacar se ela estava furiosa, envergonhada, ou o quê. De qualquer forma, não era do feitio dela levantar a voz, e Jack deu uma recuada, como se ela o tivesse agredido. Então Adam aproveitou a chance e atacou.

“Não encha, bonitinho”, rosnou. “Não posso culpá-lo por querer comer minha namorada — ela é gostosa. Mas por que você não para pra pensar por

que ela iria querer um menino quando pode ter um homem de verdade?” Ele virou as costas para nós, puxou Cass, apertando-a contra si, afastou-se da mesa e foi até a porta. Ela olhou para trás, lamentando, mas ele a puxou e ela virou a cabeça outra vez.

Rich exalou.

“Uau. Que cara legal.”

Jack já tinha sentado novamente, mas estava segurando a garrafa com tanta força que as juntas de suas mãos estavam brancas. Sarah colocou a mão sobre a dele.

“Você teve razão em se pronunciar.”

Ele puxou o próprio cabelo.

“O que ela está *fazendo* com ele? Ela é linda, engraçada, inteligente. E ele... ele não passa de um idiota.” Jack balançou a cabeça, e com certeza estava pensando: *e agora ela me odeia*. A gente se entreolhou por cima da cabeça de Jack. Ele é apaixonado por ela desde sempre. Digo, isso jamais foi declarado. Mas sabíamos. Cass também sabia, apesar de fingir o contrário.

Então Jack, o pobre coitado, que poderia ficar com quem quisesse pois era um jogador de futebol bonito, inteligente e com senso de humor, nunca tinha transado. Ele queria o grande evento, algo que “significasse alguma coisa” quando finalmente acontecesse, e achava que só teria um significado se fosse com Cass. O que, na minha humilde opinião, significava que Jack provavelmente ia morrer virgem.

Ollie acabou a cerveja e limpou a boca com a mão.

“Tem razão, cara”, disse. “O sujeito é um babaca. E Cass vai superar isso. Não vai guardar mágoa.”

“É com isso que estou preocupado”, Jack disse sério, e todos nós rimos. Os cantos da boca dele então se mexeram ligeiramente, mas isso foi só um pequeno oásis de tranquilidade em um deserto de chateação. Ele estava triste. Mas logo se levantou e sorriu corajosamente, esfregando as mãos. “Então, continuando. Quem quer uma bebida?”

Ollie gostou da ideia. A última coisa que queria era que todos se lembrassem da festa dele apenas pelo comportamento horroroso de Adam.

“O mesmo para mim. Saúde, cara.” Todos nós concordamos, exceto Sarah, que não bebia muito e pediu uma coca.

“Oh, *pobre* Jack”, Sarah suspirou enquanto o observávamos se juntando à multidão do bar. Sim, pobre Jack. Franzi a testa em solidariedade, mas minha mente já tinha avançado para assuntos mais sérios. Tipo, onde diabos estava Dylan? E então, como se estivesse escrito no script, ele e Marv apareceram na porta, como caubóis entrando em um bar. Hum, onde estão o gelo seco e a música dramática quando precisamos? Devo ter dado bandeira, pois Donna seguiu meu olhar e me deu uma cotovelada sutil nas costelas.

“Ai, ai, olhe só quem está aqui”, ela disse.

“Sim, muito obrigada. Eu já tinha notado.” Minhas entranhas estavam saltitando — mal podia acreditar que ele tinha aparecido —, mas apenas revirei os olhos para ela. Donna colocou dois dedos na boca e produziu um assobio ensurdecedor. Cerca de três quartos dos presentes viraram para descobrir de onde vinha aquilo, mas, por sorte, apenas os dois meninos se aproximaram. E meu estômago começou a se mexer loucamente enquanto observava Dylan atravessando o salão, com as mãos nos bolsos dos jeans justos.

Enquanto ele se aproximava, o analisei discretamente. De cima para baixo, o figurino era assim: cabelos ao vento — *bien sûr* —, uma camisa xadrez larga e um longo cordão prateado por cima — adoro meninos que conseguem usar joias —, os jeans e sapatos lindos de bico pontudo que o deixavam parecendo o flautista de Hamelin. Resumindo: gato. GATO, GATO, GATO. Há muito tempo eu não gostava de alguém assim. Há anos, até.

Suspirei com uma mistura de desejo e decepção realista. Independente do que Donna dissesse, ele estaria saindo com alguém muito abaixo dele se

saísse comigo. Respirei fundo, acabei minha segunda cerveja e os últimos cinco centímetros do drinque de Sarah e me preparei para arrasar.

“Oi”, falei para os dois meninos, mantendo contato visual e um sorriso largo. “Legal que tenham vindo.” Acenei com a cabeça para as cadeiras recém-vagadas por Adam e Cass. “Estão livres.”

Donna apresentou-os para Ollie, Jack, Rich e Sarah, e eles se sentaram. Dylan sentou ao meu lado. Uhul! Enquanto ele se sentava, observou minhas roupas e ergueu a sobrancelha. Retribuí o gesto.

“Algum problema?”

Ele sorriu.

“Belo modelito.” Foi a primeira vez que o vi sorrir. Para um menino tão alto e sério, ele tinha um sorriso ridiculamente jovial. Com covinhas e tudo.

“Obrigada. É mesmo, não é?”, suspirei, passando as mãos pelo corpo. Depois, voltando à minha voz normal, acrescentei: “você também não está nada mal. Adorei o colar.”

“É um cordão, na verdade”, corrigiu. “Meninos não usam colar, ok?”

Abaixei a cabeça como um pedido de desculpas.

“Erro meu.” Então arregalei os olhos para ele. Algo que uma vez vi mamãe fazer quando estava paquerando Bob, um cara legal que ela acabou namorando. Eu só tinha sete anos na época, mas foi um daqueles momentos que ficam para sempre. Ele era açougueiro, se é que é possível acreditar, e estávamos na loja dele comprando, não sei, bacon ou coisa do tipo — ela sempre arrumava desculpa para ir até lá. Ele fez alguma piada e ela olhou para ele e arregalou os olhos por uma fração de segundo, fazendo-os brilhar. Juro que vi ele se apaixonando por ela, ali mesmo, naquele exato momento. De repente ele começou a olhá-la de um jeito intenso, quase confuso — talvez até triste, contando com a possibilidade de dar errado. E ele tinha

acertado, pois eles se separaram quando eu tinha doze anos. Uma pena. Eu gostava muito dele. E desde então utilizo a técnica dos olhos arregalados.

Depois de capturar Dylan com o meu farol (brincadeira), bati com as mãos na mesa e me levantei.

“Muito bem. Vai dançar?” A resposta dele deveria ter sido “está me convidando?”, mas ele não estava lendo meu script, porque apenas deu de ombros e disse:

“Não, obrigado.”

Golpe de primeira. Ai. Por sorte eu estava no estágio alegre da embriaguez, então decidi não me abalar demais e falei:

“Certo. Mais alguém?”

Ollie se levantou imediatamente, é claro, seguido por Donna, que virou para Sarah.

“Vamos, levante-se e junte-se a nós.”

Sarah pareceu incerta, mas Ollie a arrastou.

“Não vai escapar, Millar.”

E com isso Jack ficou lá para conversar com Marv e Dylan. Não me preocupei muito. Dylan só precisava de mais alguns drinques e da minha dedicação, e com certeza a noite acabaria boa para mim.

A propósito, caso esteja pensando *quem é essa metida que se ama tanto assim?*, a resposta é: basicamente, eu não me amo. Não tenho qualquer ilusão no que se refere a meninos e sexo. Não sou feia, e tenho um corpo razoável, mas não sou nenhuma beldade. Quer dizer, sou engraçada, mas se os meninos se interessassem por isso, Miranda Hart seria um símbolo sexual. O que os meninos querem de mim e o que eu quero (da maioria) deles é diversão e uns amassos. Não há nada de errado nisso.

Então, sim, eu estava bastante otimista com relação a transar com Dylan. O que me preocupava era o depois. Eu, de algum jeito, precisava me convencer a não me importar quando ele inevitavelmente vestisse as calças

e saísse. Mas entre transar com Dylan e não ter nada com Dylan...? Não tinha nem o que analisar.

Então pulei para a pista de dança e arrisquei uns passos retrô ao som de B-52s. Ollie e Sarah cantavam como se as respectivas vidas dependessem disso. Dei várias olhadas para Dylan. Não sou a melhor dançarina do mundo, mas adoro dançar, e na minha opinião isso importa, e muito. Não há nada mais desestimulante do que alguém que se leva a sério demais na pista de dança, com movimentos sutis e mexidas de cabelo, então eu me concentrava para dançar como se ninguém estivesse olhando, ao mesmo tempo que torcia para que ele estivesse. Ele quase não olhou, mas às vezes eu via que estava reparando. Uma vez até capturou meu olhar e sorriu, então o chamei. Mas ele balançou a cabeça, franzindo o nariz e dando aquele sinal universal de *não, não é a minha*. Era agonizante tê-lo tão próximo e ao mesmo tempo tão longe, apesar de que, de tanto fingir que estava me divertindo *horrores*, acabei me divertindo bastante.

Depois de um tempo percebi que tinha alguém dançando muito perto de mim, invadindo totalmente o meu espaço. Virei e vi um garoto do décimo segundo ano, mas não sabia nem como se chamava. Minha concentração em Dylan fez com que não o notasse até que estivesse próximo demais de mim. O ignorei, o que, aparentemente, foi um sinal verde para que viesse dançar *bem* na minha frente.

“Tudo bem?”, gritou.

Dei um sorriso breve, depois virei as costas e voltei para a nossa mesa. Dylan, Marv e Jack riram quando virei e sacudi o bumbum na direção deles, mas Dylan não fez qualquer moção de se levantar. Meu coração afundou. Não ia rolar. Forçando o sorriso, fui dançando até Donna de novo, ignorando o garoto que continuava por ali.

“Dylan não está interessado”, gritei no ouvido dela.

Ela franziu o rosto e balançou a cabeça.

“Ele é tímido! Dê uma chance.”

Mas, cinco músicas depois, Dylan continuava imerso na conversa com Marv e Jack, e não tinha olhado na minha direção em nenhuma das cerca de cinquenta e sete vezes que olhei na dele. E o garoto do décimo segundo ano continuava por ali, como uma pulga suada.

Revirei os olhos.

“Vai me trazer uma bebida, então?” (Até agora ainda não sei por que perguntei aquilo. Achei que quisesse pedir que me deixasse em paz, mas as palavras simplesmente escapuliram.)

O rosto dele se alegrou.

“Vou, o que você quer?”

“Coca com duas doses de vodca.” Ele lambeu os lábios, então gritei: “não tenha ideias. Não vai rolar.” Ele deu de ombros, parecendo um pouco amuado, e foi até o bar, me deixando sozinha. Talvez eu só quisesse atenção. Pelo menos *alguém* estava se esforçando por mim.

Quando ele voltou, eu tomei todo o conteúdo do copo que ele me trouxe. O álcool penetrou minha corrente sanguínea como uma faca, e, de repente, eu estava embriagada. Tive a sensação de que até piscar os olhos demorava uma eternidade, e, enquanto a música desbotava e se transformava em um chiado ao fundo, o baixo pulsava em mim como um coração. Comecei a dançar de forma assanhada, rebolando na frente do garoto. Naquela situação, achei que o ciúme poderia fazer com que Dylan agisse. Era a única arma que me restava.

“Você dança muito bem”, o menino gritou, e eu vi gotículas de suor se formando nas pontas dos cílios dele.

“Obrigada”, gritei de volta. “Seus cílios são incríveis. Parecem de uma menina.”

Ele franziu o rosto, sem saber como responder. Comecei a dançar em volta dele, fazendo gestos sinuosos com os braços sobre a cabeça. Não me importei com o que estava fazendo, nem com minha aparência. Não havia ontem, e nem amanhã, apenas aquele instante. O menino criou coragem

para colocar as mãos na minha cintura, imitando meus movimentos e dançando comigo. Para falar a verdade, ele dançava bem. E cheirava bem. Comecei a curtir a companhia. Não conseguia desgrudar os olhos da clavícula dele, que via pela abertura da camisa, era legal a forma como os músculos se contraíam enquanto ele se mexia. E então, de repente, estávamos nos beijando. Permitted que ele me levasse até a parede dos fundos, e ele me pressionou. Não foi carinhoso, nem suave, sequer passional. Foram beijos sem alma, mas isso era tudo que eu queria. Boca na boca, línguas. Um meio para um fim. Gostei da sensação pesada do corpo dele no meu, e, para ser sincera, gostei da ereção dele na minha barriga.

Ah, dane-se. Empurrei-o delicadamente e comecei a caminhar até a porta que levava à escada.

“Vamos lá, então”, falei por cima do ombro, e ele começou a me seguir. Olhei para Donna no caminho, e ela balançou a cabeça, fingindo desespero. Ignorei-a. E daí que as noites sempre acabavam assim? Uma transa era uma transa, e se Dylan não estava interessado — o que obviamente era o caso —, eu não tinha nada a perder. Aliás, ele era muita areia para o meu caminhãozinho: sempre soube disso.

Lá embaixo, arrastei o garoto para o banheiro feminino, o levei até um cubículo e tranquei a porta.

Enquanto estávamos curvados sobre o vaso, o menino resmungando atrás de mim como se estivesse em busca de um recorde, me senti menos bêbada, e mais como se estivesse sendo usada como uma máquina de sexo. Observação: um espaço tão pequeno onde você não pode nem mudar de posição não é o melhor local para um sexo satisfatório. O lugar estava quieto demais e cheirava a urina e desinfetante. Toda a intensidade da música e a agitação lá de cima desapareceram. Foi, resumindo, a pior transa de todos os

tempos. Não me senti como uma mulher poderosa fazendo o que deseja, mas como um buraco com pernas. Foi uma merda.

“Saúde”, ele arfou quando terminamos, tirando a camisinha e esticando o braço por trás de mim para jogá-la na privada. Vadio. “Tenho que reconhecer. Você é tão boa quanto dizem.”

Parei de ajeitar minha saia e engoli em seco. Pude sentir, literalmente, o sangue escoando do meu rosto.

“Como?”

“Bem, dizem que você é rodada.” Declarou. “Mas não se preocupe, só falam coisas boas.”

De repente, minha respiração estava curta e desesperada. Todo mundo estava falando de mim? Todo mundo me achava uma vagabunda? Pus a mão na garganta e tentei ficar calma. Estava prestes a ter um ataque de pânico, o que não me acontecia desde o recesso em Devon.

“Vá se fuder”, disse, rouca, e passei por ele, saí do banheiro e caí no peito do menino de quem eu realmente gostava.

Dylan segurou meus braços gentilmente. Minha cabeça ficava na altura do peito dele.

“Ei, não tão depressa”, ele disse, sorrindo. Meu Deus, como era bom estar perto dele. Queria que me abraçasse e me escondesse para sempre.

Olhei para baixo e meus olhos se encheram de lágrimas, dor e decepção quando o babaca surgiu do banheiro, ainda mexendo no zíper, como se estivéssemos em uma porcaria de um filme.

Ele olhou para Dylan, em seguida para mim.

“Talvez a gente possa repetir a dose, que tal?”, sorriu. E com um rápido puxão na calça, ele subiu as escadas.

Fechei os olhos desesperada. Merda. MERDA. Sem reparar no olhar de nojo — ou pior, de indiferença — que devia estar estampado no rosto de Dylan, afastei-me dele e fui até a escada. Lá em cima fui direto para a saída, mas Rich me interceptou.

“Espere, Ash. Você está bem?”

Desviei dele.

“O que você acha?”

Mas ele continuou bloqueando minha passagem.

“Olhe, não quero falar sobre isso. Só quero ir para casa... Por favor, Rich.”

“Tudo bem, mas eu vou com você. Não se mexa.” Ele levantou o dedo e eu assenti exaurida. Ele foi até a mesa buscar o casaco. Eu o vi trocar algumas palavras com os outros, que me lançaram olhares preocupados, e depois ele voltou. “Vamos.”

Sem falar nada, começamos a ir em direção a minha casa. Fiquei grata por Rich ter ido comigo, sempre me sentia grata em relação a ele, mas vocês entendem. Era bom ter um menino comigo e saber que ele não esperava nada de mim. Inclinei-me para ele, agradecida. Ele sabia exatamente como lidar comigo quando eu estava assim. Xinguei a mim mesma desconsoladamente. Talvez ele pudesse me dar algumas dicas, pois eu tinha me saído muito mal na minha conduta essa noite. Lágrimas idiotas se formaram novamente nos meus olhos quando lembrei da sensação das mãos de Dylan nos meus braços, e também do que aquele menino nojento disse. *Você é tão boa quanto dizem.*

De repente eu fiquei com vontade de vomitar. Olhando em volta, vi uma lata de lixo e corri até ela, chegando a tempo de descarregar uma mistura de cranberry, vodca, cerveja e uma dose de arrependimento sobre bitucas de cigarro, pacotes de batatas e latas vazias de refrigerante. O fim perfeito para uma noite perfeita.

Rich me entregou um lenço de papel.

“Tudo bem?”

Assenti e limpei o rosto.

“Desculpe por isso.”

“Não seja boba.” Ele me deu o braço e continuamos percorrendo as ruas escuras em silêncio. Havia gelo nos carros e nos muros dos jardins, aquela atmosfera festiva tirando sarro de mim. Maldito Natal.

Do lado de fora da porta da minha casa, Rich hesitou.

“Quer que eu durma aqui?” Abaixei a cabeça e assenti. Novamente, não era nenhuma novidade.

Lá dentro tudo estava quieto, apesar de não ser tão tarde assim. Mamãe sempre ficava exausta após um sábado de trabalho, e Frankie tinha sua neurose em relação a não dormir o suficiente. De qualquer forma, uma casa calma me fez bem. Voltei-me para Rich.

“Quer chá?”

Ele balançou a cabeça.

“Vamos dormir. Você parece cansada.” Então me arrastei para o andar de cima, e Rich foi ao banheiro enquanto eu vestia o pijama. Em seguida fui fazer xixi e escovei os dentes enquanto ele entrava no meu quarto para tirar a calça e ficar de cueca samba-canção e camiseta. Depois deitamos. Rich esticou o braço, eu fui para perto dele, agradecida, e apoiei a cabeça em seu peito. Ele levantou minha mão e me deu um beijinho.

“Boa noite, assanhada.”

“Boa noite”, resmunguei, me sentindo segura nos braços de Rich.

Mas Dylan — Dylan lindo e inalcançável, com um sorriso fofo, um senso de humor seco e dedos elegantes — foi a última coisa em que pensei antes de cair em um sono triste e profundo.



PERDI MINHA VIRGINDADE AOS CATORZE ANOS, com o meu namorado, Etienne. Ele apareceu no começo do nono ano — foi uma verdadeira visão, aqueles sapatos estrangeiros e aquela gravata escolar — e desapareceu no fim do mesmo, apesar de já termos terminado naquela época. Os pais dele, ambos médicos, tinham um contrato de um ano no hospital da região. O pai era ginecologista, o que sempre me deixava nervosa quando ia na casa dele, pois eu ficava achando que ele sabia exatamente como era a minha genitália.

A questão é que Etienne foi meu primeiro, e ele era legal. Gostávamos um do outro, e eu gostava muito dele. Ele me fazia rir, gostava das mesmas músicas que eu e tinha a pele extremamente suave, uma bela mudança em relação aos meninos espinhentos aos quais eu estava acostumada. E éramos opostos perfeitos em termos de cor de pele também. Enquanto a maioria dos negros é na verdade meio mulata, e a maioria dos caucasianos tem a pele amarelada ou rosada, ele era literalmente negro, e eu literalmente branca. Ébano e marfim. E ele tinha um sotaque francês. Acho que não preciso dizer mais nada.

Então. Estávamos namorando havia uns dois meses, e chegamos bem perto dos finalmentes algumas vezes, mas sempre tinha alguém em volta. Então, um dia cheguei da escola e a casa estava vazia. Mamãe tinha levado Frankie para fazer compras, e Sasha ia dormir na casa de uma amiga. Aproveitamos a chance e ambos perdemos a virgindade na minha cama, embaixo da colcha,

ao som do The Doors. Foi bem ruim, mas depois melhoramos, e aí nada conseguia nos conter.

Terminamos quando eu fiquei com outro em uma festa. Eu estava bêbada depois de ter bebido cidra barata, e não sabia o que estava fazendo. Foram apenas beijos, mas mesmo assim. Foi culpa minha, e não pude culpá-lo por me dispensar. Eu teria tentado recuperá-lo, mas ele imediatamente também ficou com outra, então acabou assim. Se eu me arrependesse, coisa que não faço, me arrependeria de ter estragado as coisas com Etienne. Até hoje não consigo ouvir “Light my fire” sem pensar nele.

A partir daí eu realmente não saberia dizer com quantos meninos já transei. Digo, saberia se fosse perder meu tempo fazendo as contas, mas para quê? Lembro-me dos bons, esqueço os ruins. E não tenho uma lista: o objetivo não é esse. Faço porque gosto. É divertido, e na hora H consigo me esquecer de tudo. Não me acho tudo de bom só porque faço muito sexo, mas ao mesmo tempo não me considero uma vadia. Sou apenas eu. Ashley Greene. E nunca fingi ser outra coisa.

Mas quando cheguei no colégio na segunda após a festa de Ollie, descobri que de repente era a vadia do século. Por quê???

Começou imediatamente. Exatamente no segundo em que eu e Donna atravessamos o portão, uma menina do décimo primeiro ano me olhou e em seguida sussurrou alguma coisa para a amiga.

“O que foi isso?”, perguntou Donna, olhando para as duas.

“Não sei”, disse, dando de ombros. Sinceramente, poderia ser qualquer coisa. Eu recebia muitos comentários negativos sobre minhas roupas, não que ligasse para isso, e hoje eu estava de batom preto. Era só uma experiência, e teria que limpar antes da hora da tutoria, mas desde a hora

que passei aquele batom já saquei que as meninas que não usam nada que não seja orientado por uma revista se ofenderiam. Tipo, o que elas têm com isso? Não conseguia entender (na verdade, nesse caso concordava com elas. Minha boca estava me deixando com cara de cadáver).

Então Donna e eu ignoramos aquilo e continuamos andando até a cantina para um sanduíche de ovo frito. Mas então um grupo de cinco meninas do décimo segundo ano parou bem na nossa frente, como se estivessem nos desafiando para uma briga ou coisa do tipo. Eu meio que ri, o que provavelmente não ajudou, mas de repente as imaginei apontando para mim e estalando os dedos à la *Amor, sublime amor* (o filme preferido da minha avó). Uma imagem engraçada, certo? Bem, a menina na frente do grupo, do tipo falastrona, chamada Grace Simpson, que tinha pedras acrílicas onde deveria haver unhas, não achou.

Ela apontou seu dedo pontudo para mim.

“Você é uma vadia.”

Ergui uma sobrancelha.

“Muito esclarecedor.” Tentei passar por elas, mas a menina agarrou meu braço. “Ei, me solte!”, falei, tentando me afastar, mas ela enterrou as unhas na minha pele. Machucou, apesar de eu obviamente não ter demonstrado. Meu coração estava começando a acelerar. Sei me defender, mas não gosto de briguinhas. Tenho medo de violência, o que é justo se a gente parar para pensar.

“Eu disse...”, ela falou, contraindo os lábios até parecerem o bumbum de um gato. “Você. É. Uma. Piranha.”

Na verdade, ela tinha me chamado de vadia, mas não a corriji. Em vez disso fiz como se estivesse entediada e suspirei.

“Certo, tudo bem. Sou uma piranha. Posso ir agora?”

Isso a irritou. Ela enlouqueceu, gritando como uma histérica. Teria sido fascinante, não fosse tão assustador.

“Quem você pensa que é, com essas suas roupas de gótica e a mania de transar com qualquer coisa que se move?”, ela gritou e se voltou para a menina ao lado. “Ela se acha, não é mesmo?” Então virou novamente para mim e deixou o rosto tão próximo do meu que fui banhada por cascatas de cuspe. “Você *se* acha, sua vaca branquela imunda.” (Ela também era branca, aliás, a diferença era apenas que ela estava cheia de bronzeamento artificial e maquiagem.)

Encarando-a, devolvi:

“Qual é exatamente o seu problema?”. Foi uma pergunta sincera.

“Não sou eu que tenho problema”, ela respondeu, virou-se de costas e se afastou, com as puxa-sacos seguindo atrás. Depois se afastou um pouco e por último declarou, fazendo questão que o máximo de pessoas possível pudesse ouvir o berro: “E fique longe de Billy Marshall!”.

“Tudo bem, amor?”, perguntou Donna, enquanto eu continuava parada.

“Sim. Tudo”, falei, apesar de estar tremendo. Eu podia ser uma vaca falastrona, mas não era dura. Nem um pouco. Se aquela menina tivesse me atacado, eu teria caído no chão como uma pedra. Engoli em seco e me volvei para Donna. “Foi estranho, não foi?”

“Eu sei”. Ela franziu a testa. “Já falou com ela antes?”

Balancei a cabeça.

“Não.”

“Billy não sei do que deve ser o menino com quem você transou na festa. Talvez ela seja a namorada dele”, falou.

“Bem, que faça bom proveito”, respondi, pegando minha bolsa do chão. “Vamos, os ovos da cantina vão acabar se não nos apressarmos.”

Foi a coisa mais estranha. Nunca tinha me preocupado com a opinião dos outros a meu respeito. Achava que se alguém não me conhecesse, a opinião desse alguém não me interessava porque — dãã! — ele não me conhecia,

então como poderia ter uma opinião embasada? Mas de repente meus olhos estavam percorrendo todos os cantos, à procura de comentários maldosos e sussurrados. A pior parte era não saber o que as pessoas da festa estavam falando sobre mim. Grace e o bando dela sequer compareceram, então alguém deve ter contado a elas.

Puxei minha franja e examinei o chão cinzento e empoeirado, desejando com todas as forças que jamais tivesse feito aquilo. Eu nem queria aquele Billy babaca, e agora só de pensar nele me dava vontade de vomitar.

“Hum, Ash, tudo bem?”

Levantei os olhos e vi Donna me olhando confusa, e percebi que estava parada no meio do corredor.

Suspirei.

“É só... bem, é uma droga ser chamada de vadia.”

“Ouça, não se preocupe com Grace e o bando. Você tem a mim, Cass, Sarah e os meninos, e todos nós a amamos.” Donna mordeu o dedo despreocupada. “Você sabe, mesmo sendo uma piranha.” Ela sorriu e eu dei um soco no braço dela.

“Não encha, Dixon.”, acrescentei. *Pode vir, vaaaca.*

“Que seja”, ela sorriu. “Ah, aliás. Você ama Dylan.”

Engasguei.

“Opa. Golpe baixo, mocinha.”

Donna sorriu novamente, desta vez mais séria.

“Mas o ama, certo?”

“Não faz diferença”, respondi, começando a andar. “Não depois da festa de Ollie.”

“Humm.”

Ótimo. Belo consolo.

Donna Dixon, fã número um da loja New Look e dona dos peitos mais saltitantes de Brighton (de verdade, alguns carros já quase bateram depois de os motoristas olharem para os peitos de Donna), era a minha melhor amiga desde o começo do sétimo ano, quando nos colocaram sentadas uma ao lado da outra na aula de ciências. De aparência não éramos tão parecidas. Cada uma de nós estava em um dos extremos do “estilo alternativo”, acho que essa é a melhor maneira de descrever nosso gosto. Ela queria seguir a moda, e eu gostava de ser diferente. Ela gostava das músicas das paradas de sucesso, eu era fã de bandas independentes e obscuras. Ela não usaria botas Doc Marten nem que fosse paga para isso, eu nem morta usaria salto fino. Mas tínhamos a mesma visão de mundo, a mesma atitude. Ela era legal. Eu a amava incondicionalmente.

Digo, Rich, Ollie, Jack, Sarah e Cass também eram ótimos, principalmente Rich. Não poderia ficar sem eles. Mas era para Donna que eu ligava quando estava me sentindo mal, e era para ela que eu queria contar as coisas boas que aconteciam. E sobre aquela babaquice de amigos serem mais importantes que namorados, não é tanta babaquice assim. Veja Cass. Ela e Sarah eram como melhores amigas, mas com Adam por perto, Sarah sempre ficava em segundo plano. Acho que ela própria também sabia disso. E ela e Cass quase brigaram sério por causa da história com Joe, o estudante londrino.

Podem me chamar de piranha se quiserem, mas não há amiga mais leal do que eu.

Então finalmente chegamos à cantina, depois de registrar duas olhadas estranhas e um comentário sussurrado no caminho. Os ovos de fato tinham acabado, então compramos chocolate na máquina de lanches e corremos para a aula de tutoria.

“O primeiro que me olhar com cara de solidariedade leva um tapa na boca”, anunciei quando encontramos os outros. “Não estou no clima.”

Sarah se inclinou sobre a mesa e acariciou minha mão, franzindo a testa e esticando o lábio inferior.

“Pobrezinha da Ashy.”

Oh, Sarah. Às vezes ela era perfeita (ligeiramente ingênua e irritante em outras ocasiões, mas isso é outra história).

“Sério, Sá, você devia ter visto o que acabou de acontecer”, interrompeu Donna, preparando-se para fofocar. Não levei para o lado pessoal. A menina adora escândalos. Doze olhos se fixaram nela, que relatou os eventos da manhã, e eu ajudei um pouco — a história era minha, afinal.

“Eu sempre falei isso”, disse Ollie no final, balançando a cabeça, incrédulo. “Meninas são loucas. Sem querer ofender.”

“Ignore essa vaca dessa Grace”, acrescentou Rich. “Você vale um milhão de Graces. *E* ela tem cecê.”

Cass olhou para ele.

“Ela *uma vez* teve cecê. E foi depois da aula de educação física. E você ficou sabendo disso por outra pessoa.”

“Estou tentando ajudar nossa amiga aqui”, ganiu Rich com o canto da boca. Fiquei surpresa por Rich saber quem é Grace, e além de tudo ter informações sobre ela, mas este é Rich. Misterioso assim mesmo.

“Não se preocupe”, acrescentei. “Estou ignorando. Não dou a mínima para o que ela — ou qualquer uma daquele bando — pensa.”

“Muito bem”, disse Jack de um jeito meio agressivo. “Você não é uma piranha. Só gosta do que gosta.”

Todo mundo riu. O último virgem do grupo tinha se pronunciado e não poderia ter feito um comentário melhor.

Donna colocou o último pedaço de chocolate na boca.

“Então, ouçam...”, ela engoliu o doce.. “Marv vai fazer um evento de Natal na casa dele e falou que posso convidar alguns amigos. E...” Ela

retirou os óculos imaginários e olhou para mim por cima deles. “Dylan vai estar lá.”

Ai. Queria tanto vê-lo outra vez. Não adiantaria nada, mas mesmo assim. Ele claramente não gostava de mim, e eu ficaria apenas olhando para ele. Nada mais (certo, boa sorte na empreitada, Greene).

Dei de ombros e estourei uma bola de chiclete.

“Tudo bem. Conte comigo.”

Rá! Enganei a todos com a minha indiferença. Exceto Donna, obviamente, que ficou piscando para mim com uma cara de *pois sim*.

Ela repetiu a pergunta.

“Mais alguém quer?”

Os meninos disseram que iriam, mas minhas estimadas amigas me deixaram na mão. E não foi a primeira vez, diga-se de passagem. Cass e Sarah não eram exatamente ratas de festas, a não ser que a rata em questão fosse um hamster. Um hamster que só brinca na rodinha da gaiola aos sábados, e após ter terminado o dever de casa.

“Não posso”, respondeu Cass. “Eu passo a noite de Natal com Adam, não é mesmo?”

“Ah, droga, também não posso”, acrescentou Sarah, parecendo brava (ou melhor: parecendo tão brava quanto uma pessoa que acha que “droga” é palavrão pode conseguir). “Vamos para a casa dos meus avós”, resmungou dramática. “Preferia mil vezes ficar com vocês do que passar a noite assistindo a uma maratona de seriados policiais e comendo doce de pêssego enlatado.”

“Não se preocupem”, disse Rich, que estava folheando a revista feminina de Cass. “Guardamos um pedaço de torta para vocês.”

E então nosso tutor chegou. Paul era o coordenador de matemática e gostava de dar declarações ridículas: “pense fora da caixa”, “ideias claras” etc. Mas era inofensivo. Todo dia de manhã ele entrava apressado, sentava na mesa para fazer a chamada, lia alguns avisos e se retirava outra vez.

Alguns tutores gostavam de se envolver mais, aprender coisas sobre os alunos, perguntar como ia a vida doméstica, tentar ser amigo. Imagino que Paul nem tentava porque teria dificuldade de decorar nossos nomes. O que para mim era ótimo. Então, sim, Paul era legal.

Mas hoje ele tinha novidades.

“Muito bem, ouçam, meninos”, declarou, com um pouquinho de sotaque, como sempre acontecia quando falava conosco. Eu já tinha ouvido ele falando com outros professores, e nessas ocasiões parecia mais normal. Quem seria o verdadeiro Paul? Mas tanto fazia, quem se importava, afinal?

Ele puxou a calça para poder cruzar as pernas e deixou à mostra sua meia do Homer Simpson. Que graça. Olhei para Donna e ela fingiu que estava tendo ânsia de vômito.

“Tenho um aviso do diretor, ok?”, prosseguiu Paul. “Recentemente, alguém escreveu coisas nada agradáveis nos banheiros de cima, e o recado é que se não pararem, cabeças vão rolar.” Ele nos encarou. “Não é legal, pessoal. Certo?”

E com isso, fez uma minissaudação e se retirou. Hilário.

Rich voltou-se para nós e esticou as mãos.

“Vamos?”

Claro que íamos. Partimos em direção aos banheiros superiores, os meninos entraram no masculino e as meninas, no feminino, mas nós, garotas, fomos paradas pelo senhor Cunningham, o zelador, que estava pintando por cima dos comentários ofensivos.

“Desculpem”, ele falou. “Um minutinho.”

Donna tentou enxergar através da tinta, mas não conseguiu.

“O que dizia?”

O senhor Cunningham olhou para ela.

“Nada muito original, lhe digo isso.”

Ah. Que pena. Deixamos que ele continuasse pintando e saímos para esperar os meninos, que apareceram logo depois. Rich sorriu.

“Tudo bem?”

“Hum, tudo, por que não estaria?”, respondi. Os meninos se entreolharam.

“Por nada. Só estou sendo eu mesmo”, disse Rich. “Vamos, vamos indo.” Ele começou a descer pelo corredor quando algo me ocorreu. Eu provavelmente só estava sendo paranoica, mas alguma coisa na cara dos meninos... Não sei. Pareciam inquietos. Puxei Rich pelo casaco.

“Espere, vocês viram a pichação?”

Ele franziu a testa de maneira não muito convincente.

“Quê? Ah, sim. Nada demais.”

Olhei para Jack, que era fisicamente incapaz de mentir.

“Jack, o que dizia?”

Ele enrubesceu e olhou para baixo.

“Como Rich falou. Nada.”

“Ollie?” Cruzei os braços e virei para ele. “Vai ter coragem?”

“Coragem? Como assim?” Tentou fazer uma cara de *o que ela está falando*. E isso bastou. Eu abri a porta do banheiro masculino para ver com meus próprios olhos, apesar de já ter uma boa ideia do que encontraria ali.

“Ash, não”, disse Rich, tentando me arrastar de volta. “Eu conto, tudo bem?”

Eu me sacudi para me livrar dele. Na parede acima dos mictórios estava escrito em preto: ASHLEY GREENE TOMA POR TRÁS. Me virei para o outro lado e vi mais recados acima das pias: ASHLEY GREENE É UMA PIRAÑA IMUNDA Q TRANSA COM QUALQUER UM, BASTA PEDIR!!!

Engoli em seco, odiando aquelas palavras, mas odiando também a pena que meus amigos estavam irradiando. Pude sentir que estavam atrás de mim, em um semicírculo, se entreolhando preocupados enquanto ao mesmo tempo não estavam tão surpresos com o fato de a pichação ser sobre mim. Fechei os olhos e respirei fundo. *Você não se importa com o que os outros pensam*, lembrei a mim mesma. *Esqueça isso*.

“Ótimo”, falei. “Eles sabem escrever direito.” Virei e tentei, quase conseguindo, olhá-los nos olhos. “Só para constar, eu não tomo por trás... Acho que nesse caso é apenas a vontade de quem escreveu.”

“Ash...”, começou Donna.

“Não”, respondi, tentando sorrir. “Tudo bem. Vamos, senão vamos nos atrasar para a próxima aula.”

E segui meus amigos para fora do banheiro, tentando não chorar e desejando mais que tudo que eu pudesse ir para o meu quarto naquela hora e hibernar embaixo da coberta até que o colégio acabasse para sempre.

A apresentação de Donna era naquele dia depois da aula. Eu não perderia por nada, mas não estava em um bom momento. Sentar no auditório de um teatro me fez sentir que eu era um alvo de dedos apontando e comentários maldosos. Pelo menos os outros estavam ao meu redor, como uma espécie de campo de força.

Donna estava muito bem, até melhor do que quando fez as interpretações de voz para o meu documentário. Alguns dos colegas do elenco estavam totalmente *atuando*, mas em Donna dava para acreditar.

Ela fez uma cena de *Gata em teto de zinco quente*. Tudo que tinha era uma cadeira de madeira e um sotaque americano sulista, mas, juro por Deus, dava quase para sentir o cheiro do calor.

Donna ia tirar A em dramaturgia sem dúvida, o problema seriam as outras matérias. Mas ela não dava a mínima para elas, para ser sincera. Só pensava em drama. *★aceno com as mãos★* Queria ser atriz: de teatro e de cinema, usar óculos escuros na chuva, andar no tapete vermelho, o pacote completo. Na verdade, ela não se importava com a fama e a fortuna, só queria que a atuação fosse seu ganha-pão. Sabia que era uma indústria de difícil acesso — tipo, *dãã* — e o orientador vocacional sempre dizia isso a ela, mas Donna estava determinada. Os pais até que a apoiavam. O pai só queria que ela

fosse feliz e a mãe dizia que ela devia investir, incentivando com um “vá em frente!” *soco no ar*, ao mesmo tempo que sugeria que ela tirasse um diploma “adequado” primeiro para ampliar as opções. Mas isso não ia acontecer. A única dúvida de Donna era se ela deveria se inscrever para faculdade de teatro ou tentar arrumar um agente logo que acabasse a escola. Ainda não tinha contado isso para a mãe.

“Ei, Ash, olhe para lá”, Cass sussurrou no meu ouvido, me retirando do meu transe horrorizado enquanto observava a apresentação atual, uma versão de *Where is the Love?*, de Oliver, interpretada por uma menina bonitinha com voz de bebê chamada Heidi Minton. É sempre bizarro ver uma garota de dezoito anos fingindo ter oito.

“O que foi?”, franzi a testa, seguindo o olhar dela.

Ela sussurrou frustrada.

“É o Dylan! Ali. Uma, duas, três... quarta fileira de frente para trás, bem no meio.”

Fazia sentido. Ele estava sentado ao lado de Marv, que obviamente compareceu para apoiar a prima.

“Ah, sim”, falei como quem nem ligou, depois voltei a atenção para o palco. Mas, claro, não consegui parar de observá-lo. De vez em quando ele virava e dizia alguma coisa para Marv, mas fora isso ficou concentrado no palco. Em determinado momento, Marv disse alguma coisa que o fez rir, exibindo as covinhas. Ele era tão lindo. Como eu o queria. Não estou sendo melodramática, é como eu me sentia. Mal conseguia desviar o olhar dele, mas ao mesmo tempo não podia falar com ele de jeito nenhum. Não depois da festa de Ollie.

Depois que a apresentação terminou e todos receberam os devidos aplausos — Donna recebeu muito mais do que os outros, o que me encheu de orgulho dela —, saímos e fomos esperá-la lá fora, e meus olhos miravam todos os cantos, tentando ver se ele estava por perto. Mas não estava. E eu não sabia se me sentia aliviada ou devastada. Acabei me sentindo ambas as

coisas, mas principalmente devastada, o que provavelmente tinha mais a ver com o que aconteceu antes do que com o fato de não encontrá-lo ali. Cada vez que me lembrava daquela situação do lado de fora dos banheiros da festa me sentia enjoada.

“Ei, a estrela do espetáculo!”, gritou Cass quando Donna apareceu ainda maquiada, e sorrindo quase tímida. “Você foi incrível!”, prosseguiu Cass, abraçando-a.

“Foi mesmo, querida”, acrescentei. “A melhor, de longe.”

Donna enrubesceu enquanto todos nós rasgávamos elogios e depois levantou as mãos.

“Tudo bem, tudo bem. Sou brilhante, eu sei. Vamos mudar de assunto, pode ser?”

Enquanto andávamos para fora da escola, ela agarrou meu braço.

“Viu Dylan?”

“Vi.”

“Falou com ele?”

“Não.”

Donna parou onde estava e arregalou os olhos, incrédula.

“Por que NÃO? Eu convenço Marv a trazê-lo e é isso que recebo em troca? Que gelo. Sinceramente, cadê a sua CORAGEM?”

Dei de ombros.

“Não tive chance. Eu estava sentada muito longe dele.” Relativamente verdade.

“Humm.” Ela cerrou os olhos, desconfiada.

“Então”, eu disse quando chegamos ao ponto de ônibus. “Amanhã a gente se vê, tudo bem?”

Donna balançou a cabeça.

“Não, você vem para a minha casa.”

“Quem disse?” Eu só queria ir para minha casa e desaparecer no meu quarto.

“Eu. Não vou deixá-la sozinha, e não posso ir para a sua, pois é minha vez de fazer o chá.”

Joguei a bolsa por cima do ombro.

“Tudo bem, que seja. Mas não vamos pegar o ônibus.”

“De nada”, Donna disse ironicamente. “E *vamos* pegar o ônibus. Ian, o psicótico, nunca faz o meu caminho.”

“Sério, Don, não tenho condições de encará-lo. Não hoje. Por favor?”
Olhei com cara de cachorrinho para ela.

“Urgh, pare. Isso é perturbador”, ela disse, mas começou a andar na direção da casa dela, e não do ponto de ônibus.

“Obrigada.”

“Humpf.”

Eu não me importava em ir para a casa de Donna. Esconder-me não fazia muito o meu estilo, apesar de que só de pensar que toda a escola estava me achando uma piranha já me dava vontade de fazer exatamente isso.

Compramos *fish and chips* no caminho de casa e levamos para o quarto de Donna. Mick, o pai dela, não ligou quando viu que teria que comer sozinho na frente da tv. Ele passou uns dez minutos dizendo a Donna que sentia muito por ter perdido a apresentação dela, e a gente ficou esperando ele acabar de falar, ali na base da escada, a gordura das batatas endurecendo diante dos nossos olhos. Mick era legal. Não ligaria de tê-lo como pai, apesar de viver bem sem um.

“Como vai a sua mãe?”, perguntei quando finalmente chegamos ao segundo andar e eu me sentei no chão e coloquei maionese nas batatas (muito melhor do que ketchup). Perguntei porque queria saber, mas também para puxar um assunto que não tivesse nada a ver: (a) comigo e meu novo status de Piranha da Escola e (b) com Dylan.

Don mexeu a cabeça enquanto acabava de engolir.

“Vai bem. Está ótima, Ash. É bobagem essa história de que as pessoas têm que esperar quatro anos e meio para estar oficialmente bem.”

Donna não se importava em falar sobre o câncer da mãe. Você só precisava ser direta. Ela detestava expressões preocupadas ou sussurros exagerados como se o assunto fosse terrível demais para ser tratado em voz alta. De qualquer forma, Michelle já estava curada havia seis meses, então não havia mesmo necessidade de tanta cautela e melancolia.

“Então acha que ela vai voltar para a casa dela?”, perguntei.

Ela deu de ombros.

“Talvez. Mas não agora. Ela e Bryn estão com um bom esquema, e eu e papai estamos bem aqui.”

Ela revirava as batatas com indiferença.

“E você está bem com isso?”, perguntei.

Ela sorriu para mim.

Ela balançou a cabeça. “Tudo bem. Nós nos damos melhor agora do que quando morávamos juntas.”

Os pais de Donna se divorciaram quando ela tinha sete anos e a irmã Jess, nove. Michelle levou a relação enquanto pôde, mas aparentemente o casamento já tinha acabado havia anos. Don e Jess moraram com Michelle e o namorado — agora marido — Bryn até o diagnóstico do câncer de mama, e então se mudaram para a casa de Mick enquanto Michelle fazia quimioterapia. Na época foi muito difícil. O médico de Michelle disse que seria melhor, pois o tratamento a faria se sentir péssima e ela precisaria pegar leve (e, para ser sincera, Michelle é extremamente controladora. Provavelmente não saberia lidar com o fato de não estar no controle o tempo todo). Então Donna e Jess se sentiram mal porque foi como se estivessem abandonando a mãe quando ela mais precisava. Mas no fim deu tudo certo. Donna se dava bem com Bryn e com Michelle, e sempre foi muito ligada a Mick. Os pais tinham uma relação civilizada... Como ela disse, estava tudo bem. Quando Michelle terminou o tratamento, não parecia haver motivo para mudar todo mundo de lugar outra vez,

principalmente porque Jess já tinha ido para a faculdade a essa altura, então o arranjo permaneceu.

Donna amassou o papel que embrulhava o jantar e o arremessou na direção da lata de lixo, mas errou feio.

“Mas mamãe não está muito satisfeita de saber que eu vou passar a noite de Natal na casa de Marv.”

“Porque ela queria que você passasse o Natal com ela?”, supus.

“Exatamente. Ela acha que ando passando tempo demais com aquele lado da família. Mas, tipo, não tenho culpa se toda a família dela mora em Birmingham.”

“Mas ela vai deixar você ir?”, perguntei, de repente preocupada com a possibilidade de não encontrar Dylan outra vez (*colírio para os olhos. Ele é apenas colírio para os meus olhos*, lembrei a mim mesma).

Donna me lançou um olhar.

“Sim, não se preocupe. Prometi que passaria todo o resto das festas com ela. E não entendi por que eu deveria passar a noite de Natal com ela. Jess com certeza não vai.”

“Você tem sorte”, comentei. “Sasha vai fazer aquele papel de filha perfeita assim que pisar em casa. E vai querer fazer tudo sozinha, ela não correria o risco de perder a auréola.” Joguei o meu papel na lixeira e cheguei um pouco mais perto do alvo que Donna. “E mesmo assim mamãe vai fazer mil e um elogios a ela e ficar falando sobre como sou preguiçosa, grossa e uma merda”, acrescentei, mexendo na ponta do tapete.

Donna sorriu e encostou os dedos dos pés na minha coxa.

“Certo. O que é uma injustiça, porque na verdade você adoraria ir para a cozinha fazer gemada e tudo mais.”

“Não enche”, ri. “Você nem sabe o que é gemada.”

“Nem você”, ela rebateu.

“Sei sim”, falei. “É uma bebida. Feita de ovos.” Donna gargalhou e eu dei um sorriso verdadeiro pela primeira vez em séculos. Não sou naturalmente

muito sorridente, mas por pior que fosse o meu dia, era bom saber que ainda conseguia fazer meus amigos rirem. E Donna tinha a melhor risada do mundo. Completamente afetada.

“Então”, disse Donna quando paramos de rir. “Qual é o plano para amanhã?”

“Por quê? O que vai rolar?”. Eu não fazia ideia do que ela estava falando. Ela me lançou um olhar de “*dãã*”.

“O colégio... Depois dos eventos de hoje e tudo mais...?”

Fiz uma careta.

“Ah, isso. Não tenho planos. Vou seguir a vida normalmente.”

“Ash, vamos...” Ela me olhou de um jeito que só pode ser definido como paternalista. “Você é humana. Sei que tudo que aconteceu hoje a machucou muito. Só não quero que fique vulnerável.”

“Nunca fico vulnerável, porra. Vulnerabilidade não consta do meu repertório.” Olhei para os lábios de Johnny Depp no pôster dos *Piratas do Caribe* de Donna e contei até dez.

Donna entendeu.

“Olha, esquece tudo que eu disse”, ela se redimiou rapidamente. “Vamos mudar de assunto...” Ela sorriu como se tivesse pensado em alguma coisa. “Já sei, vamos sair para tomar alguma coisa no domingo. Convido Marv e Dylan...”, e depois fez uma pausa.

Franzi a sobrelha.

“Não! Não posso vê-lo outra vez. Eu vou morrer de vergonha.”

“Ah, cala a boca”, ela respondeu com desdém. “E eu achando que *eu* fosse a dramática. Vamos, Ashs. Por favooooor? Em troca de eu ter vindo a pé hoje por sua causa?” Ela piscou os olhos várias vezes e bem rápido.

“Por que quer tanto que eu o encontre de novo?”, perguntei.

“Porque você é minha melhor amiga, babaca. E eu quero ver você feliz.”

Mordi o lábio, em seguida abaixei a cabeça e suspirei.

Donna bateu palmas.

“Excelente! Vou mandar uma mensagem para ele agora.” Fiquei olhando enquanto ela cumpria a missão e disse a mim mesma que ele não aceitaria o convite.

Donna ainda não tinha tido resposta quando saí da casa dela, o que não era um problema. Não fiquei pior do que estava antes de ela ter tido a ideia de marcar um programa. Mas claro que continuava um pouco chateada.

Em casa tive uma conversa rápida com mamãe (me atendo a assuntos “seguros” como o dia dela no trabalho), depois fui encontrar Frankie. Se alguém podia me deixar melhor, era minha irmãzinha.

Ela estava sentada na cama, lendo.

“Tudo bem? Achei que fosse estar dormindo”, falei. Ela olhou para mim e levantou uma revista feminina cheia de marcações a caneta.

“Emily levou isso para a escola. Tem uma parte com um desenho de uma posição sexual e eles ensinam como fazer.”

“Já ouvi falar”, respondi secamente. “Vai experimentar, então?”

Frankie olhou séria para mim.

“Muito engraçadinha.” Depois virou as páginas como quem não quer nada. “Mas Emily disse que vai. Se um fosse abraço e dez fosse sexo, ela já chegou no nove e meio.”

“E ela contou isso?”

Recebi mais um olhar bravo de Francesca Greene.

“Eu acredito nela.”

Sorri para minha irmã.

“Claro que acredita... Vai me deixar entrar?” Ela foi para o lado da parede e puxou a colcha.

“Então, em que número você está nessa escala sexual?”, perguntei, entrando debaixo das cobertas ao lado dela.

Frankie suspirou.

“Mais ou menos cinco?”

Sentei na mesma hora e arregalei os olhos.

“O quê?! Tem alguma coisa para me contar, Francesca?”

Ela riu.

“Na verdade, não. Só estou brincando. Mas talvez eu goste de alguém...”

Ela escondeu o rosto embaixo da cobertura e deixou apenas os olhos de fora.

“Ah, é, e quem é?” Essa ideia de a minha irmãzinha ter uma namorado era estranha demais. Não conseguia imaginar.

“Freddy Watson. Ele é do nono ano.” Ela continuava escondendo o rosto, mas dava para perceber pelos olhos que estava sorrindo.

Ri.

“Frankie e Freddy — adorei!” Ela me deu uma cotovelada. “Ai! Como ele é?”

Ela sorriu e mordeu o lábio.

“Não sei.” Ela abriu os braços. “Ele é mais ou menos esse tanto maior que eu. Tem cabelos louros e olhos muito bonitos. Gosto das mãos dele. E ele é tãããã engraçado. Todo mundo acha.”

“E *ele* gosta de *você*?”

“Emily acha que sim.” Ela fez uma pausa. “Também acho que talvez. Ele diz que *eu* sou engraçada.” Coitadinha. Ao que parecia ela também levaria aquele rótulo chato de engraçada...

“Tudo bem, você deve fazer o seguinte”, falei, como se fosse uma especialista. “Não faça joguinhos, seja você mesma. Se ele tiver um pingão de bom gosto, vai dar tudo certo. E, se não tiver, você não quer nada com ele.”

Franks se levantou e me olhou desdenhosa.

“Certo. Como se você fosse assim e não ligasse pra nada...”

Ri.

“Tudo bem, admito, eu acho você incrível, mas sei que tenho razão.”

Ela pensou por um instante.

“De qualquer forma, não é como se eu quisesse *casar* com ele. Só um beijo de verdade, de língua, já seria bom. Só queria saber como se faz.”

“Não se preocupe, Franks”, falei. “Confie em mim, quando acontecer, você saberá o que fazer. É, tipo, não sei, dormir ou coisa parecida. Vem naturalmente. De repente você estará beijando, e não fará ideia de como aconteceu.”

“Espero que tenha razão.”

“Tenho.” Estendi o braço e ela deitou no meu peito.

“Mas então, fiquei preocupada com você”, ela disse, séria. “Devia ter me mandado uma mensagem dizendo que ia voltar tarde.”

“O quê? Por quê?” Eu nunca avisava mamãe que chegaria tarde, a não ser que fosse voltar depois das dez. Era como uma regra silenciosa.

“Por causa de toda aquela história de você levar por trás.”

Ouvir minha irmãzinha falar uma coisa dessas me deixou sem fôlego. Foi um golpe no estômago, suei frio. De verdade.

Consegui manter a voz firme, mas acho que meu corpo tremeu inteiro.

“Então até o ensino fundamental está sabendo. Ótimo.”

“É verdade?”, perguntou. “Você leva...”

Interrompi.

“Não! De qualquer forma, não é assunto seu.”

“Na verdade, acho que vira assunto meu quando Megan Cook, Varsha Varsani e aquele bando de garotas resolvem brigar comigo por isso.” Fechei os olhos, sem saber o que fazer. Senti enjoo.

“Merda, Franks, desculpe. Posso contar o que aconteceu, se você quiser. Mas definitivamente não tem nada a ver com... isso.”

Ela apoiou a cabeça no meu peito.

“Tudo bem, não precisa me contar nada. Só estou contente por você não estar ensanguentada depois de ter tentado saltar de um lugar bem alto.”

Pus o braço em volta dela e a apertei.

“Claro que não, boba. Não ligo a mínima para o que os outros dizem. Ou escrevem.”

“Bem, eu acho que você é incrível”, ela declarou. “E quem começou esses boatos é um imbecil.”

Mordi o lábio para não chorar. Aliás, eu não queria só chorar, queria soluçar alto e em bom som. Mas sorri e dei um beijo em Franks.

“O que eu faria sem você?”

Ela sorriu.

“Teria um quarto maior?”

“Isso mesmo.”

Frankie se inclinou para apagar o abajur.

“Durma aqui, se quiser.”

Eu não ia discutir. Deitamos abraçadas e em poucos segundos ela estava roncando baixinho — ela sempre caía no sono muito rápido. Mas, apesar de estar exausta, eu não consegui dormir. E a mensagem que recebi de Donna, já tarde da noite, dizendo que Marv e Dylan topavam sair no domingo não ajudou, só acrescentou um pouco de esperança, animação e preocupação àquele sentimento de vergonha e medo que estava se revirando pelas minhas entranhas.

Fiquei olhando para o teto por um tempo, com os olhos arregalados e vazia por dentro, mas depois de meia hora saí do quarto de Frankie e fui para a minha própria cama. Nem assim consegui ficar confortável. Nem alguns capítulos do meu *Livro feminino de contos eróticos* ajudaram. No fim acabei descendo para assistir TV e ver se algum programa ruim me ajudava a dormir, o que acabou acontecendo, apesar de, infelizmente, eu estar no sofá sem nada além do pijama e algumas almofadas para me aquecer. Acordei tremendo às quatro da manhã. Me arrastei para a cama e dormi mal até o despertador tocar.

Juro por Deus que preferia quase me afogar em um mar gelado a sair da cama naquela manhã. Preferia depilar a virilha em público a ir para a escola,

mas fui. Tentei fazer um discurso encorajador para mim mesma durante o caminho, mas o máximo que consegui foi pensar no recesso de Natal. Só faltavam quatro dias: o que mais poderia acontecer?



CHEGUEI NO COLÉGIO CEDO O SUFICIENTE para não encontrar pessoas e sentei sozinha na sala de tutoria, mexendo no celular e ignorando todos que entravam. Até onde eu sabia, eram os alunos do décimo segundo ano que estavam espalhando aquela merda, mas eu preferia não me arriscar com ninguém naquela hora.

Depois de um tempo — o suficiente para eu adicionar fotos a todos os meus contatos até a letra M —, Sarah e Cass apareceram e cada uma me deu um abraço antes de sentar, o que não era normal. Não cheguei a ficar enfurecida, mas foi um pouco irritante, como se eu precisasse de cuidados especiais.

“Então, está pronta para a exibição?”, perguntou Cass, que estava tomando um gole do café com leite da delicatessen de sempre.

“Mais ou menos. Tenho que trabalhar no filme durante praticamente todo o dia hoje.” Todos os documentários da minha turma iriam ser exibidos no dia seguinte para quem quisesse assistir. Eram filmes de apenas dez minutos cada, mas mesmo assim: não era o tipo de coisa que alguém gostaria de assistir a não ser que estivesse diretamente envolvido. Ou que seus grandes amigos estivessem diretamente envolvidos. Falei para todos eles que não precisavam comparecer, mas todo mundo insistiu que iria. Mal podia esperar para ir até a ilha de edição para começar a montar o filme — e não só porque isso me esconderia do mundo.

“Ai, meu Deus”, disse Sarah, cobrindo a boca com a mão. “Nem perguntei como foi a entrevista com a senhora.”

Dei de ombros. Não esperava que ninguém fosse perguntar, mesmo.

“Foi boa... Precisava ter visto a casa dela. Parecia um museu dos anos cinquenta.”

Cass entortou o nariz.

“E ela serviu chá com pelos de gato?”

Olhei para ela.

“Um pouco machista seu comentário, Cassandra. Nem todas as senhoras idosas têm fetiches com gatos. Na verdade, ela estava muito bem. Ninguém diria que tem uns cem anos de idade. E ela é *muito* chique.”

Sarah se inclinou para a frente, segurando o queixo.

“Então ela foi totalmente sábia, profunda e cheia de segredos sobre a vida e a morte?”

Ri.

“Mais ou menos, mas de certa forma não. Não falou se acreditava no paraíso e tudo mais... Mas gostei muito dela.”

“Que pena”, disse Sarah. “Sempre torço para que quando eu envelhecer, tenha, tipo, uma compreensão profunda sobre todas essas coisas.”

Cass assentiu.

“Eu também. Isto aqui não pode ser tudo.” Ela apontou para as coisas ao redor como se a sala de matemática fosse alguma espécie de metáfora para a vida. Talvez fosse. Eu é que não conseguia enxergar.

“Eu sei”, disse Sarah. “Parece tão injusto termos que lutar durante oitenta e poucos anos — se tivermos sorte — e depois, *puf*, esquecimento.”

“Exatamente, mas por outro lado a ideia de paraíso é um pouco...”

“Conto de fadas?”, sugeriu Sarah.

“Exatamente.”

Senti o buraco negro tão familiar se abrindo no meu estômago. Não estava com humor para esse tipo de conversa.

“Podemos falar sobre outra coisa?”, pedi. “Esse assunto está começando a me abalar.”

“O que está abalando você?”, perguntou Jack, enquanto puxava uma cadeira e se juntava a nós, seguido por Rich, Ollie e Donna.

“Ah, você sabe. A morte e todos os seus horrores, esse tipo de coisa.”

Jack fez uma careta.

“Certo. Justo.”

“Esta manhã está muito alegre, pelo visto, não?”, perguntou Rich, enquanto esvaziava a latinha de suco e a jogava no lixo perto da mesa de Paul.

“Não poderia estar melhor”, respondi.

Ele pareceu um pouco envergonhado ao se lembrar da pichação e blá-blá-blá.

“Ah, sim, claro. Desculpe.”

“Mas você está bem?”, perguntou Ollie, exatamente quando Donna indagou:

“Mas como você *está?*”

Revirei os olhos.

“Bem. E, sério, chega de solidariedade. Isso está me irritando.” Coloquei um chiclete na boca e mastiguei de um jeito afetado. Meus amigos fizeram cara de *uuh, olhem só para ela*, mas não disseram nada. Era como se os boatos fossem mais importantes que tudo: alguns olhares maldosos e palavras pintadas em uma parede de banheiro pareciam ser mais reais do que eu. Talvez fossem.

“Então”, pronunciou-se Cass, batendo as mãos na beirada da mesa, como se quisesse dizer *mudando de assunto*. “A minha novidade é que tenho uma entrevista em Cambridge.” Ela tentou parecer tranquila, mas foi a pior tentativa do mundo. Seu sorriso estava maior do que nunca.

“Meu Deus, boa, Cass!”, disse Sarah, em meio a elogios e comemorações. O sorriso dela foi um pouquinho falso. Acho que ela adoraria se inscrever

em Oxford ou Cambridge, mas suas notas não eram boas o suficiente. Eu, obviamente, poderia ter tentado. Só não quis... Definitivamente não.

“Oh, obrigada, gente”, agradeceu Cass, sorrindo. “Mas ainda não decidi se vou.”

“Do que você está falando?”, perguntou Jack, franzindo a sobrancelha.

“Bem...”, Cass hesitou.

“Ah, espere, eu sei”, disse Donna, batendo a testa na mesa. “É por causa de Adam, não é?”

Cass empinou o queixo como uma personagem de desenho animado que está desafiando alguém. Obviamente havia se preparado para essas perguntas.

“Sim, ora. Por que eu escolheria morar a centenas de quilômetros dele?”

“Hum... porque é uma oportunidade incrível? Porque você vai amar? Porque...” Donna hesitou. Ela queria dizer *porque isso vai afastá-la daquele namorado imbecil*, mas se conteve. Provavelmente foi melhor assim.

Cass a interrompeu.

“Posso estudar direito em Sussex. Um diploma de direito é um diploma de direito, não interessa a instituição.”

Sarah olhou incrédula para ela.

“Sério? Você realmente acha que um curso em Cambridge não vai fazer um *pingo* de diferença no seu currículo?”

“Acho que se a pessoa é capaz, ela é capaz”, disse Cass meio arrogante. “E tenho todas as intenções de ser brilhante.”

Isso aí, Cass! Cumprimentei-a.

“Muito respeito por você, senhorita. Estou gostando do seu estilo.”

Ela me olhou surpresa.

“Obrigada, Ash.”

“Sem problemas. Mas não pense que aprovo seus motivos”, informei, balançando o dedo (o que, pensando bem, foi ao mesmo tempo ridículo e irritante).

Ela deu de ombros.

“Não falei que estou decidida a não ir, falei?”, disse. “Então podem jogar as pedras fora, e muito obrigada.” Pronto: argumentação feita.

Paul chegou logo depois e então veio a primeira aula. Não estava a fim de ir para a aula de francês, mas fui assim mesmo. Era tão injusto eu não estar na mesma turma de Ollie e Sarah. A minha classe não era ruim, mas não havia ninguém que eu pudesse chamar de amigo. Nós nos dávamos bem na aula, e nos cumprimentávamos quando nos cruzávamos pelos corredores, mas isso era tudo. Não dividiria meus segredos mais profundos com eles, nem que estivesse em uma festa do pijama bem aconchegante, digamos assim. Em dias normais, eu teria desistido da aula e passado uma hora na cantina, mas por causa dos rumores me forcei a ir. Não queria ninguém achando que eu estava com medo de assistir à aula.

Tive que passar por vários alunos do décimo segundo ano, mas tudo que conseguiram dizer foi um ou outro “tem levado por trás recentemente?”. Não consegui ver quem tinha falado, então lancei um olhar geral bem penetrante que dizia *sério, quantos anos você tem?* na direção de todos eles e continuei meu caminho. O outro único obstáculo pelo caminho — pelo menos o único que eu tenha notado — foi uma dupla de meninas do décimo ano com penteados idênticos que sussurraram algo ao passarem por mim. Comicamente, acho que ouvi a palavra “sodomia”. (A propósito, qual é o problema das pessoas com a questão da sodomia? É como a homofobia? Medo do desconhecido? Na minha opinião, um buraco é um buraco, seja na boca, no bumbum ou em qualquer outro lugar. Sério, é muito estranho que as pessoas se importem tanto com isso.)

A verdade é que não posso contar como foi a aula de francês. Acho que falamos sobre indústrias, mas não assino embaixo. Passei a aula escrevendo um roteiro para o meu documentário e logo depois fui para a ilha de edição, onde passei o resto do dia. Queria que o filme ficasse perfeito, e, de qualquer forma, já estava cansada de bancar a fortona. Enquanto misturava a entrevista de Bridget com as fotos, as histórias de Donna e minha própria

narração, perdi completamente a noção do tempo naquela salinha pequena e sem janela. Depois de não sei quantas horas, meu professor, Matt, bateu à porta.

“Ashley, sabia que são quase cinco horas?”

Dei um pulo, espantada, e cerrei os olhos por causa da luz brilhante que vinha do corredor.

“O quê?” Peguei meu telefone: 16:53. Esfreguei os olhos, desorientada e me sentindo um pouco estranha. Eu já estava lá havia quatro horas! Meus ombros estavam doloridos por ter ficado tanto tempo inclinada na frente do computador e meus olhos estavam ardendo de tanto olhar para a tela, mas o transe era incrível. Poderia ter passado a noite inteira ali, mas Matt me expulsou, dizendo que queria trancar a sala e ir para casa. Egoísta. Suponho que isso seria motivo suficiente para eu voltar ao colégio no dia seguinte. Eu seria uma criatura isolada em um serviço solitário.

Não estou dizendo que é a mesma coisa, mas aconteceu uma coisa na manhã seguinte que me fez pensar em uma menina, a Eloise, que estudava na nossa escola. Eu não a conhecia, mas ela tinha uma espécie de aparência infeliz, principalmente porque estava sempre, *sempre*, gripada. Devia ser alergia ou coisa do tipo, mas seu nariz e seu lábio superior viviam vermelhos e rachados, e ela falava de um jeito completamente fanho. Ouvi-la falando dava vontade de assoar o próprio nariz, entende? Seja como for, por algum motivo alguém começou a espalhar um boato de que ela colocava comida de cachorro na própria genitália... o resto dá para adivinhar. Foi uma fofoca muito maldosa e que se espalhou por todos os cantos. No fim das contas, ela teve uma overdose. Foi encontrada a tempo e levaram-na para o hospital. Fizeram uma lavagem estomacal nela e ficou tudo bem, mas ela nunca mais voltou para o colégio.

Então, claro, o que eu estava passando não chegava nem perto daquilo. Mas naquela manhã foi um pouquinho mais difícil me apegar à ideia de que eu é que tinha sorte.

Eu estava andando para a escola, ouvindo música e pensando na exibição do meu documentário, quando alguma coisa me atingiu com força na cabeça. Berrei, em parte por causa do choque e em parte porque aquilo machucou, e depois gritei de novo quando mais alguma coisa bateu no meu braço.

Mas foi quando senti algo molhado escorrendo pela lateral do meu rosto que realmente me descontrolei. Inicialmente achei que fosse sangue, apesar de, pensando melhor agora, o líquido estar frio demais, mas mesmo assim achei. Tive medo. Quando vi e senti pelo cheiro que era apenas um ovo, virei e gritei na direção de onde achei que aquilo tivesse vindo. Mas só ouvi risadas. Estava passando por um quarteirão cheio de prédios, então podia ter vindo de qualquer lugar. Será que tinham esperado por mim? Será que me odiavam tanto a ponto de ficarem escondidos só pela alegria de me ver com gema de ovo pingando do cabelo? Era horrível e de dar pena ao mesmo tempo...

Não dava para ir para a escola daquele jeito, então dei meia-volta e fui para casa o mais depressa possível. Não conseguia parar de tremer. Ao entrar na minha rua, rezei para que mamãe já tivesse ido trabalhar. Era dia de balanço, então a loja estaria fechada e ela não tinha hora certa para chegar. O carro dela não estava lá, e ao entrar eu constatei que a casa estava vazia, mas chamei por ela assim mesmo. Nada. O que queria dizer alguma coisa. Mamãe se irritaria muito, pois presumiria que eu estava de bobeira, depois não acreditaria quando eu relatasse o ocorrido, depois choraria e faria drama. Não estava a fim de aturar nada disso.

Então tomei banho e vesti roupas limpas, coloquei a suja no cesto, torcendo para que mamãe não notasse.

Lá embaixo fiquei um tempinho na cozinha, ouvindo o silêncio da casa em um dia de semana e pensando no que poderia fazer. Minha exibição do documentário seria só às quatro, mas eu não iria dar aos outros a alegria de saberem que eu estava em casa, derrotada. É claro que queria ficar de pijama no sofá, comendo biscoito e assistindo DVDs. Mas o argumento decisivo foi que eu não tinha tido tempo de ver todo o filme antes de ser expulsa da ilha por Matt. E se precisasse de ajustes? E se estivesse uma porcaria? Eu precisava ir.

Mas fui correndo. Por todo o caminho. Estava suando e arfando como um cachorro quando cheguei na escola, depois de ter escapado do Ataque dos Laticínios. Entrando no colégio com a cabeça erguida, mas sem focar em nada para não ver ninguém me encarando ou falando sobre mim, acabei esbarrando com Donna. Isso mesmo: em um colégio de mais de mil alunos, dou de cara com Donna. As palavras “lei”, “de” e “Murphy” passaram pela minha cabeça no mesmo instante.

“Ei, Ashley!” Ela me olhou, com as mãos nos quadris.

“Desculpe. Não a vi”, falei, arfando.

“Espere aí, por que está sem fôlego?”, perguntou, franzindo a testa.

“Vim correndo.” Fingi que estava exausta demais para falar qualquer outra coisa.

“Não brinca.” Ela me lançou um olhar confuso.

“O quê?”, perguntei, forçando um sorriso.

“Nada... vejo você no almoço, certo?”

Concordei e saí cambaleando para a ilha de edição. Fiz uma anotação mental para não esquecer de mandar uma mensagem a Donna, para avisar que estaria trabalhando durante o almoço, e me ajeitei diante do computador.

Já tinha acabado meu trabalho na hora do almoço, mas não fui encontrar os outros. Ajeitei algumas coisas e, depois de dar as caras no começo da aula de comunicação, passei os noventa minutos seguintes deixando meu

documentário tão incrível que provavelmente teriam que inventar uma nova categoria no Oscar para ele. Brincadeira. Mas fiquei muito orgulhosa. Se nenhuma escola de cinema me quisesse, pelo menos eu saberia que tinha feito o meu melhor (a quem estava querendo enganar? Na verdade eu ficaria arrasada).

Gravei dois DVDs com o filme completo e editado, li mais uma vez o meu texto de apresentação, imprimi e coloquei junto com um dos DVDs, depois desliguei o computador. Ao voltar para a sala, entreguei o trabalho a Matt.

“Muito bem”, ele disse, sorrindo. “Estou ansioso por este... Vai trazer alguém para a exibição de hoje?”

Dei de ombros.

“Meus amigos. Mamãe está trabalhando, então...” (Tinha marcado um compromisso de última hora com a filha superendinheirada de um lorde ou coisa do tipo. “Sinto muito por perder sua exibição, Ash. Você não se importa, não é mesmo?”, ela tinha dito. O que eu poderia responder? “Sim, na verdade me importo”? Nem pensar.)

Ele assentiu.

“Bem, boa sorte.” Ele levantou o DVD para mim, como que me parabenizando. Não soube exatamente como responder a isso, então apenas agradei e sentei à mesa para passar os últimos cinco minutos de aula torcendo os dedos de tão nervosa que estava.

Uma daquelas telas grandes de lona tinha sido armada no teatro e, na frente dela, no palco, havia um púlpito, onde cada um de nós deveria apresentar o respectivo filme. Pessoalmente, eu preferia deixar o filme falar por si só, mas Matt insistiu. Aparentemente era um mimo para os pais presentes. Eu o lembrei gentilmente que, infelizmente, não teria pai na plateia, mas ele apenas me lançou um olhar e não disse nada. No camarim, ficamos todos abraçados e falando meio histericamente. Nada como um

pavor compartilhado para de repente transformar apenas conhecidos em melhores amigos.

“Muito bem, pessoal”, disse Matt, esfregando as mãos. “Aqui vamos nós.” Ele apontou para um pedaço de papel colado na parede. “Esta é a ordem... Ashley, você é a primeira. Vou fazer uma breve introdução, depois, exatamente como discutimos, você vai para o palco, espera os aplausos, diz algumas palavras, se retira e o filme começa.”

Ótimo. Tentei respirar devagar. Meu estômago já tinha virado líquido e eu ia me borrar toda na frente da escola inteira. Bom, pelo menos isso mudaria o foco das pessoas: a piranha viraria a cagona, pensei, e uma risada histérica começou a se formar dentro de mim. Fechei os olhos, prendi a respiração, fiquei no canto para não desmaiar de medo e assisti enquanto Matt fazia a parte dele. Depois de alguns minutos de lenga-lenga, ele falou:

“E então, apresento a vocês o nosso primeiro filme: *Em direção à luz*, de Ashley Greene.”

Então, ouvindo uma mistura de aplausos educados com vibrações histéricas de um pequeno grupo (eu reconheceria o uivo de Donna em qualquer lugar), fui para o palco.

No púlpito, limpei a garganta e levei um segundo para me recompor, exatamente como me aconselhou a pesquisa sobre falar em público que fiz no Google. Fixando os olhos no fundo da sala, falei:

“Há alguns meses quase me afoguei no mar.” Fiz uma pausa, e deu para ouvir o eco da minha voz no silêncio do auditório.

“Apesar de não ter sido exatamente uma experiência de sobrevivência, aquilo me fez pensar. Como é, exatamente, essa experiência em que as pessoas quase morrem, quase chegam do lado de lá? Por que as pessoas passam por isso? E será que essas vivências provam que existe vida após a morte? Espero que meu filme, *Em direção à luz*, pelo menos comece a responder essas questões. Obrigada.”

Recebi mais aplausos e me retirei, mas fiquei na lateral do palco para assistir o filme.

A primeira cena era um take do céu, que deu lugar a uma rua movimentada (em Brighton no domingo anterior, para ser exata).

“Estima-se que um terço das pessoas que, seja por doença ou acidente, viram a morte de perto passaram por uma experiência de ‘quase morte’”, disse minha voz.

E assim o filme prosseguiu. As partes em que Bridget participou ficaram ótimas. A expressão no rosto dela ao narrar o que tinha vivido... Foi tudo muito comovente. As narrações de Donna também ficaram muito boas, principalmente com as fotos e as imagens congeladas que usei para ilustrar as histórias contadas.

Quando acabou, recebi bons aplausos da plateia. Não foi exatamente uma comoção geral, com todos de pé e tal, mas eu também não esperava que fosse ser assim. Tive que morder o lábio para não chorar. Sem querer ser convencida, eu mal conseguia acreditar que o filme era meu. *Eu fiz isso*, pensei.

Quando a próxima pessoa entrou no palco para fazer sua introdução, os outros me parabenizaram, dizendo os clichês de sempre. “Meu Deus, está muito melhor do que o meu.” Essas coisas. E para falar a verdade, assisti os outros filmes e realmente *não estavam* tão bons quanto o meu, mas eu não era a pessoa mais indicada para julgar...

Depois Matt chamou todo mundo no camarim e entregou uma caixa de chocolate pra gente.

“Não é exatamente um champanhe, mas é de coração”, ele falou. Ele estava sorrindo de orelha a orelha, como se *ele* tivesse feito os filmes. “De verdade, pessoal. Foi brilhante. Estou orgulhoso de vocês.”

Não consigo descrever como foi incrível aquela sensação. Tive mais certeza do que nunca de que era isso que eu queria continuar fazendo. E

que eu realmente *podia* continuar fazendo, se ao menos algum estranho em algum departamento de admissão de alguma universidade permitisse...

Quando estava prestes a ir embora para encontrar meus amigos, Matt me chamou.

“Ashley, você tem um minuto?”

Uau. Eu assenti.

“Seu documentário está excelente. De verdade”, ele falou, sorrindo.

Sorri.

“Obrigada, Matt. Adorei fazê-lo.” Escapuliu. Não consegui guardar para mim.

Ele balançou a cabeça.

“Deu para perceber... Ouça, você já pensou no que quer fazer no ano que vem?”

Hesitei.

“Humm...”

“Porque acho que você deveria cogitar seriamente a possibilidade de se inscrever em uma faculdade de cinema. Se tiver vontade, é claro.” Ele olhou para mim com expectativa.

“Bem, cheguei a cogitar”, respondi com cautela, mas Matt bateu palmas como se eu tivesse acabado de dizer que já tinha encaminhado as inscrições.

“Ótimo. Ficarei muito feliz em lhe dar uma carta de recomendação. É só você me pedir, ok?”

Assenti.

“Tudo bem. Obrigada.”

Ele encostou no meu ombro e disse:

“Excelente trabalho. Muito bem”, depois se retirou, me deixando sozinha e sorrindo para o além. Dei pulos de alegria e fui encontrar os outros.

“Ei, olha a Ashley Hitchcock!”, entoou Ollie, me abraçando com força quando finalmente encontrei todo mundo — menos Donna — perto da porta.

“Que filme incrível, Ash”, disse Sarah, sorrindo. “Fiquei realmente impressionada.”

“Meu Deus, eu também”, acrescentou Cass. “Você é talentosa de verdade!”

“Ah, fiquem quietos”, protestei, vermelha.

“Eu quero falar com ela, eu quero falar com ela!”, gritou Donna, depois de aparecer do nada. Ela me abraçou e me acariciou nas costas de um jeito que supus ser congratulatório, mas que na verdade me fez sentir agredida. “Caramba, você é uma estrela! UMA ESTRELA, ESTOU FALANDO!” Ela segurou meus braços e olhou para mim. “Nossa, estou tão orgulhosa de você.” Então balançou a cabeça e sorriu, mordendo o lábio ao mesmo tempo. Realmente ela parecia orgulhosa. Ah, meus amigos!

“Obrigada, pessoal”, falei, de coração. “Amo todos vocês.”

Levei um ovo na cabeça de manhã, mas à noite não. Que se explodam, seus fofoqueiros!

Fui dormir em êxtase, mas acordei péssima. O fato de que meu documentário não tinha sido péssimo não funcionava exatamente como um talismã contra toda a chateação na escola, por mais feliz que tenha me sentido naquele momento. E agora que já tinha acabado de fazer o filme, não sabia mais no que me concentrar. Era apenas eu contra os falsos rumores. Era uma briga difícil. Continuei a ir correndo para a escola para evitar ovadas e a andar de cabeça baixa para evitar contato visual, e aquela energia destruidora de almas promovendo comentários sussurrados e olhares maldosos. Pelo menos não houve mais pichações, pelo que sei.

(Aliás, não vá me dizer que isso que estou sofrendo é *bullying*. Detesto essa palavra e, de qualquer forma, na minha opinião só seria *bullying* se eu

permitisse que fosse. Na verdade, o que estava acontecendo comigo não era nada mais significativa que uma mosquinha burra que se alimenta de esterco, zumbindo irritantemente em volta de mim. Eu poderia esmagá-la, mas seria mais eficiente e menos exaustivo permitir que ela zumbisse até morrer de exaustão. Ou até o fim do semestre. O que viesse primeiro.)

Entrar na cantina na hora do almoço foi o mesmo que ser assaltada por um Papai Noel histérico. Os funcionários estavam usando ornamentos prateados e servindo peru para as pessoas enquanto músicas natalinas terríveis tocavam baixinho no som. O barulho das pessoas felizes dando gargalhadas era ensurdecedor.

Fiz uma careta e me virei para Donna para perguntar se podíamos ir para outro lugar, mas ela estava dançando ao som de “Christmas wrapping”, da banda The Waitresses. Reconheço que, sim, aquela era uma ótima música de Natal — se é que isso existe —, e era a única de que eu gostava além de “O come all ye faithful” (não tem como não gostar da última parte em que a harmonia chega ao clímax).

“Belos movimentos, senhorita”, falei, erguendo uma sobancelha. Ela fechou os olhos, mordeu o lábio e começou a apontar para mim. “Muito bem, agora você só está passando vergonha”, falei, rindo. O que era basicamente o mesmo que dizer *por favor, seja mais escandalosa. Não tem gente suficiente olhando para você.* Então, quando ela começou a girar, eu olhei para cima, suspirei e finalmente me afastei. Alguém em uma mesa próxima gritou alguma coisa, não sei o quê, mas sei que foi para mim e que o grito fez o resto das pessoas gargalhar como robôs. O que quer que tenha sido, tenho certeza de que foi *hilário*. Mas estragou o bom humor que Donna tinha despertado em mim. Então, quando cheguei à nossa mesa, eu já tinha voltado a minha terra natal: a República da Depressão. População: eu.

“Tudo bem?”, perguntou Ollie, sorrindo para mim com a boca cheia de batata assada.

“Tudo ótimo, obrigada”, falei, com uma *pontinha* de ironia. “Belo molho, aliás. Ele parece muito apetitoso assim, escorrendo da sua boca.” Ol lambeu o molho e revirou os olhos de um jeito assanhado. Então revirei os meus em retribuição — mas sem assanhamento.

“Vai sair mais tarde?”, perguntou Jack, que estava comendo a refeição de Natal como se estivesse passando fome havia uma semana.

Franzi o nariz.

“Não sei. Onde vamos?”

“No Hobbit.”

“Não estou muito a fim”, respondi, roubando uma batata do prato de Rich.

Ele deu um tapa na minha mão.

“Primeiro, compre a sua. E segundo, nem vem. Você tem que sair. É o fim do semestre! É Natal!”. Ele fez um beicinho. “Vamos, Ash. Não estrague a nossa festa.”

Naquela hora eu me prometi: eu nunca mais reclamaria com Sarah e Cass quando elas não quisessem sair. Era irritante.

“Não estou estragando a festa”, falei, com os dentes cerrados. “Só não quero sair. Ok?” Olhei significativamente para ele e finalmente ele se tocou. Então deu de ombros e me olhou de um jeito que dizia *oops, foi mal*.

“Oh, não se preocupe com isso”, disse Cass, colocando a mão dela em cima da minha. Eu resisti ao impulso de me encolher. “Você vai ficar o tempo todo com a gente.”

“Obrigada, mas não acho que isso vá conter as pessoas, sem ofensas”, falei. “Se alguém quiser me chatear, vai chatear, e não estou com vontade de lidar com isso. Vocês vão se divertir mais sem mim.”

Ollie balançou a cabeça.

“O dia de hoje é um dia triste. O dia em que Ashley Greene não quis sair para celebrar o final do semestre. Vamos sentir sua falta.”

Então Donna finalmente chegou e repousou a bandeja.

“Sentir sua falta? Por quê, para onde você vai?”

“Para lugar nenhum.” Não estava acreditando que teria que passar por isso pela segunda vez em menos de um minuto. “Não vou sair hoje.”

“Ah, sim. Não achei que fosse mesmo, para falar a verdade.” Ela sorriu para mim, e eu retribuí.

De repente meu celular deu um pulo e começou a vibrar sobre a mesa. Eu tinha recebido uma mensagem de texto.

“Número desconhecido”, disse Sarah, olhando para a tela do celular. “Ooh, quem está mandando mensagem pra você?”

“Ian, o psicótico”, respondi, pegando o aparelho. “Não salvei o número dele.” Por algum motivo, ele estava ainda mais dedicado essa semana e me mandava mensagens todos os dias, algumas para sugerir uma hora e um local de encontro, outras apenas para perguntar como eu estava.

Li a última em voz alta.

Oi, ashley, na verdade seria melhor
domingo mais cedo.
3 hs seria bom p mim. Avise!!!

“Ai, meu Deus, você não vai encontrar com ele de verdade?”, perguntou Cass, me olhando incrédula.

“Não!” Encarei-a com um olhar de *dãã*. “Na última mensagem ele propôs um encontro no domingo às quatro.”

“Ele é otimista, não?”, disse Ollie. “Você respondeu alguma das mensagens dele?”

Balancei a cabeça.

“Nem os recados no Facebook.”

“É triste, na verdade”, comentou Sarah. “Ele é tão patético.”

“Eu sei... Ele nunca pergunta por que não respondo, e nem parece minimamente irritado.”

“Talvez você precise dizer a ele que não está interessada”, ela acrescentou.

“Talvez ele já devesse ter entendido isso sozinho”, falei, deletando a mensagem.

“É, mas provavelmente ele está achando que não receber notícias é uma boa notícia”, observou Jack. “Talvez você precise ser cruel para ser gentil, alguma coisa do tipo”. Ele limpou a garganta. “Você... fez coisas com ele, afinal. De repente não pode culpá-lo por ter esperança.”

Eu parei para pensar naquilo.

“Sim, eu acreditaria nisso se ele tivesse treze anos de idade. Mas é um homem feito...”, e não acabei a frase. Talvez Jack tivesse razão, mas com tudo que estava acontecendo no momento, eu só tinha condições de deletar as mensagens e me esquecer delas.

“Então”, disse Donna. “Vou pegar mais cenouras. Alguém quer alguma coisa?”

A aula terminou mais cedo e eu estava com uma sensação devastadora de anticlímax. O relógio passou das duas e o semestre acabou. Era o instante que eu mais tinha esperado durante toda a semana, mas na hora em que ele chegou não senti nada além de exaustão. Sem me despedir de ninguém, fui embora. Antes das duas e meia já tinha chegado em casa. Sem pensar muito, fui até o meu quarto e disquei o número de Bridget, mas desisti antes de completar a chamada. Não sabia o que queria dizer para ela, além de querer que ela me dissesse que ia ficar tudo bem, e isso era uma tolice. O que ela poderia fazer? Dizer palavras sábias pelo telefone como uma espécie de “fala que eu te escuto”? Então, em vez disso, deitei na cama e dormi quase imediatamente até as nove da manhã do dia seguinte.

Quando acordei, a semana anterior finalmente já estava com cara de passado. Era só uma pequena nota de rodapé na história da minha vida. Ou nem isso. Eu disse a mim mesma que em fevereiro, quando as aulas recomeçassem, os idiotas de plantão já teriam mudado de assunto. Mas, dane-se, eu não ia dedicar nem mais um único neurônio ao assunto. A questão toda podia ir para o inferno. Era hora de seguir em frente — a começar pelo encontro com Dylan e Marv no pub naquele dia.



PASSEI UMA QUANTIDADE ESTÚPIDA DE TEMPO definindo o que ia vestir para ir ao pub. Tudo que experimentei parecia inadequado: ou monótono, ou desesperado. Até recorri ao armário de Frankie para encontrar inspiração (e reparei que ela tinha uma calça de fazer ginástica com a palavra “*Girl*” estampada no bumbum). No fim optei por um casaquinho roxo de cetim que tinha comprado fazia anos e nem me lembrava que tinha, calças pretas justas e minhas botas pretas de sempre. Meu casaco de imitação de pele completou o visual. E praticamente chorei de alívio quando me olhei no espelho. Eu estava muito bem, modéstia à parte. Depois de prender o cabelo e retocar o rímel, eu estava pronta. E me sentindo um pouco enjoada, com medo e animada. Mal podia esperar para ver Dylan de novo — o fato de que ele tinha aceitado me encontrar era um bom sinal, certo? —, mas ao mesmo tempo, meu DEUS, que humilhação era voltar a encontrá-lo depois do que aconteceu na festa de Ollie... Enquanto caminhava, ensaiei o que iria dizer. Se ninguém tocasse no assunto, eu também ficaria na minha. Se alguém comentasse (e Donna havia jurado de pés juntos que não falaria nada), eu tentaria arriscar dizendo algo como “meu Deus, estou tão envergonhada. Não vamos falar sobre isso”. Seria uma boa mistura de autocrítica e lamentação.

Mas quando cheguei ao pub, Dylan não estava lá.

“Tudo bem, pessoal?”, eu disse, totalmente alegre. “Dylan ainda não chegou?”

Donna me olhou solidária.

“Ele não vem.”

Marv me mostrou o celular.

“Acabou de me mandar uma mensagem. Precisa cuidar dos meio-irmãos.”

“Ah. Certo.” Tentando desesperadamente parecer que estava achando uma pena, mas não estava me importando tanto, sentei. Mas me levantei logo depois ao perceber que ainda não tinha comprado uma bebida. “O que vocês estão tomando?”, perguntei, com a voz meio falha. Eu estava estupidamente perto de chorar. Dylan não queria me ver, do contrário teria vindo. Simples assim.

“Eu vou com você”, disse Donna, levantando. Ela olhou para Marv. “A mesma coisa?” Ele assentiu e ela pegou no meu braço.

“Sei o que está pensando, e não pense”, Donna cochichou no meu ouvido enquanto me arrastava até o bar. “Se ele não tivesse que ficar de babá, estaria aqui.”

“Ah, sim, super”, respondi sarcasticamente. “Ele está louco para me ver.”

“Não seja tola”, disse Donna. “Não combina com você.” Ela acenou para chamar a atenção do barman. “Três cervejas, por favor.”

“Humpf.” Comecei a arranhar a madeira da bancada do bar com a unha. “Na verdade...”

Ela me interrompeu.

“De jeito nenhum. Nem pense em sair. Ainda podemos nos divertir. Você vai ficar bem depois de alguns drinques.” Donna se inclinou sobre o balcão. “Amigo?” O barman olhou para ela. “Na verdade, quero duas doses de *Jägermeister* também.”

Ele franziu a testa.

“Tem carteira de identidade?”

Ela revirou os olhos, pegou a carteira falsa e mostrou para ele.

“Tudo certo?” Sem nem olhar ele assentiu e foi pegar as doses.

“Detesto *Jäger*. Tem gosto de remédio”, resmunguei.

“Sinal de que faz bem, então”, disse Donna. “Agora beba.” Ela me entregou um copo, pegou o outro e nós duas viramos as bebidas. Fiz uma careta, mas a queimação do álcool foi boa. Don tinha razão. Não havia razão para me desesperar em relação a Dylan. Eu já sabia que ele não estava interessado fazia tempo, então nada tinha mudado. E se eu continuava arrasada com isso — o que, tenho que ser sincera, estava acontecendo —, iria superar com o álcool. Uma atitude saudável, acho que todos concordam.

“Vamos, então”, falei, dando o braço para Donna. “Vamos causar hoje à noite.” Ela balançou a cabeça, um pouco chocada com aquela minha atitude nerd, e voltamos para encontrar Marv, com quem passamos as duas horas seguintes bebendo, conversando e rindo. Não foi a melhor noite da minha vida, mas também não foi a pior — o que, dadas as circunstâncias, não foi nada mal.

Eu tinha esperanças um pouco mais elevadas para o primeiro evento oficial da temporada: a Grande Troca de Presentes, em que comíamos, bebíamos e trocávamos presentes. Nos últimos anos tínhamos feito Amigo Oculto: cada um gastava no máximo cinco libras e dava presente só para uma pessoa, em vez de todos comprarmos presentes para todos. O que para mim era uma coisa boa. Eu não tinha condições financeiras de comprar seis presentes legais e detestava receber coisas em público. Muita pressão.

Sarah tinha reservado o restaurante e nós só precisamos aparecer. Ótimo. Mas a verdade é que nos decepcionamos um pouquinho quando vimos que o lugar estava cheio de comemorações de escritórios. Sinceramente, nunca vi tantos cabelos alisados e decotes na vida. E estou me referindo aos

homens. Rá, rá. Mas Sarah tinha um vale que dava cinquenta por cento de desconto nos pratos principais, então resolvemos encarar. E pelo menos toda aquela gente significava que podíamos falar alto. Nada pior (bem, existe coisa pior, mas você me entende) do que sentar perto de senhoras de cara feia que olham para você e balançam a cabeça, lamentando a juventude atual. Então, estar cercado por adultos excessivamente arrumados e se embebedando não era a pior coisa do mundo. E de qualquer forma era Natal. Ho-ho-ho e tudo mais.

“Certo”, disse Cass depois de se sentar e abrir o guardanapo com um gesto ensaiado. “Vamos pedir e *depois* trocamos os presentes. Caso contrário, vamos acabar não pedindo e ficaremos todos bêbados demais.”

“E isso não pode acontecer”, declarou Rich com um sorriso e acenou para um garçom, pedindo o vinho da casa e água, antes de solicitar que voltasse em dois minutos para anotar o pedido. Rich sabia ser tão eficiente quanto Cass quando queria, o que não acontecia com frequência, para falar a verdade.

“Vamos lá, pessoas, alegrem-se!”, disse Ollie, esfregando as mãos. “Vamos pedir rápido. Não estou conseguindo conter a ansiedade.” Ele sorriu para nós, e não estava brincando. Eu tinha tirado Ollie e gastado três libras com um livro de citações que encontrei em uma livraria barata. Me flagrei torcendo muito para não decepcioná-lo. Tolice, eu sei. Era só um Amigo Oculto. Fiquei imaginando quem teria me tirado. No ano passado Cass me deu um par de meias rosa-shocking que adorei. Quais eram as chances de ganhar um bom presente duas vezes seguidas? Eu era péssima em fingir empolgação.

Então pedimos a comida e Cass pegou a sacola de presentes embaixo da mesa. Todo mundo estava com uma cara hilária que dizia *não me importo, mas na verdade me importo, sim*. Isso tudo na verdade fez com que eu me sentisse um pouco morta por dentro. Eu ficaria mais feliz em não participar

daquilo, mas sabia que estava sozinha nessa. Não é legal ser a estraga prazeres.

Cass distribuiu os presentes. Os embrulhos denunciavam quem tinha comprado o quê. Tipo, o presente que Sarah ganhou estava embrulhado com papel marrom e tinha os dizeres de “FELIZ NATAL!” em azul. Meu chute era de que tinha vindo de Ollie, e o olhar de apreensão no rosto dele também denunciava um pouco. O presente que Donna recebeu estava escondido em um papel fino e porcaria, daqueles que se compra em bancas de jornal, e eu supus que fosse de Jack. O de Jack estava embrulhado em um papel dobrado perfeitamente, branco e brilhante, com um laço azul e prateado. Tinha sido comprado por Cass, sem dúvida. O de Rich tinha um embrulho da Hello Kitty e só podia ter sido embrulhado por Donna. Eu embrulhei o de Ollie em uma página de revista, o que achei muito criativo e ecologicamente correto. E estava muito bom.

O presente que ganhei foi o último da sacola. Era uma caixa longa e fina, embrulhada em papel preto com um laço roxo. Por eliminação, eu percebi que era de Sarah, mas eu saberia de qualquer jeito: bonito, de bom gosto e um embrulho claramente planejado.

Cass olhou para todos nós, que estávamos sentados com nossos presentes na mesa.

“Podemos começar?”, perguntou Donna.

“Claro que podemos”, disse Ollie, que rasgou o papel e todos seguiram o gesto. Eu fingi estar examinando o embrulho do meu enquanto olhava para ele com o canto dos olhos. Ele pegou o livro de citações e leu a contracapa, com uma expressão neutra. Meu coração estava prestes a afundar quando ele cutucou meu pé com o dele e levantou o livro. “Você que me deu?”

Dei de ombros.

“Foi.”

Ele sorriu.

“Legal. De verdade.”

Dei de ombros de novo.

“Legal.” (Receber elogios não era o meu forte.)

Olhei para toda a mesa. Em frente a mim, Sarah estava segurando um porta-retrato de cor clara e encarava intensamente o que quer que estivesse ali, com um sorriso imenso no rosto.

“Ei, Sá, o que é?”, perguntei.

Ela virou. Ollie tinha emoldurado uma página de um livro.

“É de *Jane Eyre*”, ela disse.

“Meu Deus, é um ótimo presente!” Perfeito para Sarah. Muito bem, Ollie.

“Você vai abrir o seu?”, perguntou Sarah.

“Ah, sim. Claro.” Abri, tensa. Se existisse uma *receberpresentesfobia*, eu com certeza sofria desse mal. Ou pelo menos sofria de fobia de abrir presentes na frente de quem me deu. Preparei-me para abrir um sorriso solene, rasguei o papel e vi uma caixa de plástico. Tinha um relógio de criança dentro, todo preto, com aranhas prateadas na pulseira e um mostruário que brilhava no escuro. Relaxei, percebendo de repente que meus ombros estavam curvados como se eu estivesse me esquivando de um soco. Inclinei-me sobre a mesa e abracei Sarah. “Amei!”

Ela enrubesceu e sorriu.

“Como sabe que fui eu que dei?”

“O que foi, quer que eu abrace outra pessoa?” Peguei o relógio e coloquei no pulso. Coube. E não custou menos de cinco libras de jeito nenhum — não que eu fosse reclamar...

Rich interrompeu meu momento de admiração.

“Muito bem, hora de mostrar e contar.” Ele levantou uma pistola d’água que, apesar de ser claramente de plástico, parecia tão real que me surpreendi. “Todo mundo precisa de uma arminha para brincar no banho, certo?” Ele apontou a arma para Donna. “Ótimo, mocinha.”

Cass ganhou uma minipá de lixo, dessas de usar em cima da mesa, de Rich; Donna ganhou um gel de banho (foi presente ruim, comparado aos outros. Jack nunca foi muito bom no Amigo Oculto); e Jack ganhou uma caneta e um lápis do time de futebol Brighton and Hove Albion. Um pouco óbvio, mas como quem tinha dado era a Cass, ele ficou olhando como se tivesse ganhado pó de Vênus e ouro dos elfos.

E então, como que por mágica (ou pelo garçom), a comida chegou, e os presentes foram postos de lado para que pudéssemos seguir com o compromisso seriíssimo de nos empanturrarmos. Meu espaguete com almôndegas estava uma delícia, mesmo que tenha colaborado para me deixar toda laranja depois. Tenho certeza de que já escutei em algum lugar que é preciso sugar o macarrão para conseguir apreciar todo o sabor. Será que tem a ver com o oxigênio? Não sei. De qualquer forma, sugar é divertido.

“Então, o que vocês vão fazer entre hoje e o grande dia?”, perguntou Rich, com um triângulo de pizza na mão. “Alguém quer fazer as minhas compras de Natal por mim?”

“Não”, respondeu Donna. “Ainda tenho que fazer as minhas.”

Cass balançou a cabeça incrédula.

“Já comprei e embrulhei todos os meus presentes há semanas.”

Sarah interrompeu.

“Conte a eles sobre a planilha.”

Rich balançou a cabeça, lamentando.

“Cass. Diga que não é verdade.”

“Ah, *todo mundo* faz planilha de presentes”, Cass respondeu com o nariz empinado, mas sorrindo.

“Ela tem razão”, declarou Ollie. “Minha planilha, por exemplo, é uma vaga lista na minha cabeça.”

“Tenho que trabalhar”, falei, respondendo a pergunta inicial de Rich. “Acho bom que eu ganhe alguns presentes *incríveis* por todo o trabalho

gratuito que minha mãe tem recebido de mim.”

“Oh, vai trabalhar a semana inteira?” Sarah franziu a testa em solidariedade.

“Não”, admiti. “Vou levar Frankie para fazer compras amanhã.”

Eu estava muito ansiosa para o passeio anual com a minha irmã. Mamãe sempre nos dava dinheiro para almoçar em uma padaria/café, que era onde comemorávamos momentos especiais desde a minha infância, e depois íamos a uma sorveteria deliciosa de frente para o mar e tomávamos um sundae de chocolate quente (que pode parecer péssimo, mas não é). E depois comprávamos presentes para mamãe e Sasha, e escolhíamos alguma coisa uma para a outra. Franks só falava nisso havia semanas. Não gosto de festividades, mas quase começava a gostar quando saía para fazer compras com ela. Era uma sorte, na verdade, considerando que passar a semana antes do Natal puxando o saco de vacas ricas e das filhas noivas ainda mais vacas na loja de mamãe podia muito bem me levar a esfaquear alguém, ou quase isso. Se — e quando — eu me casasse, juro que me obrigaria a gastar no máximo cinquenta libras com tudo. Gastar, sei lá, três mil em um vestido que só se vai usar uma vez é uma coisa obscena, não me importo com o que os outros digam. Mas é claro que quanto mais mamãe vendesse melhor. Cada vestido estupidamente caro que era vendido me deixava um pouco mais próxima de receber algum pagamento por meus esforços.

Meu devaneio foi interrompido por Donna, que estalava os dedos na frente do meu rosto.

“Ei, Ashley!”

Afastei a mão dela.

“O quê?”

“Você. Quer. Pudim?” “Tudo bem, tudo bem”, fiz uma careta. “Não precisa falar comigo como se eu fosse anormal.”

Don me lançou um olhar que dizia *se a carapuça serviu*. Retribuí com um *rá rá, muito engraçado*, e olhei rapidamente o cardápio de sobremesa.

“O que vocês vão pedir?”

“Bolo de chocolate, basicamente.”

Coloquei o cardápio na mesa.

“Quero um cheesecake, então.”

Vi Sarah e Cass sorrindo e revirando os olhos uma para a outra. Elas adoravam zombar de mim por eu querer ser diferente. Dane-se. Só porque eram as senhoras convenção.

Olhando ao redor da mesa, percebi que todos estavam mais bêbados do que eu. Chequei meu novo relógio: 9:30. Peguei a garrafa de vinho tinto e enchi minha taça. E assim, antes que eu percebesse, quase três horas se passaram e nós fomos expulsos do restaurante vazio. Ficamos um minuto na chuva gelada, rindo bêbados e nos despedindo com abraços. Nos dias felizes pré-Ian, o psicótico, eu teria entrado no ônibus, mas agora, apesar de estar morrendo de frio, na chuva e sem guarda-chuva, não tinha escolha além de abaixar a cabeça e voltar para casa.

Estava andando havia cinco minutos e já estava ensopada, quando de repente um carro parou ao meu lado. Obviamente fiquei com medo. Era meia-noite e eu estava sozinha, ou seja, era a cena perfeita para um crime. Mas então um sujeito colocou a cabeça para fora da janela e mesmo no escuro eu o reconheci, apesar de só ter reconhecido, mesmo. Não o *conhecia*, na verdade. Era um cara que costumava ver no Hobbit, e achei que também o tivesse visto em alguma boate uma ou duas vezes.

“Quer uma carona para algum lugar?” Ele sorriu. Não parecia um estuprador psicopata, apesar de em geral os estupradores psicopatas não usarem um distintivo anunciando suas intenções. Tentador, com as condições climáticas, mas balancei a cabeça e respondi:

“Não, tudo bem, obrigada.”

“Tem certeza?”, perguntou, parecendo surpreso. “Não é problema nenhum. Para ser sincero, estaria me fazendo um favor. Tenho um recém-nascido em casa e minha namorada acabou de me mandar uma mensagem

dizendo que ele está chorando sem parar.” Ele sorriu timidamente. “Ficaria feliz em ter uma desculpa para passar mais tempo fora.”

Eu mordia o lábio e tremia enquanto a chuva pingava pelo meu rosto. Estava prestes a ceder quando ele saltou do carro e abriu a porta do banco do passageiro.

“Entre.” Ele deu uma risada estranha e nervosa. “Não tenho o dia todo!” Engoliu em seco, o pomo de Adão subindo e descendo, e começou a tamborilar impacientemente na lateral da porta.

“Não, estou bem”, respondi com firmeza, em seguida virei e me apressei. Ouvi a porta do carro bater e passos acelerados avançarem atrás de mim. Merda, merda, merda. Senti uma corrente de adrenalina e meus dedos tremeram, eu já ia começar a correr quando ouvi meu nome. Dei meia-volta e vi Cass e Sarah com os casacos sobre as cabeças, vindo rapidamente em minha direção. O homem também as viu. Ele entrou no carro e acelerou, os pneus cantaram no asfalto molhado.

“Quem era?”, perguntou Cass.

Encostei num poste para me recompor. Meu coração estava completamente disparado.

“Não sei”, respondi. “Algum maluco que não aceitou um ‘não’ como resposta.”

“Meu Deus”, disse Sarah, chocada. “Você está bem? Acha que devemos procurar a polícia?”

Balancei a cabeça.

“Não. Não aconteceu nada. Ele só era estranho... Então, o que estão fazendo aqui?”

“Perdemos o ônibus”, disse Cass. “Íamos dividir um táxi. Quer vir? Por minha conta.”

“Aceito.” Fechei os olhos e suspirei. Tive a sensação de que não conseguia puxar ar suficiente para os pulmões. Sarah me deu o braço.

“Está tudo bem”, ela falou, me cutucando com a lateral do corpo.

“Sim, claro”, respondi, apesar de me sentir pateticamente grata por não estar sozinha. Quase tinha entrado no carro com aquele homem. Estremeci ao pensar no que podia ter acontecido.

Cheguei em casa sem incidentes, atordoada com o meu quase encontro com o maluco, e dormi como uma pedra até Frankie abrir minha cortina e gritar: “Que manhã linda!”. Ela cantava a plenos pulmões, como uma diva de ópera. Suspirei e resmunguei, mas, secretamente (muito secretamente), estava tão animada quanto ela com o dia de hoje.

“Trouxe uma xícara de chá”, disse Frankie, apontando para a caneca na minha cabeceira. “Tome depressa.”

“Tudo bem. Um segundo.” Esfreguei a testa. “Vá buscar um remédio pra dor de cabeça, vá?”

Ela franziu a testa decepcionada.

“Ah. Aaaaah”, resmungou. “Hoje não é dia de ressaca.”

“Estou bem.” Sorri e tomei o chá. “Viu?”

Ela ergueu uma sobrancelha (aprendeu isso com a mestra).

“Hummm.”

Olhei a hora.

“Estarei pronta antes das dez. Prometo. Não preciso de café da manhã nem nada.”

“Precisa sim. Vou preparar uma torrada enquanto você toma banho.”

Sorri.

“Tudo bem, mamãe.”

“Não tem graça”, Franks respondeu, séria. “Emily leu em uma revista que se não tomar café da manhã, a pessoa engorda.”

“Emily lê revistas demais.” Estiquei o pé para fora da colcha e dei um chutinho nela. “Agora saia daqui e me deixe me vestir em paz.”

“Tudo bem”, disse Franks. “O café da manhã estará servido em dez minutos.” Ela me olhou. “Você sabe como não é bom torrada fria.”

“Que seja.” Suspirei e a encarei até ela se retirar. Depois de alguns minutos curtindo minha cama aconchegante e o potencial do dia, levantei.

Não me detestem por isso, mas desde que conheci Dylan me visto para ele. Todo. Santo. Dia. Deprimente, mas é a verdade. Não podia evitar. Antes de Dylan, eu saía sem maquiagem quase sempre. Agora, jamais faço isso. E sim, o que importa é o interior das pessoas. Mas antes de entrar, ele ia passar por fora, não é mesmo? E ele era lindo; eu não. Eu precisava de toda ajuda possível. Isso também me animava a me vestir de manhã, como se quanto maior o meu esforço, mais chances tivesse de encontrá-lo. Será que eu estava enlouquecendo? Possivelmente sim. De qualquer forma, para aquele dia escolhi leggings, uma minissaia jeans preta e um casaco estilo *Dennis, o pimentinha*. Não era dada demais, estava sendo apenas cuidadosa.

Em uma hora já estávamos a caminho do centro, com Frankie saltitando alegremente ao meu lado. A palavra “imperturbável” poderia ter sido inventada para ela. Eu estava esperando ela se tornar desajustada e envergonhada, como aconteceu comigo aos doze anos, mas até agora nada. O que era bom, mas ao mesmo tempo me preocupava com ela. A ingenuidade pode ser boa quando você tem doze anos. Mas aos catorze? Nem tanto. De qualquer forma, fiquei de boca fechada e deixei que ela continuasse. O interesse pelo tal Freddy pelo menos indicava que ela estava a caminho da merda que é a puberdade, pobrezinha. Obviamente só era um pouco atrasada, não tinha nem menstruado ainda.

“Podemos ir à sorveteria antes?” Ela pronunciava “sorrerveteria”. “Por favooooor? Sempre acabam antes os de chocolate branco e framboesa à tarde.”

Olhei para ela.

“Não no meio do inverno. Mas tudo bem.”

Ela comemorou e fomos até a parte da frente.

“Então, como vão as coisas com Freddy?”, perguntei como quem não quer nada.

Ela pensou.

“Acho que talvez esteja indo bem, para falar a verdade. Ele pediu para ser meu amigo no Facebook.”

“Resultado.”

“Ele me faz sentir... não sei. Meio *eu*, mas mais. Entende?”

Sorri.

“Totalmente. Como se todas as coisas boas a seu respeito fossem melhores, e as piores sumissem.”

Frankie apertou meu braço.

“Exatamente.” Fez uma pausa e depois falou: “ele tem dentes lindos e quando sorri meus dedos tremem”. Ela estava mordendo o lábio, sorrindo para si mesma.

“Vá em frente”, falei. “Mande uma mensagem pelo Facebook e pergunte se ele quer ir ao cinema, ou alguma coisa assim.”

“Como assim, tipo um encontro?”, perguntou, como se apenas cretinos fossem em encontros. “Ninguém mais faz isso.”

“Bem, o que fazem, então?”, perguntei. Eu só tinha seis anos a mais do que ela: as coisas não podiam ter mudado tanto assim.

“Não sei. Se encontram em um ponto de ônibus, tomam cidra em uma garrafa de limonada e ficam se agarrando.”

Relaxe. As coisas não tinham mudado nada.

“Justo. Mas se realmente gosta dele, talvez não queira simplesmente beijá-lo em um ponto de ônibus.”

“Talvez.” E foi isso. Ela mudou de assunto. Não insisti. Era esperta o suficiente para se decidir sozinha, apesar de parte de mim estar tentada a

invadir o Facebook de Frankie, encontrar esse Freddy e informá-lo de que se machucasse minha irmã, eu quebraria suas pernas.

Continuamos conversando, comentando isso e aquilo, parando em alguns momentos para olhar as vitrines. Fiquei me preparando para que ela me perguntasse novamente sobre a pichação, mas ela não o fez.

“Um deste, por favor”, falei para o homem atrás do balcão da sorveteria, apontando para o de chocolate branco e framboesa. “É um sundae de chocolate quente.”

“Oooh...” Franks mordeu o lábio e me olhou suplicante.

“Ah, pelo am...” Olhei para o sujeito. “Esqueça o sorvete. Dois sundaes de chocolate quente, por favor.”

“Desculpe, Ash. Tinha me esquecido do sundae.”

Balancei a cabeça.

“Certo. Porque a gente só toma isso toda vez...” Frankie riu e escolheu uma mesa perto da janela. Como todas as outras, estava com uma toalha vermelha e branca e tinha um menu escrito à mão em cima.

Franks gemeu ao lambe o chantilly da colher.

“Oh, Deus, orgasmo...”

Ri.

“Sério?”

“Cale a boca.” Ela sorriu, mas ficou completamente vermelha. Me senti um pouco mal. Frankie, sozinha, poderia estar tendo cinco orgasmos por noite, apesar de não acreditar nisso, considerando que o chantilly era seu maior êxtase. Mudei de assunto.

“Então, o que podemos comprar para mamãe e Sasha?”

Frankie alcançou o bolso do casaco.

“Pedi para fazerem uma lista.” Fiquei impressionada — nunca tinha pensado em fazer isso, a Filha Decepcionante ataca novamente. Ela colocou

as listas na mesa. Mamãe pediu um creme chique contra rugas, um cachecol de seda, brincos e, o mais estranho, um vale do iTunes. Sasha pediu um vale da loja de jardinagem, um azeite caro, um pijama novo e uma doação para alguma caridade de nossa escolha. Franzi a testa.

“Doação para obra de caridade? Dê um tempo.”

“É uma ideia generosa”, protestou Frankie.

“Sim, não, você tem razão”, falei, suspirando e me inclinando para trás na cadeira. “É só que... ela me irrita, só isso... E por que mamãe quer um vale do iTunes? Ela nem tem iPod.”

Franks sorriu.

“Sasha vai comprar um para ela.”

“Claro que vai.”

De repente fiquei séria.

“Certo, então. Vamos comprar um pijama para Sash na loja que doa parte dos lucros e matar dois coelhos com uma cajadada. E talvez possamos comprar uns brincos para mamãe no mesmo lugar.”

Franks pareceu desconfiada.

“Acho que Sasha está esperando um pijama de seda de uma loja chique ou alguma coisa do tipo.”

“Ou ela quer que eu faça caridade ou não quer”, bufei.

Frankie franziu a testa, preocupada com nossa querida irmã.

Suspirei impacientemente.

“Oh, olhe, fazemos uma doação para ela, depois vamos no adorável mercado orgânico que ela tanto ama e compramos o azeite chique, tudo bem?”

Ela sorriu e guardou as listas no bolso.

“Tudo bem. Boa ideia.”

Mais tarde, depois que compramos os presentes e estávamos vagando por uma loja de departamento, Frankie beliscou meu braço de repente.

“Ai! O que...?”, reagi.

“Tem um menino no departamento de lingerie olhando para você”, ela cochichou. Sim, ali, entre sutiãs e calcinhas, havia um menino. Mas não um menino qualquer. Meu coração saltou, e imediatamente afundou, deixando-me sob sério risco de desmaiar. Não estava pronta para isso. Eu estava tentando bolar uma maneira de falar com Dylan pela primeira vez desde a festa de Ollie, quando ele se aproximou, sorrindo.

Frankie se engasgou.

“Quem é *esse*?” Só tive tempo de fazer ela ficar quieta antes de ele chegar e se curvar para me dar um beijo na bochecha.

“Ashley! Que bom ver você”, ele falou. Parecia sincero. “E você deve ser a irmã de Ashley”, continuou, voltando os olhos escuros para Frankie. “Tem o mesmo sorriso.”

Ela suspirou bem alto, a doida.

“Sou mesmo”, respondeu. “Mas quem é *você*?”

Ele riu e estendeu a mão para Frankie apertar.

“Sou Dylan, amigo de Ashley. Prazer em conhecê-la.”

Enquanto Frankie sucumbia a um sorriso afetado — e eu nunca tinha visto ela fazer *isso* antes — tomei as rédeas da situação.

“Que bom ver você, Dylan”, eu disse, sorrindo. “Esta é Frankie.” Ergui uma sobrancelha para Franks e ela retribuiu. Justo. Não sei por que não contei a ela sobre ele, apesar de, honestamente, não ter muito o que contar. Gosto de um menino que não gosta de mim? Uau, que novidade. E talvez o assunto estivesse muito relacionado à festa de Ollie, ao Billy babaca e à pichação. Apesar de que, olhando para ele agora, sorrindo e relaxado, parecia que a festa de Ollie jamais tinha acontecido.

“Parece que vocês tiveram mais sorte do que eu”, ele disse, apontando com a cabeça para as nossas sacolas. “Eu tenho que comprar um presente

para a minha mãe, mas até agora nada.”

“Ah, que droga”, falei. “Que tipo de coisa ela gosta?”

Ele respirou fundo como se estivesse prestes a falar uma lista de itens, depois acabou ficando quieto por uns segundos.

“Não faço ideia... Normalmente compro produtos de banho ou cremes, mas ela me deu a dica sutilmente de que esse ano seria legal mudar.”

Sorri.

“Ai.” Ele retribuiu o sorriso, encontrando o meu olhar. Não tenho nenhum problema com contato visual, mas o dele provocava algum efeito em mim, fazendo minhas entranhas se enroscarem em nós de... bem, desejo, suponho. Limpei a garganta ao mesmo tempo em que tentava me livrar de qualquer ideia de que ele pudesse ter algum sentimento por mim. Mas ARGH! Aqueles olhos! Estou falando de olhos límpidos. Límpidos de inteligência, de humor, profundos e com uma camada visível de muito talento sexual. Com o canto dos olhos, vi Frankie sorrindo e voltei ao ar. Ela tinha razão: eu estava me constrangendo.

“Certo, bem. Melhor ajudarmos, então”, falei alegremente. “Considerando que somos meninas, e tudo mais... Então, como é a sua mãe? Ela é como uma *Carol Vorderman*, charmosa e tudo mais, ou faz o tipo sensata, como *Fern Brittony*, ou uma mãe sexy...” Tentei lembrar de alguma figura materna que fosse sensual.

“Uma mãe sexy como *Fiona Brucey?*”, sugeriu Frankie.

“Exatamente”, falei. Voltamos nossos olhares para Dylan, e ele começou a rir.

“Desculpem”, ele disse, com as covinhas mais destacadas do que nunca. “Mas vocês duas erguem as sobrancelhas do mesmo jeito. Vocês *treinam* isso?”

Eu sorri.

“Claro.”

Ele riu novamente e esfregou o olho.

“Então, respondendo... Meu Deus, não sei. Nunca pensei nela assim...” Considerou aquilo por um instante. “Mas descarto a ideia de minha mãe ser sensual, o que obviamente é muito perturbador...”

Assenti seriamente.

“Obviamente.”

“Bem... acho que ela é mais como Fiona Bruce. É mais ou menos séria e estilosa, talvez. Ah, não sei. Ela é só minha mãe, entende?”

“Não, isso é bom. Definitivamente nos dá uma ideia. Certo, Franks? Ela me olhou com aqueles olhos enormes e assentiu, muda. Muuuito bem. Aparentemente eu tinha perdido Frankie para alguma espécie de devaneio. Ótimo.

Cerrei os olhos e olhei em volta.

“Certo, que tal estas?”, perguntei, apontando para uma seção de luvas de couro. “Talvez em azul-turquesa, ou mesmo rosa.” Fiz uma voz de vendedora de perfume que distribui papéis com cheiros de fragrâncias. “São úteis, elegantes, mas ligeiramente ousadas.” Encolhi as bochechas.

“Na verdade, é uma ótima ideia”, disse Dylan, esfregando a luva entre o indicador e o polegar (que luva sortuda). “Acho que ela vai adorar.” Ele olhou para mim e sorriu. “Você é incrível.”

Dei de ombros.

“Faço o melhor que posso.”

“Meu Deus, não consigo acreditar que achei um presente”, disse Dylan, escolhendo um par turquesa. “Vocês estão livres para um café de comemoração?”

Olhei para Frankie, que assentiu freneticamente.

“Parece que sim”, respondi, sorrindo e escondendo o fato de que na minha cabeça eu estava assentindo tão freneticamente quanto minha irmã — e dançando pela rua, batendo palmas e rindo histericamente.

Controle-se, disse a mim mesma. Não quer dizer nada, só que ele está com sede, ou precisa de caféina.

Ele ergueu as luvas.

“Vocês pegam uma mesa. Vou pagar as luvas e as encontro lá.”

“E quem é ele exatamente, posso saber?”, interrogou Frankie enquanto pegávamos a escada rolante para ir até o café.

“Oh, sinto muito”, respondi, virando. “Não decorou o nome dele?”

Frankie cerrou os olhos.

“Muito engraçada.”

Eu ri.

“Ora, Franks. É o Dylan. Um amigo. Fim de papo.”

Ela contraiu os lábios significativamente.

“Pareceu mais um ‘começo de papo’, se quer minha opinião.”

“Bem, não é.” Virei para a frente outra vez, mas isso não foi suficiente para ela. Ela trotou ao meu lado quando saí da escada e fui em direção ao café.

Ela pôs a mão no meu braço.

“Vamos, Ash. Você gosta dele, não é mesmo?”

Puxei o braço, subitamente irritada.

“E daí se gosto? Ele não gosta de mim, então...”

Frankie parou onde estava e eu me virei para ela impacientemente.

“Gosta sim! Ele disse que você é incrível.”

Rolei os olhos.

“Certo. Para encontrar um presente para a mãe dele. Não seja ingênuas, Franks... Então, *voce* obviamente se encantou com ele.”

“É, ele é muito simpático.” Ela sorriu. “Perfeito para você.”

“Ah, não enche.”

Frankie riu e eu sorri.

“Vamos, chatonilda. Vamos encontrar uma mesa antes que ele nos alcance.”

Quando Dylan chegou, estávamos tomando chá e discutindo o que Toby compraria para Sasha neste Natal. Ano passado tinha sido uma sessão de SPA para os pés e um colar e no retrasado, um filhote de gato. Frankie tinha acabado de sugerir que ele daria um vibrador, rindo histericamente por causa da safadeza de sua hipótese (eu nem sabia como ela tinha aprendido coisas sobre vibradores — supus que a fonte fosse a amiga Emily, leitora de revistas), quando ele apareceu ao nosso lado.

“Você tem conversas muito mais interessantes com a sua irmã do que meu meio-irmão tem comigo”, ele falou, sorrindo para Franks, que pareceu completamente envergonhada. Hilário.

“Quantos anos ele tem?”, perguntei.

“Doze. E minha meia-irmã tem dez.”

“Eu tenho doze”, declarou Frankie.

“Achei que tivesse mais ou menos essa idade mesmo”, revelou Dylan, sorrindo. “Apesar de você ser muito mais madura do que Riley.”

Capturei o olhar dele. Ele sempre sabia o que falar. Deu um adorável sorriso secreto para mim, de boca fechada. Se eu não soubesse das coisas, teria achado que estávamos compartilhando um momento especial.

Ao longo dos vinte minutos que se seguiram, conversamos sobre assuntos variados: qual café tinha o melhor café, se deveríamos comer comidas natalinas o ano inteiro, quando descobrimos que Papai Noel não existia e quando admitimos isso para os nossos pais. Tipo, se alguém estivesse ouvindo a conversa, acharia que éramos as pessoas mais idiotas do planeta. Mas foi um papo relaxado e fácil. Detesto conversa mole, mas de algum jeito ele fazia parecer que as coisas chatas eram apenas coisas interessantes esperando para serem descobertas. Ele tinha uma *vibe* de quem se fascina com as pequenas coisas. E era ótimo com Frankie. Resumindo, eu estava tão a fim dele que poderia ter chorado com a frustração de não poder tê-lo.

Ele terminou o café.

“Preciso ir. Muito bom encontrar você, Ash.” (Ele me chamou de Ash!)
“E foi um prazer conhecê-la, Frankie.” Beijou nossas bochechas e olhou para mim. “Até a noite de Natal?”

Assenti.

“Sim.”

“Ótimo. Até lá, então.” E afastou-se de nós puxando a calça e revelando um pedacinho da cueca preta desbotada.

“Ai, meu Deus, você deveria se casar com ele”, suspirou Frankie enquanto o olhávamos indo embora.

Bem, eu não iria tão longe.

Quando finalmente chegamos em casa, parei na frente da porta.

“Não fale nada sobre Dylan para mamãe, tudo bem?”, pedi a Frankie.
“Ela vai fazer um monte de perguntas, e não estou a fim de responder.”

Ela deu de ombros.

“Tudo bem. Mas não sei por quê.”

Fiz uma cara de complacência para ela.

“Acabei de dizer por quê.”

Ela revirou os olhos e entramos em casa. Eu estava exausta. Depois de guardar minhas sacolas no fundo do armário, fui até o banheiro, liguei as torneiras da banheira e acrescentei um pouco de óleo (não tomo banho de espuma porque isso deixa minha pele parecendo pequena demais para o meu corpo), depois me despi e esperei, tremendo, a água chegar a um nível bom. Quando a banheira encheu, eu já estava congelando e a felicidade de afundar em uma água quase insuportavelmente quente foi total. *Et voilà*, essa é a maneira perfeita de tomar banho.

Enquanto cozinhava — minha testa cheia de gotículas de suor e meu corpo todo vermelho e branco por causa do banho quente — pensei em

Dylan. Ter encontrado ele tinha sido como ganhar um presente que eu sentia vontade de abrir de novo só de pensar nele. Mas independente do quanto eu tentasse afastar os pensamentos, a ideia de que *talvez ele de fato goste de mim* não parava de me atormentar. E era uma ideia tola, destrutiva, condenável e inútil. Sério, meu cérebro precisava se controlar.

Mas ele foi tão amigável e tão maravilhoso com Frankie... E falou que eu era incrível! Sim, por causa da minha excelente habilidade de escolher presentes, e não pelo meu ótimo papo ou meu corpo, mas mesmo assim. “Incrível” tinha que ser algo bom, independente da forma como enxergasse isso. Meu Deus, e Frankie também gostou muito dele. É a aprovação de que precisava.

Torci para que ela guardasse segredo sobre ele, conforme solicitei. Quanto mais pessoas soubessem que eu gostava dele, menores as chances de acontecer alguma coisa. Matemática Masculina Para Iniciantes. E eu realmente não precisava que mamãe e Sasha soubessem e depois fossem solidárias, com olhos arregalados e fazendo beicinho, quando eu tivesse que contar que não tinha dado em nada. Urgh, só de pensar meus dedos coçavam.

Tirando isso tudo da cabeça, fechei os olhos e criei a história de Dylan e eu. Era como um armário secreto, e as pessoas passavam em frente a ele sem saber que nós nos amávamos ali dentro. Fantasias com Meninos Para Iniciantes.



MEU DESPERTADOR TOCOU ÀS SETE na manhã do dia seguinte, me acordando de mais um sonho com Dylan, desta vez envolvendo sexo em uma banheira de hidromassagem (nunca entrei em uma banheira de hidromassagem, mas se fosse qualquer coisa parecida com meu sonho, já gostava muito). Ouvi mamãe na cozinha, então saí da cama e fui direto para o banheiro. Tomei banho, vesti o tailleur de saia preta que mamãe insistia que eu usasse no trabalho, com meia-calça preta e sapatos pretos. Sequei o cabelo e fiz um rabo de cavalo, em seguida contornei os olhos com a camada mais espessa de delineador que mamãe permitia, isto é, tão fina que fazia Victoria Beckham parecer gorda. E *voilà*, lá estava eu pronta para vomitar em mim mesma. Detestava essa roupa. Tipo, não consigo nem descrever o quanto. Mas, por mais que eu quisesse dizer para mamãe como não era boa essa escravidão não remunerada, eu sabia que ela não faria nada. Ajudá-la na loja era a única coisa que me salvava, por um lado, e, francamente, eu não daria esse gostinho a Sasha.

“Ashley, já acordou?”, mamãe gritou da base da escada quando eu estava saindo do quarto. “Oh, está bem. Tem uma xícara de chá para você aqui embaixo.”

“Maravilha.” Desci a escada fazendo bastante barulho com os pés (uma pequena vitória, pois sentia algum prazer em ver o rosto de mamãe se

contorcendo com o esforço de não permitir que isso a irritasse) e a segui até a cozinha.

“O dia está cheio hoje?”, perguntei, enquanto me servia uma vasilha de cereal.

Ela balançou a cabeça.

“Na verdade, não. Só algumas horas marcadas.” A butique de mamãe não era do tipo que a pessoa podia entrar a qualquer hora. Era preciso marcar horário para receber atenção exclusiva dela. Particularmente, eu achava uma tolice. Vivíamos recusando pessoas que poderiam entrar e olhar enquanto cuidávamos de alguma cliente. Mas o que eu sabia de verdade? Era apenas uma funcionária não remunerada.

“Alguma chance de sair mais cedo hoje, então?”, coloquei o café da manhã na boca. Sério, eu poderia viver de cereal.

“Hummm. Talvez.” Mamãe ficou indo de um lado para o outro, arrumando a bolsa e às vezes mordendo um pedaço de torrada. “Acho que a moça que vai hoje à tarde é bem rica, então...” Não precisou terminar a frase. Quanto mais rica a cliente, mais tínhamos que puxar o saco. Acho que fazia sentido, de alguma forma doentia.

“Tudo bem, bobonas?” Frankie apareceu na entrada, sonolenta e com o pijama amassado. Cerrou os olhos para mamãe. “Quanto tempo tenho?”

Mamãe olhou para o relógio.

“Dez minutos. Vá se vestir. Vou fazer sua torrada.”

Franks correu para cima. Durante as férias ela ia para a casa de Emily enquanto estávamos na loja. Os pais de Emily tinham se casado havia poucos anos, mas por uma ironia ridícula do destino, ambos perderam os respectivos empregos tipo duas semanas antes do casamento, então mamãe deu para a mãe de Em o vestido de casamento de presente. Era um modelo da vitrine, do jeito que estava, sem ajustes, mas mesmo assim foi um gesto gentil. *Et voilà*: babá de graça pelo resto da vida. Mas suponho que mamãe não fosse

precisar daquilo por muito tempo, pois em breve Franks teria idade suficiente para ficar sozinha em casa.

Antes de oito e meia já estávamos na loja. Eu me ocupei preparando chá e olhando para o nada enquanto mamãe tirava dinheiro do cofre e colocava moedas e notas na caixa registradora, trocava a água dos vasos de flores e se certificava de que havia biscoitos e espumante barato o suficiente para oferecer às clientes.

Ela parou para olhar para mim.

“Precisa pentear um pouquinho o cabelo, meu amor”, declarou. “Está soltando. Tem laquê na minha bolsa.” Não me mexi. “Por favor, Ash.” Ela me encarou, e, fazendo uma careta, me arrastei para o banheiro para contribuir com a destruição da camada de ozônio.

Quando reapareci cinco minutos depois, a primeira cliente já estava lá. Mamãe sorriu para mim.

“Ah, Ashley. Esta é Charlotte Simpson, a noiva.” Olhou na direção de Charlotte. “E esta é a mãe dela, a senhora Simpson, e a irmã, Grace.”

A irmã estava examinando a vitrine de véus e virou quando ouviu o próprio nome. *Merda*. Era Grace Simpson. Grace Simpson das unhas acrílicas e do namorado com quem transei? Ela me lançou olhares afiados e em um instante decidi que o único jeito de agir era me manter confiante.

“Oiiii! É um prazer conhecê-la, Charlotte. Quando é o grande dia?” (É assim que tenho que falar na loja. Irritante, *non?*)

A irmã de Grace, que era bonita mas lembrava um pouco uma rata, sorriu.

“Em setembro.”

Engasguei de um jeito histérico ao ver o anel de noivado dela.

“Ooh, posso ver?” Levantei a mão dela e fingi um orgasmo de alegria quando olhei para o incrível diamante nada criativo, apesar de enorme. “Ai.

Meu. Deus. É *lindo*.” Mordi o lábio e balancei a cabeça como se estivesse arrasada por não estar no lugar dela, e ela riu.

“É *mesmo* adorável, não é? Alan, meu noivo...”, ela riu novamente. “Ele escolheu sozinho.”

A senhora Simpson interrompeu.

“Ele trabalha em Londres, na cidade, então...” Uau. Bela maneira de alavancar as credenciais do futuro genro, senhora Simpson.

Mamãe suspirou.

“Ah, que ótimo. Você deve ter muito orgulho.” A senhora Simpson sorriu modestamente e assentiu.

Dá para entender por que odeio meu emprego?

Mamãe esfregou as mãos.

“Muito bem, então.” Voltou-se para Charlotte. “Você tem alguma ideia do que procura no vestido?”

Enquanto discutiam corpetes, rendas, véus e todas essas porcarias, dei uma olhada na direção de Grace. Ela estava sentada em uma cadeira olhando para os próprios pés.

“Grace!”, a senhora Simpson falou incisivamente. “Venha ajudar sua irmã a escolher um vestido.” Ela diminuiu um pouco a voz. “Pode ser a sua única chance de chegar tão perto de um vestido de noiva, considerando que deixou *mais* um namorado escapar.” Ela empinou o queixo e contraiu os lábios. Uau, que vaca, a mãe. Grace suspirou, se levantou, com os ombros encolhidos, e foi para perto da irmã.

Só então o significado daquela fala me atingiu. Ela deve ter “perdido” o namorado por tê-lo dispensado após ficar sabendo da traição. Comigo. De repente me encontrei na posição bizarra de admiradora de Grace. Ela tinha sido corajosa em se dar respeito e dispensar o namorado enquanto sua mãe a pressionava para casar e a irmã mais velha era noiva de um banqueiro. Também senti outra coisa estranha. Empatia. No quesito “ter uma irmã mais velha perfeita”, eu era especialista.

“Então, alguém gostaria de uma taça de espumante?”, ofereci. “É bom começar, já que a intenção é continuar, certo?”, e me afastei alegremente.

“Ora, vamos, então. Por que não?”, disse a senhora Simpson, com ar de quem acredita que ingerir álcool antes das sete da manhã é viver no limite.

“Grace, posso lhe pedir uma ajuda?”, perguntei. Mamãe franziu o rosto para mim: isso não fazia parte do script. Grace levantou o olhar, surpresa. Olhei fixamente para ela. Ela aceitou o desafio e me acompanhou até a área da cozinha no fundo da loja.

Assim que desaparecemos de vista, cochichei.

“Ouça, antes que diga alguma coisa, eu jamais, nem em um milhão de anos, teria tocado no seu ex se soubesse que ele estava com você. Essa é uma regra importante para mim. O que quer que eu faça, só faço se tenho certeza de que ninguém irá se machucar. De verdade.” Engoli em seco e afastei as imagens de Ian, o psicótico, e Sam, o garoto que até hoje me odiava porque não acreditei quando ele me contou que gostava de mim. Olhei nos olhos de Grace. “Sinto muito que tenha acontecido. acredite em mim.”

Ela meio que sorriu para si mesma e assentiu ironicamente. A fofoca, a pichação e tudo mais tinham sido uma boa vingança.

“Tudo bem. Dane-se.”

Concordei, servi espumante e suco de laranja em duas taças e entreguei para ela. Após servir mais uma e colocar os biscoitos em um prato, gesticulei para que ela fosse na frente e fui para a frente da loja, onde mamãe estava sorrindo para a irmã, que trajava uma monstruosidade branca cheia de bordados. Comecei a soltar *oohs* e *aahs* nos momentos adequados ao mesmo tempo que ignorava Grace completamente. Eu não ia me tornar amiga da garota, não depois do que ela fez comigo. Mas pelo menos podia estar relativamente certa de que aquilo não aconteceria de novo quando voltassem as aulas após o Natal.

A irmã nem comprou o vestido no fim das contas. Queriam “pesquisar em todas as lojas”. O sorriso de mamãe desapareceu assim que a porta se fechou, enquanto o sino ainda estava soando. Ela se sentou em uma das cadeiras e suspirou.

“Mais uma que só me fez perder tempo.”

“Pode ser que voltem”, falei.

Mamãe me olhou de um jeito que dizia *pois sim* e checkou o relógio.

“A próxima cliente não vem antes das quatro... vamos almoçar cedo. Por minha conta.”

Claro que sim, pensei, mas sorri amistosamente e peguei nossos casacos.

“Pena que não deu certo com as Simpson”, comentou mamãe quando sentamos na *delicatessen* com nossos sanduíches. “Pareciam boas pessoas. Aquela Grace parecia ter mais ou menos a sua idade.”

Assenti sem muito interesse.

“É.”

“Senti um pouco de pena dela, na verdade”, ponderou. “Deve ser difícil ter uma irmã mais velha como Charlotte e uma mãe que faz tanta pressão em relação a namorados.” Ela mordeu um pedaço do sanduíche, puxando delicadamente uns pedacinhos de verdura para dentro boca. “Pelo menos vocês podem ter certeza de que jamais faria isso com vocês.”

Eu meio que ri.

“Sim, podemos ter certeza.”

Ela sorriu.

“Não sou o melhor exemplo de união feliz, sou?”

“Acho que não.”

“Mas...” Ela deu de ombros, galanteadora. “Ainda há tempo. Tenho certeza de que o Príncipe Encantado está por aí em algum lugar.”

Sim, minha mãe realmente acredita que haja um príncipe para cada menina (e sim, ela chama mulheres de meninas). O fato de que meu pai pulou fora não teve a ver com o fato de ele ser um idiota, mas simplesmente com o fato de não ser o homem certo. Não foi culpa dele, ok?...

Terminei meu sanduíche e encostei as mãos na xícara de chá.

“Então, só de curiosidade... Acha que Toby é o príncipe de Sasha?”

Ela sorriu como se eu tivesse acabado de apresentar alguma prova de que o céu existe.

“Ah, sim. Aqueles dois são perfeitos um para o outro, não acha?”

Estiquei o lábio inferior.

“Talvez. Quem pode saber?”

“Bem, obviamente não temos como ter certeza”, disse mamãe, ao mesmo tempo em que descartava aquela ideia com um aceno de mão. “Mas sinto confiança. Formam um casal adorável.”

Que diabos isso queria dizer? Casal adorável. Isso queria dizer que são melhores juntos do que como indivíduos? Uma noção um pouco doentia, se quer minha opinião, como se as personalidades se fundissem e não fossem mais pessoas independentes. Não, muito obrigada. Observei mamãe limpando a boca com o guardanapo e se ajeitando na cadeira e simplesmente soube o que estava por vir.

“Antes que me pergunte”, falei, levantando a mão para contê-la, “a resposta é *não*. Não tenho nenhuma novidade amorosa para compartilhar.”

Ela deu um sorriso indulgente e inclinou a cabeça para o lado.

“Minha Ashley: sempre misteriosa. Não sei a quem puxou.” Olhei para o alto fazendo o estilo sofredora. Não era a primeira vez que ela me dizia isso.

Este parece um momento adequado para algumas palavras sobre o homem responsável por metade da minha carga genética. Após desaparecer por

alguns meses e depois ressurgir do nada, todo amoroso e penitente, nosso pai finalmente sumiu de vez quando Frankie tinha apenas alguns dias de vida, informando mamãe com todo o seu charme que “tetas leitosas nunca foram a minha, querida”.

Eu não sentia a menor falta. Ele nunca esteve por perto o suficiente para que eu criasse qualquer ligação, e, a não ser pela estranha brincadeira de nos jogar para o ar até gritarmos de pavor, ele nunca nos deu muita atenção. Sei que ele tinha o dom de fazer qualquer mulher tremer nas bases quando o via. Era bonito, charmoso, relaxado — e um completo babaca. Até onde sei, posso ter centenas de meio-irmãos pelo mundo. Não me surpreenderia. Como diz mamãe, ela era completamente apaixonada por ele, desde que o viu em um pub. Cada vez que voltava, ele prometia a ela que era para sempre, e mamãe — a burra — acreditava.

Aliás, ela precisou de alguns bons anos para aceitar que daquela vez ele não voltaria. Teve alguns namorados desde então, mas apenas Bob, o açougueiro, durou. De certa forma, foi culpa do meu pai o fato de que Bob não tenha durado mais ainda. Mamãe amava demais o meu pai: nenhum homem chegava aos pés dele. Loucura, *non?*

É isso. Eu não fazia ideia de onde ele estava agora, e até onde sabia, mamãe também não. Ele rompeu com a família, então nunca conheci meus avós, ou tios que pudessem estar por aí, e provavelmente não havia qualquer chance de descobrirmos. Por mim tudo bem. Mamãe podia ser irritante e ter uma paixão cega pela minha querida irmã mais velha, mas fez um bom trabalho na nossa criação. Bem, na criação de Sasha e Frankie, pelo menos — eu obviamente era uma manchinha em seu livro sobre maternidade. *C'est la vie*, pessoal, *c'est la vie*.

“Então”, disse mamãe, interrompendo meus pensamentos. “Queria falar com você sobre seu presente de Natal.”

Isso chamou minha atenção.

“Ah?”

“Sim. Sasha sugeriu que eu comprasse um pacote de aulas de aeróbica para você. O que você acha?” Mamãe sorriu para mim com expectativa.

Suspirei.

“Mãe, por acaso eu já fiz alguma coisa parecida?” A simples ideia de passar uma hora suando ao som de uma trilha sonora péssima com um bando de esforçadas era o suficiente para me fazer querer dar um tiro na cabeça.

“Bem, acho que Sasha teve essa ideia porque ela achou que exercícios regulares fariam bem. Alegriam sua aparência, melhorariam seu humor. Esse tipo de coisa...”

Maldita Sasha.

“Meu humor está ótimo, assim como a porcaria da minha ‘aparência’.” Fiz sinal de aspas no ar, em seguida coloquei a cabeça nas mãos, frustrada. “Meu Deus, mãe, você realmente não enxerga a merda que é essa ideia?”

Não pude ver a expressão dela, mas ela pareceu ferida.

“Ótimo, então. Bastava dizer ‘não, obrigada’.” Comemos em silêncio por um instante, então ela disse: “o *que* você quer, então?”.

Dei de ombros.

“Dinheiro?”

“Tudo bem.”

Observei mamãe mexendo a salada de frutas furiosamente. Certamente estava pensando que eu deveria me desculpar, mas sinceramente... *Ela* deveria estar pedindo desculpa para *mim* por sugerir um presente tão ofensivo e inadequado.

“Na verdade, eu tive uma ideia de um presente para Sasha”, sugeri maliciosamente. *Também posso jogar esse jogo, minha irmã.* Pensei bem rápido em um presente que minha irmã perfeitamente arrumada, inteligente e organizada detestaria. “Estava pensando que ela adoraria uma sessão de paintball para ela e Toby.”

Mamãe franziu a testa.

“Ah, acho que não, Ashley. Sabe que Sasha detesta esportes masculinos competitivos.”

Ótimo. Então ela pode esquecer minha aversão a exercícios em grupo, mas é claro que se lembrará para sempre de que Sasha não gosta de esportes masculinos e competitivos. Não precisava mais argumentar. Dando de ombros, terminei meu sanduíche em silêncio e enviei uma mensagem para Donna por baixo da mesa.

Prestes a matar minha mãe.

Pf, diga que está livre hj a noite??

Ela me respondeu que sim e marcamos uma hora e um lugar. Ainda bem.

A noiva maluca da tarde acabou comprando cinco mil livros sobre casamento, além de vestido, véu e vestidos das madrinhas, então mamãe terminou o dia feliz e eu consegui uma “comissão” de cinquenta libras. Resultado.

Encontrei com Donna mais tarde com vinte libras no bolso. Em vez de acabar com o dinheiro nos bares, compramos uma garrafa de bebida barata e fomos para uma praça perto da casa dela. Estávamos com mania de gangorra no momento. Passávamos horas ali, resolvendo os problemas do mundo. Os movimentos lentos de subida e descida eram curiosamente satisfatórios (e não de um jeito sexual, antes que alguém imagine isso. Uma chapa metálica entre minhas coxas não faz a minha cabeça, decididamente).

Don e eu estávamos na gangorra há mais ou menos dez minutos quando ouvimos uma voz familiar do outro lado da pracinha.

“Tudo bem, crianças?” Ollie. Ele saltou por cima dos tijolos para se juntar a nós.

“O que está fazendo aqui?”, perguntou Donna, ainda na gangorra.

“Só uma entrega para minha mãe. Uns panfletos de caridade para uma senhora de uma instituição de caridade.” Deu de ombros — ele não sabia, nem queria saber — e deu aquele sorriso exclusivo de Ollie. “Não sabia que gostavam de ir a parquinhos no escuro.”

Revirei os olhos.

“Muito engraçado... Na verdade gostamos de gangorra no escuro, entende?” Olhei para o brinquedo em questão.

Ele encarou.

“Ooh, sacanas.”

“Ollie, não tem se dado bem ultimamente?”, perguntou Donna. “Parece mais obcecado por sexo do que o normal.”

Ele deu de ombros novamente.

“O mesmo de sempre, diria. Para as duas coisas.”

(Aliás, não tinha me escapado o fato de que Ollie não tinha sido alvo de toda aquela pichação e daquela fofoca também, já que ele curtia sexo sem compromisso tanto quanto eu. Incrível como ter um pênis pode fazer diferença nesta vida.)

Apoiei os pés no chão, deixando Donna no ar, e ofereci a Ollie a garrafa de vinho que compramos.

“Quer um pouco?”

Ele balançou a cabeça.

“Tenho que voltar. Preciso encontrar uma pessoa...”, verificou o relógio. “Há dois minutos.” E, com isso, acenou se despedindo e pulou o muro de volta, deixando para trás a bolsa que tinha trazido. Quando saí da gangorra, vi a bolsa, notei que a carteira dele estava lá e gritei, mas ele já tinha ido.

Donna apareceu ao meu lado.

“Vamos dar uma olhada, então.”

Eu já estava abrindo quando ela disse isso, mas não tinha nada de muito legal. Praticamente vazia: só um cartão de banco, uma nota de vinte e um

preservativo.

“Uhhh”, disse Donna, segurando o preservativo. “Espero que a pessoa que ele vai encontrar vá preparada... O que acha que devemos fazer?”

Procurei o nome dele nos contatos do meu telefone.

“Vou perguntar para ele.” Mas a ligação caiu direto na caixa postal, então deixei um recado mandando ele voltar imediatamente.

“Na verdade, estou morrendo de frio. Podemos voltar para a minha casa?”, pediu Donna.

Estremeci. Ela tinha razão. Ficar sentada em uma gangorra fazia com que o sangue não circulasse.

“Por mim tudo bem.” Mandeí uma mensagem para Ollie para avisar que tínhamos ido para a casa de Donna e que, se não o encontrássemos hoje, no dia seguinte eu deixaria a carteira na casa dele quando fosse para a loja, e lá fomos nós.

No dia seguinte, me esqueci completamente da carteira de Ollie até voltar do trabalho à noite e vê-la sobre a mesa. Fiquei surpresa por ele sequer ter me mandado mensagem. Eu certamente não seria tão descuidada com vinte libras. Mas que seja. Eu queria um banho e uma noite de programas fúteis na TV e não gostaria de voltar para o frio, mas promessa é dívida e tudo mais. Então peguei uma maçã na cozinha e fui comendo enquanto fazia a caminhada de dez minutos até a casa de Ollie.

“Ah, legal, obrigado”, ele disse quando devolvi a carteira. Ele abriu a porta ainda mais. “Vai entrar?” Comecei a balançar a cabeça, mas ele disse: “vamos, tome uma cerveja comigo.”

O segui para o calor da casa.

“Alguma coisa está cheirando muito bem”, falei.

“É pão.” Ele abriu uma fresta do forno, o que liberou uma corrente cheirosa de ar quente, e espiou. “Vai ficar pronto daqui a pouco.”

Peguei a cerveja que ele me ofereceu.

“Cheio de surpresas, não é, Ollie?”

“Ah, sim. Sou um homem cheio de mistérios.” Ele se sentou à mesa da cozinha e eu me juntei a ele. Fiquei feliz por ter vindo.

“Como foi seu encontro ontem?”, perguntei.

“Ah, foi legal, mas não gostamos um do outro, na verdade.” Eu comecei a falar alguma coisa, mas ele me interrompeu. “Não, não rolou. Ela não quis.”

“Que pena.”

Ele tomou um gole de cerveja.

“Não, tudo bem. Nós nos divertimos.”

Acariciei meu queixo.

“Será que seus sentimentos por alguém estão começando a atrapalhá-lo, hummm?”

“Não, claro que não”, respondeu. “Então, como foi o trabalho?”

Certo. Mudança de assunto, então.

“Tudo bem”, respondi. “Vendemos um vestido, então não foi uma perda de tempo completa.” Comecei a arrancar o rótulo da cerveja, depois parei, quando me lembrei de que me contaram uma vez que isso era sinal de frustração sexual. Depois comecei novamente, porque, mesmo que fosse um sinal de que eu era uma assassina, nem assim eu me importava.

“Continua trabalhando de graça?”, perguntou.

Fingi que fiquei chocada.

“Não! Trabalho por amor e respeito pela minha mãe e para mandar minha irmã mais velha se ferrar. É um bom motivo, não é?” Esfreguei o olho. “E minha mãe me dá cinquenta libras cada vez que vende algum vestido.”

Ollie se levantou para checar o pão.

“Qual é o lance entre você e sua irmã, hein?”

O observei enquanto ele abria o forno, esquivando-se por causa da onda súbita de calor.

“Não me sinto bem reclamando de Sasha para você, Ols.”

Ele pareceu surpreso.

“Por quê?”

“Bem, porque seu irmão gêmeo morreu e tudo mais. Você não tem irmãos.” Bebi um gole de cerveja para não ter que olhar para ele, caso estivesse chateado. O irmão gêmeo de Ollie morreu no dia seguinte que nasceram, e os pais não conseguiram mais ter filhos.

“Não seja tola, não posso sentir falta do que nunca tive”, ele falou, um pouco desdenhosamente. Colocou o pão de lado e voltou para a mesa. “Mas bondade sua se preocupar, claro.”

“De nada.” Brindamos com as garrafas.

“Então. Sua irmã...”, ele disse.

Suspirei.

“Ah. É difícil de explicar. Ela é perfeita, ou, pelo menos, minha mãe acha que ela é.”

“Perfeita como?”

“Gentil, inteligente, generosa...”

Ollie franziu a testa.

“Você também é todas essas coisas, Ash.”

Direcionei a ele um olhar agradecido, mas ao mesmo tempo incrédulo.

“Obrigada, mas acho que minha mãe discorda. Sasha sempre teve as melhores notas na escola, ela e mamãe concordam em tudo, ela nunca foi de fazer sexo sem compromisso, fez faculdade, tirou um diploma e agora comprou uma casa em Kent com Toby, o senhor Perfeito, além de ganhar bem e visitar mamãe com frequência para dar uma ajuda, preparando ‘refeições saudáveis e balanceadas’.” Encolhi os ombros. “Mamãe e eu não concordamos em nada, eu não tenho boas notas, não sei cozinhar...” Deixei a frase no ar.

“Hummm, entendi. Já vi para onde esta conversa vai”, declarou Ollie. Ele respirou fundo e se espreguiçou. “Sem querer ofender, mas sua irmã parece um pouco chata.”

Eu ri.

“Não me ofende nem um pouco.”

Ollie olhou para mim.

“Você queria ser mais parecida com ela?”

“Não!” Me sacudi e ele riu.

“Então por que está reclamando?”

Procurei as palavras corretas.

“Ela me faz sentir pequena e... não sei. Um pouco suja, talvez. Inútil. Como se tudo que eu faço fosse pequeno e egoísta, e talvez um pouco estúpido.” Nunca contei isso para ninguém antes, nem mesmo para Donna, que se dava bem com a irmã mais velha.

“Humm, com tudo isso dá para entender por que tem problemas com ela...”

Eu bufei.

“Sim, bem... Sei lá... Não é como se eu vivesse a vida à sombra dela. Ela só é irritante, só isso.”

“Bem, se é que isso faz diferença para você, não acho que você seja nada disso. Para mim você é legal.” Ele sorriu.

“Saúde, Ols. Você também é legal.”

Acabei a cerveja e tirei Sasha da cabeça. Me concentrei na noite de Natal. Só faltavam dois dias para encontrar Dylan de novo. Como ele tinha sido tão simpático aquele dia na loja, eu estava com uma pontinha de esperança dentro de mim e não conseguia contê-la. Por mais que tentasse.



FRANKIE E EU ÍAMOS FAZER UMA TORTA SALGADA para o Natal. Franks adorava. Depois de comprar o que tivesse em promoção no mercado para usarmos no recheio da torta, voltamos para casa, com Franks balançando o saco de compras como se fosse bater em alguém.

“Vamos fazer tortas!”, ela falou, sem fôlego e animadíssima, como se de repente nossa vida tivesse se tornado um filme antigo da Disney e fôssemos passar as próximas horas rindo e jogando farinha uma na outra ouvindo uma música animada. De qualquer forma, eu não me incomodava em ter de cozinhar. Costumava gostar de mexer a mistura da panela e lamber a colher com mamãe antes de Frankie nascer. Então cá estávamos, com os cabelos presos, como duas profissionais, e Frankie usando uma toalha de mesa como avental. Encontramos uma receita em um dos livros de mamãe e uma forma metálica de cupcakes no armário de panelas. Estávamos prontas. Franks passou o dedo sobre a lista de ingredientes. “Certo, precisamos de farinha, manteiga, açúcar, sal, um ovo e açúcar para a cobertura.”

Abri a geladeira.

“Não tem ovo.” Observei Frankie enquanto ela lia a receita, com os olhos indo de um lado para o outro das linhas do papel.

“Ah, tudo bem. É só para passar por cima e deixar as tortas com ‘aquele belo brilho dourado’”, ela citou. “Não precisamos disso, certo?”

“Acho que não. Tudo bem, qual é a primeira coisa?” Frankie leu a receita e então pesamos os ingredientes, peneiramos e tudo mais. Foi relaxante.

Depois de cortarmos as rodelas de massa com o fundo de um copo e as colocarmos na forma de bolo, Frankie abriu solenemente o pote onde estava o recheio da torta.

“Meu Deus, eu amo esse cheiro.” Ela me ofereceu o pote e eu o cheirei.

“É, bom mesmo”, respondi.

Ela olhou para o forno e em seguida começou a colocar a mistura marrom-alaranjada por cima da massa. Ela parecia estar disputando alguma espécie de recorde de velocidade. Tentei pegar o pote.

“Deixe eu fazer.”

“Daqui a pouco”, ela disse, puxando-o de volta. “Eu faço seis, e você faz seis.” Ela continuou colocando a mistura sobre a massa e derrubando por todos os cantos.

“Vá com calma, Franks”, falei. “Vai ser uma trabalhadeira limpar isso depois.” Normalmente, ela era extremamente cuidadosa. Levava uns seis meses escovando os dentes, por exemplo, porque insistia em escovar cada um por vez. O que é mais um transtorno obsessivo compulsivo do que um cuidado, mas deu para entender.

“Desculpe”, ela disse sem olhar para mim. “Estou com um pouco de pressa.”

“Como assim? Aonde você vai?”, perguntei, passando o dedo na bancada e lambendo o recheio da torta.

Ela limpou a garganta.

“Vou encontrar Emily no cinema às quatro.”

Olhei a hora no forno.

“Não são nem três ainda.”

“É, bom. Preciso me arrumar, né?”, ela respondeu quase irritada assim que terminou suas seis tortas, depois me entregou a mistura e começou a cortar mais massa para fazer as tampas.

“Se arrumar?”, perguntei, confusa de verdade. “Você vai ficar sentada no escuro durante duas horas.”

Ela deu de ombros.

“Quero estar apresentável, ok?” E sem esperar resposta ela foi para cima e desapareceu.

“Claro, sem problema. Eu arrumo tudo”, eu disse, amuada. A ideia das irmãs cozinhando e se divertindo juntas tinha ido por água abaixo. E tinha sido tudo ideia de Frank. Pensei em ir atrás dela, mas deixei para lá. Talvez estivesse de TPM, finalmente.

Normalmente, a pressão dessas festividades forçadas vai aumentando e quando chega a noite de Natal eu já estou triste e mal-humorada, mas não dessa vez. Aquela noite de Natal tinha potencial. Rich e eu estávamos no quarto de Donna, na casa da mãe dela, e nos arrumávamos juntos. Normalmente Rich iria para a festa com Jack, mas eu o tinha convencido a se juntar a nós. Posso até ter sido pessimista, mas ao mesmo tempo em que a noite podia ser ótima, também tinha um grande potencial para dar errado. E eu queria aproveitar ao máximo todas as partes boas que estavam garantidas, e por isso quis me arrumar com meus dois melhores amigos tomando Baileys roubado dos pais de Rich.

Rich estava deitado na cama de Donna, tomando goles da garrafa e criticando nossas roupas como se estivéssemos vestidas de Cleópatra de calça jeans (Rich adorava jeans, principalmente se fossem rasgados).

Eu optei por um espartilho preto, uma saia preta e minhas botas Doc Martens.

“Amarre para mim”, pedi a Donna, virando para ela fechar meu espartilho. “O mais apertado possível.”

“Uau”, disse Rich. “Isso é tipo um pornô vitoriano lésbico.”

“Claro, afinal você entende tudo desse assunto”, disse Donna ao colocar o pé no meu bumbum. “Está apertado o suficiente?” Chequei meu decote. Normalmente meu decote é inexistente, mas com a ajuda do meu espartilho consegui simular a presença de um peito.

Virei para Rich.

“O que você acha?”

Ele inclinou a cabeça, como se estivesse considerando.

“Peitos.”

“Sim, são peitos. Bem observado.” Olhei para ele impaciente. “Então? Estou bem?”

Ele fungou, mal olhando para mim.

“Claro que está. Está linda.”

Revirei os olhos.

“Donna?”

Ela deu um passo para trás para ver o conjunto da obra.

“Perfeita”, disse. “Diferente, sexy, forte...”

Eu dei um pulinho.

“Oh, obrigada, Don... Deixa eu ver você...” Ela deu uma voltinha. Estava com saltos dez, leggings pretas de cetim e uma blusa laranja cintilante, e estava linda. O laranja brilhava em contraste com sua pele morena.

“Nossa, Don, não consigo nem encontrar palavras para descrever”, falei, encarando-a, e ela sorriu alegremente.

“É, totalmente sexy”, acrescentou Rich. Ele levantou o celular. “Jack acabou de mandar uma mensagem. Ele e Ollie já estão indo para a casa de Marv.”

“Certo, então vamos”, declarou Donna. “Mais um pouquinho, Rich.” Ela estendeu a mão para pegar a garrafa, tomou uns goles e me entregou. “Deixem a bagunça”, falou enquanto a gente saía. Rich sorriu para mim. Ela sempre dizia isso, e eu nunca tinha visto o quarto dela arrumado.

Quando chegamos à casa de Marv a garrafa já estava vazia e eu estava cheia de boas sensações, pronta para a farrá. Ollie e Jack estavam na frente da casa.

“Oh, meninos, vocês nos esperaram.” Dei um beijo molhado na bochecha de cada um. “*Très* fofo da parte de vocês.”

“Tudo bem, Ash?”, perguntou Jack, sorrindo. “Está linda, como sempre. Você também, Donna.”

Don pôs o braço em volta dos meus ombros.

“Estamos *bem* especiais hoje, não é mesmo?”

Eu ri e apertei o bumbum dela.

“Totalmente.” E assim entramos. Na sala de Marv estava tocando “American Boy”, que foi a trilha sonora do verão entre o décimo e o décimo primeiro ano. Algumas pessoas já estavam dançando e sorriram para mim e para Donna quando nos juntamos à rodinha e começamos a cantar. Adoro pistas de dança receptivas.

Fizemos alguns passos de hip-hop enquanto cantávamos um rap acompanhando Kanye. Ele é um babaca, na minha humilde opinião, mas uma pessoa que conseguia inventar um rap sobre um suco de caixinha merecia respeito.

Quando a música acabou, o estilo de Snoop Dogg tomou conta da sala e fomos até a cozinha pegar aquela bebida que normalmente teríamos ido atrás assim que chegássemos. A casa de Marv estava longe de ser enorme, mas, de alguma maneira misteriosa, os pais dele conseguiram colocar um dos sofás na cozinha. Era um móvel grande, antiquado e marrom aveludado, e na frente dele havia um tecido bege. E ali, com as pernas compridas esticadas sobre o tapete, os cabelos escuros configurando-se como um alívio em relação ao marrom do móvel, tomando uma garrafa de cerveja com gengibre, como uma espécie de herói sexy transformado num diabo de Enid Blyton, estava Dylan. Acho que é justo dizer que meu coração parou.

Marv levantou a mão quando nos viu.

“Ei! Que bom ver vocês.” Sem abaixar a mão, apontou para a mesa da cozinha. “Peguem uma bebida e venham para cá, ok?”

Fizemos como ele mandou. Não tinha muito espaço no sofá, então, depois que Donna e Rich se espremeram entre Marv e Dylan, Jack e eu tivemos que sentar no chão. Fiquei de pernas cruzadas sobre o tapete. O pé de Dylan estava a poucos centímetros do meu joelho. Encostei na batata da perna dele.

“Tudo bem?”

“Tudo, obrigado.” Ele sorriu para mim, depois desviou o olhar.

“Aliás, minha irmã amou você. Obrigada por ter sido tão legal com ela.”

Ele olhou de novo para mim.

“Ela é legal, também gostei dela.” Depois Marv perguntou a ele alguma coisa sobre alguma coisa — não sei o quê — e pronto.

Não conseguia entendê-lo. Como podia ser tão amigável e sociável um dia e se fechar completamente no outro? Voltei o olhar para Donna, que já estava me olhando. Ela deu de ombros, como que dizendo *não me pergunte*. Quando terminei meu primeiro drinque e fui buscar outro, mais amigos de Marv chegaram e fomos todos para a sala. Chegaram Aiden e Jamie, que estavam no cinema quando conheci Dylan, e mais alguns que eu nunca tinha visto.

“Conhecem minha prima, Donna, certo?”, Marv disse quando chegaram. “E esta é Ashley e...?” Ele parou e olhou confuso para Rich, Ollie e Jack, que informaram os respectivos nomes. Ele apontou para nós. “Estudam em Woodside, então sejam gentis.”

Ergui uma sobrancelha.

“Por quê? Porque temos um intelecto superior e tudo mais?”

Ele riu.

“É. Isso.”

Sorri.

“Certo, tentaremos não nos exibir, então.”

Um pouco mais tarde, Dylan saiu dali, e eu supus que era para ir ao banheiro. Eu já tinha tomado alguns drinques, o que era o suficiente para me dar coragem de arriscar um encontro “acidental”. Não que eu estivesse completamente iludida, só não estava pronta para desistir dele. E estava bêbada e tudo mais. De qualquer jeito, eu realmente precisava ir ao banheiro, então não seria só uma perseguidora de quinta categoria. O banheiro do andar de baixo estava livre, então subi para o de cima e tentei abrir a porta. Trancada. Fiquei esperando ali fora, roendo as unhas, tentando parecer distraída: havia um espelho comprido na parede entre a escada e o banheiro, então passei o tempo checando minha roupa em vários ângulos e desfilando um pouquinho. Estava no meio de um bico Keira Knightley quando a porta do banheiro foi destrancada, e eu logo voltei ao meu comportamento de sempre — que é bem normal.

“Oh, oi, Ashley”, ele disse.

“Oi”, respondi, e estava prestes a falar mais alguma coisa — ainda não sabia o quê — quando ele passou por mim e desceu. Merda. Aquelas malditas pernas compridas. Ele percorria uma distância mais longa com um passo do que eu com cinco.

Suspirando, e me sentindo uma completa idiota, fui ao banheiro. O assento estava morno. Enquanto eu descarregava o conteúdo de diversos drinques, dois pensamentos me ocorreram: (1) Dylan era tão perfeito que o cocô dele não fedia; e (2) esta provavelmente seria a maior proximidade que eu chegaria a ter do bumbum dele. Nenhum dos dois fez com que eu me sentisse melhor.

Assim que a atmosfera geral foi ficando mais alegre, tentei não pensar em Dylan e aproveitar a festa. E fiz um bom trabalho. Donna, Ollie e eu dançamos um pouco — até Rich se juntou em determinado momento — e ficamos por lá com os amigos de Marv, conversando sobre bobagens e rindo.

Mais tarde, Donna desapareceu com Marv e mais algumas pessoas para assistir um DVD de um seriado americano do qual Marv não parava de falar, mas eu nem me mexi. Não sei por que estava tão desesperada para ficar onde Dylan estivesse. Era óbvio que ele era um caso perdido.

Inevitavelmente, a noite chegou ao estágio em que todos começaram a brigar pelo iPod de Marv, cada um querendo escolher uma música, e alguém — acho que foi Rich — acabou colocando “Dirty”. Eu gosto de Christina Aguilera, não ligo para o que os outros dizem, então levantei e comecei a dançar. Eu estava completamente bêbada de Baileys, vinho barato e vodca. Sabia que acordaria péssima no dia seguinte, mas naquela hora estava me sentindo muito bem.

Os meninos começaram a assobiar e vibrar quando eu comecei a rebolar de um jeito provocante, balançando os braços por cima da cabeça.

“Ei, ei!”, gritou Aiden. “Mostre os peitos para os meninos!” Olhei para ele com puro desdém e mostrei o dedo do meio. Depois virei de costas e voltei a dançar, mas quando estava dando meia-volta para ficar de frente para eles de novo, abaixei um pouco, revelando um pedacinho do meu mamilo. Todo mundo gritou, mas eu tapei minhas partes íntimas muito depressa.

“Vão sonhando!”, gritei. Notei que Rich estava me olhando de um jeito estranho, parecendo preocupado. Mandei um beijinho para ele, e ele meio que sorriu, mas eu estava irritada demais para me importar com o que ele estava pensando.

“Mais! Mais!”, entoou outro menino. Eles estavam sorrindo uns para os outros, como se o Natal tivesse chegado mais cedo. Fechei os olhos e

balancei a cabeça, mas comecei a levantar a saia bem devagar. Eles começaram a bater palmas e gritar, mas assim que mostrei um pouquinho da roupa de baixo, desci a saia de novo. Sério, provocar meninos é muito fácil. Me senti poderosa, como uma rainha guerreira. Um dos meninos se levantou e começou a dançar na minha frente. Peguei no bumbum dele e o puxei para perto de mim. E por cima do ombro dele vi Dylan se retirando. Enquanto dançávamos, puxei a cabeça do menino para perto da minha e comecei a beijá-lo, foram beijos intensos e passionais. Ele estava com hálito de bebida e um suor fresco, mas estava agradável. Quando as coisas estavam começando a esquentar, Rich me pegou pelo braço.

“Ash, posso dar uma palavrinha com você?”

Tentei protestar, mas ele me puxou. Eu não resisti, então acenei um tchau, bêbada, rindo da decepção no rosto do menino e permiti que Rich me levasse até a entrada.

“Pelo amor de Deus, ponha o casaco”, ele cochichou. “Está fazendo papel de babaca. Outra vez.”

Estiquei o lábio inferior.

“Ash está excitada.”

“Ash está sempre excitada”, ele respondeu, me ajudando a vestir o casaco. “Ash precisa investir em amor, ou algo do tipo.”

Eu ri e Rich pegou minha mão e me puxou. Lá fora estava um gelo, e o choque do ar frio me deixou sóbria o suficiente para andar até minha casa ao lado de Rich sem cair nenhuma vez.

“Pronto, aqui está você”, disse Rich, ao chegarmos na minha casa.

Enrosquei meus braços em volta da cintura dele e apoiei a cabeça em seu ombro.

“Fica aqui?”

“Ash, é noite de Natal. Acho que meus pais reclamariam se não me vissem em casa quando acordassem.”

“Ah, sim. Esqueci.” Arrotei alto enquanto Rich procurava as chaves na minha bolsa. Ele destrancou a porta e me levou para dentro.

“Vá dormir”, ele mandou. “E feliz Natal.” Ele me deu um beijo na bochecha e saiu, fechando a porta atrás dele. Fiquei parada um tempo, ouvindo a casa em silêncio e o ruído da minha respiração embriagada e trabalhosa. Solucei e comecei a chorar. Estava no estágio solitário da bebedeira. Me arrastei para o andar de cima, deitei na cama e me encolhi, cobrindo a cabeça. O que tinha acontecido com a Ashley que ia dormir tão feliz nas noites de Natal? Uma pergunta retórica, óbvio; uma das piores coisas de quando a gente cresce é a percepção de que a vida é uma droga, e o Natal uma droga maior ainda. Com esses pensamentos tão alegres vagando pelo meu cérebro, acabei caindo no sono.

“Ashley! Acorde, acorde! É Natal!”

Abri os olhos e resmunguei. Mamãe e Frankie estavam em cima de mim, sorrindo como se tivessem ganhado na loteria.

“Que horas são?”, perguntei.

“Já passa das nove!”, mamãe respondeu incrédula.

Resmunguei outra vez.

“Muito cedo.”

Frankie sentou na minha cama.

“Por favor, acorde, Ash. Mamãe disse que não podemos abrir os presentes sem você.”

“Eu dou permissão”, falei, fechando os olhos outra vez e virando as costas para elas.

“De jeito nenhum, madame”, mamãe disse com firmeza, tirando a coberta de cima de mim. “Você não vai estragar o Natal. Se Sasha e Toby conseguem chegar aqui, vindo de Ken, antes de nove da manhã, o mínimo que você pode fazer é sair da cama.”

Eu quis agarrar a colcha de volta e falar para ela que não pedi para chegarem aqui tão cedo e que ela fizesse a gentileza de me deixar sozinha, mas mamãe enlouqueceria e Frankie me encheria o saco. Então, em vez disso, suspirei e disse a ela que desceria em vinte minutos.

“Ótimo.” Ela jogou a coberta por cima de mim de novo e saiu. Frankie a seguiu, mas não antes de me abraçar e sussurrar “feliz Natal” no meu ouvido. O que, por alguma razão, fez meus olhos arderem. Eis o que é uma ressaca.

Sentei na cama e notei pela primeira vez a meia de Natal na cabeceira. De acordo com as leis familiares, esse tipo de presente podia ser aberto sem plateia. Me ajoelhei e puxei a meia até mim. Dentro dela havia uma caixa de chocolates sortidos, três calcinhas, um pacote de amendoins e passas, um calendário de Jackson Pollock, sais de banho, um caderno e brilho labial. Nada mal. Peguei uma calcinha, encontrei o sutiã de ontem em uma pilha de roupas no chão, peguei meus jeans rasgados e o casaco de caveira grande demais no armário e fui até o banheiro.

Vinte minutos depois apareci na sala e descobri que estava muito malvestida, porque todos pareciam ter combinado de se arrumar a partir do tema “um domingo dos anos 1950”. Frankie estava usando uma saia de veludo, um casaco com gola v, Sasha estava com calças boca de sino e um casaco justo, e mamãe estava de calça social e salto alto — até Toby estava com a camisa para dentro da calça.

Ergui uma sobrancelha e fui até o sofá.

“Feliz Natal, pessoal.”

“Para você também, Ashy”, disse Sasha. “Imagino que tenha se divertido ontem à noite...”

“A festa foi boa.” Suspirei. Tudo que eu queria era voltar para a cama. Mamãe não deveria ter se preocupado em me acordar, afinal eles se divertiriam bem mais sem mim.

“Recomendo uma coca”, sugeriu Toby, sem me olhar nos olhos. “Mas não a light, a normal.”

Meio que sorri.

“Obrigada. Vou pensar a respeito.”

“Bem”, disse mamãe alegremente. “Farei as honras, tudo bem?” Ela começou a distribuir os presentes, até cada um ter uma pilha de pacotes e não haver mais nada embaixo da árvore, exceto uma porção de agulhas.

Outra tradição detestável da nossa casa era que todos tinham que abrir os presentes alternadamente. Na condição de mais nova, Frankie sempre era a primeira. Ela começou pelo presente de mamãe, rasgando o papel empolgada. Ela arregalou os olhos ao ver uma caixa longa e estreita.

“Uma chapinha de cabelo! Uau, obrigada, mamãe!” Ela abriu a caixa e deu outro grito ao ver a chapinha, que era rosa-shocking. “Ai, meu Deus, Emily vai morrer de inveja.” Levantou-se para dar um beijo em mamãe. Não tinha como não se alegrar com a animação de Franks.

Depois ela abriu o cachecol que escolheu quando fomos fazer compras e me abraçou.

“É melhor do que me lembrava.” Eu retribuí o abraço e tentei não ficar com os olhos cheios de lágrimas outra vez. Maldita ressaca de Natal.

Sasha e Toby deram a ela um iPod shuffle, o que colocou meu cachecol em seu devido lugar. Mas apesar de Franks ter abraçado Sasha e agradecido aos dois de um jeito bem entusiasmado, ela não pareceu gostar mais do presente deles do que do meu. Não pela primeira vez, me peguei imaginando como um ser humano tão adorável quanto a minha irmãzinha podia ter nascido numa família como a minha.

“Muito bem. Sua vez, Ash”, disse mamãe, pegando um dos presentes da minha pilha e me entregando. Tentei dar um sorriso e abri o embrulho em que estava o chaveiro de caveira que Frankie havia escolhido para mim. Era pesado e feito do mesmo metal que deixa as mãos com cheiro de dinheiro. Abracei Franks e dei um beijo nela. “Maravilha, Frankie-punk. Amei.” Ela

deu de ombros e sorriu modestamente, mas deu para perceber que estava satisfeita.

Respirei fundo antes de abrir o próximo presente. Era de Sasha e Toby, e não tinha formato de iPod.

“Uau. Obrigada”, falei, segurando um par de chinelos com estampa de zebra. “São, bem, incríveis.” Eram, claro, completamente horrorosos.

“De nada, Ashy”, sorriu Sasha. “Achamos a sua cara, não, Tobes?” Toby assentiu, com os olhos fixos nas mãos, que estavam entre os joelhos.

Então minha própria irmã achava que eu era o tipo de pessoa que gostava de calçados como aquele. Ótimo. Combatendo o impulso de enfiá-los no bumbum idiota dela, prossegui para o presente de mamãe: um envelope com cinquenta libras. Olhei para ela. “Legal. Obrigada, mãe. De verdade.” Sorri, e ela sorriu de volta.

“De nada, meu amor. Espero que compre alguma coisa legal.”

O alívio com o fato de que mais uma sessão de abertura de presentes tinha terminado me dominou.

“Vá em frente”, falei para Sasha. Ela bateu palmas e sorriu animada.

“Tudo bem se eu abrir o primeiro?”, ela perguntou a Toby. Ele fingiu pensar no assunto, enquanto ela fazia beicinho e juntava as mãos como se estivesse rezando. Vontade de vomitar.

“Vá em frente, então”, ele disse, afinal. Ela bateu palmas novamente e rasgou o embrulho do presente que comprei com Frankie.

“Azeite, excelente”, disse feliz. Leu o rótulo. “Não é extravirgem, mas não tem problema. Posso usar para cozinhar.” Levantou a garrafa. “Veja, amor, nosso favorito.” Toby ergueu as sobrancelhas e emitiu uma espécie de *ooh, é mesmo*. Frankie me olhou preocupada, e eu dei de ombros. Então tínhamos comprado o azeite errado. A marca que Sasha especificou na lista era tão cara que escolhemos a garrafa mais barata. Ela foi muito gentil em fazer aquela observação.

Depois Sasha abriu o envelope que anexamos à garrafa. O cartão dizia que, em vez de presentes, tínhamos comprado livros para os estudantes de Nairóbi em nome dela.

“Ah. Ótimo.” Ela sorriu e piscou rapidamente, fracassando totalmente na tentativa de esconder a decepção. “Ótima ideia essa de doar para caridade, meninas.”

“A ideia foi sua, Sash”, lembrei a ela.

“De fato, foi”, ela disse. “Bem, o materialismo é o que predomina hoje em dia.”

Rá, rá. Sasha era a pessoa mais materialista que eu conhecia. Vaca. Ela não devia ter posto na lista se não queria ganhar aquilo. Isso a ensinaria a ser altruísta. De qualquer forma, ela se animou quando abriu o embrulho com o pijama cinza-azulado que mamãe comprou para ela.

“Oh, mãe. É lindo”, disse, passando o tecido na bochecha. “Obrigada.” Ela deu um abraço em mamãe. “Você sempre compra presentes tão maravilhosos e generosos.”

O comentário não tinha sido nada sutil. Não que eu me importasse.

Mamãe abriu o iPod de Sasha e os brincos que escolhi com Frankie, e fez os mesmos agradecimentos ensaiados aos dois, ou seja, foi quase ofensivamente alegre demais. Mas Sasha entrou no clima.

“Você merece, mãe”, ela sorriu convencida. “Você não é mimada como deveria, em minha opinião.”

“Sim, achamos que os brincos realçariam o seu cabelo, não foi, Franks?”, eu disse, interrompendo Sasha.

“Vocês são todas maravilhosas. Sou uma mãe muito sortuda”, disse mamãe. Ótimo. Lá se ia esse problema por mais um ano. Graças ao menino Jesus. Assim que mamãe desapareceu para pegar uma lata de lixo para jogarmos os embrulhos fora e Franks ligou a TV, saí da sala e voltei para a cama. A não ser que alguma coisa errada acontecesse com o mundo, o almoço de Natal seria às duas da tarde, o que me dava quatro horas de sono.

Maravilha. Coloquei o despertador para 1:45, para mamãe não se chatear outra vez, e me desliguei do mundo, agradecida.

E ainda bem que o fiz, ou não teria sobrevivido ao resto do dia.

O almoço foi bom. Mamãe havia preparado um belo peru com tudo que tinha direito. A conversa fluiu, eu me senti mil vezes melhor depois de dormir mais. Sasha e Toby conseguiram não ficar o tempo todo fazendo autoelogios, e o espumante pré-almoço deixou mamãe de ótimo humor. Então foi tudo bem.

Mas então veio o principal acontecimento do dia. Terminamos o jantar e mamãe tinha acabado de trazer o café quando, sem qualquer aviso, Toby limpou a garganta e bateu no copo com uma colher.

“Poderiam me dar um minuto de atenção, por favor?” Aquilo tinha sido um pouco exagerado, considerando que só havia nós quatro ali e que estávamos todos quietos, empanturrados, mas tudo bem.

Então. No começo achei que ele fosse fazer um discurso, mas não: ele empurrou a cadeira para trás e se ajoelhou. Meu coração acelerou de tanta vergonha alheia. Sério, que babaquice. Então ele pegou a mão de Sasha, e, olhando profunda e significativamente nos olhos dela, falou: “Sasha, eu te amo e quero passar o resto da vida ao seu lado. Você me concede a honra de ser minha esposa?”

Em primeiro lugar: vômito. Em segundo: acreditei de fato que ela fosse recusar. Ninguém se casa aos vinte e quatro anos, a não ser que a pessoa seja religiosa e essa seja a única forma de transar sem arder no fogo do inferno. Mas ela disse “sim” e começou a chorar. Depois mamãe começou a chorar, Frankie fez o mesmo, e eu fiquei parecendo uma estraga-prazeres. Estava não apenas com os olhos secos, mas certa de que esse seria o maior erro da vida de Sasha. Após a histeria inicial passar, Toby abraçou mamãe, depois Frankie. Quando virou para mim, abracei Sasha rapidamente.

“Estou tão feliz!”, ela soluçou ao meu ouvido. Apertei o abraço dela e consegui dar os parabéns. Será que eu era tão má, por não conseguir me sentir feliz com toda aquela felicidade de minha irmã?

“Oh, este é o melhor Natal de todos os tempos”, disse mamãe, suspirando e enxugando uma lágrima. Jogou as mãos para o alto. “Deveríamos ter guardado o espumante!”

“Vim preparado, Karen”, declarou Toby com um sorriso. Ele foi até a geladeira e pegou uma garrafa de champanhe de verdade, desses caros. “Escondi quando você estava servindo a sobremesa. Já deve estar gelado o bastante.” Pegando a toalha na porta do forno, ele abriu a garrafa com um estouro, e claro, Sasha, mamãe e Frankie vibraram. Normalmente a idiotice da cena teria feito com que eu quisesse revirar os olhos, mas naquele momento eu estava completamente desprovida de emoções. Era como se eu fosse feita de chumbo.

Com Sasha sentada no joelho dele, Toby propôs um brinde a sua “linda noiva”. E foi isso. Tive que me retirar.

Sério, qual era o meu problema? Eu era má de verdade. Uma vaca egoísta e má. Supondo que não sentiriam minha falta, subi para o quarto de novo. Minha ressaca já estava devidamente curada, mas estava com a sensação de que poderia passar anos dormindo.



Donna, acabei d deixar recado de voz.

MIL desculpas p noite d natal.

Posso passar ai p explicar? Bjsss A

Td bem eu perdoo. D novo.

Mamae quer ficar comigo, nada d visitas hj.

Pode entrar no fb? Podemos falar la... bj

Cinco min bj

Donna Dixon: aloooo?

Donna Dixon: Ash?

Donna Dixon: ei, greene!!!

Ashley Greene: sim, sim, estou aqui. Sasha me distraiu tentando organizar uma partida de banco imobiliário em família.

Donna Dixon: legal legal legal!!!

Ashley Greene: exatamente. Então, o que vc ganhou?

Donna Dixon: dinheiro de papai, caixa de som de iPod de mamãe, chinelos de Jess... você?

Ashley Greene: estranho. Sasha também me deu chinelos – de zebra, e com um recibo, graças a Deus minha mãe me deu dinheiro, Frankie me deu um

chaveiro... isso. Passei quase o dia todo de ressaca ontem. Sasha me reprovou, claro.

Donna Dixon: posso imaginar *dedo balançando*. Então, onde você foi parar na noite de natal? Com quem transou desta vez rsss.

Ashley Greene: rsss uma ova. Não transei com ninguém graças a Rich. Ele me tirou de lá, como um cavaleiro. Provavelmente foi melhor assim.

Donna Dixon: boa, Rich. E Dylan???????

Ashley Greene: o que tem Dylan???? Ele mal me dirigiu a palavra a noite inteira e depois desapareceu. Definitivamente não está interessado.

Donna Dixon: tem certeza de que ele não é tímido???

Ashley Greene: não foi tímido quando encontrou comigo e Franks no outro dia.

Donna Dixon: ah sim, tinha me esquecido. Hummm.

Ashley Greene: hummm mesmo. Tenho que ir. Aparentemente estou arruinando o natal com meu mau humor. Obviamente, saber disso me alegrou muito :P

Donna Dixon: saco. Até mais, bjsss

Ashley Greene: até mais bjsss

Atualização de status:

Ashley Greene acha que jogos de tabuleiro em família deveriam ser proibidos. Estou falando de você, Banco Imobiliário.

Comentários:

Ollie Glazer: De jeito nenhum! Charada! E dia de luta É IRADO!

Ashley Greene: Não é mesmo.

Sarah Millar: Estamos jogando Charada neste momento! Acabei de fazer muito bem *incrível* “Endereço de Retorno”. Sim, nós os Millar vivemos no limite. Como foi a noite de Natal, aliás?

Ashley Greene: Hummm...

Sarah Millar: Ceeeerto. Ligo mais tarde, tudo bem?

Ashley Greene: tudo.

Rich Jones: Surpreso por você se lembrar de alguma coisa da noite de Natal, Greene ;)

Ashley Greene: rá rá rá. Você é hilário.

Rich Jones: Muitos dizem a verdade através de piadas.

Ashley Greene: Por acaso está querendo me dizer alguma coisa??

Rich Jones: exatamente *limpo o casaco com os dedos*.

Ashley Greene: Uau. Estou impressionada. De verdade, estou.

Cass Henderson: Se você acha Banco Imobiliário ruim, deveria tentar um jogo de perguntas e respostas com as pessoas mais competitivas do mundo, isto é, minha família.

Ashley Greene: Paz na Terra?

Cass Henderson: Total. Não.

Donna, atenda o telefone!! Esqueci d contar
uma coisa mais cedo bjsss

Não posso. Mamãe disse sem telefonemas.
MANDE MENSAGEM!!

Sasha e Toby estão NOIVOS.

NÃO ACREDITO!!

Acredite.

Mas ela tem uns 22??!!

24. Tola. Mamãe quase teve um orgasmo de alegria. Natal foi péssimo, Don.

Ah, querida. Venha aqui amanhã bjsss

Droga, acabei de combinar de encontrar Sarah. Ela pode ir tb?

Pode, claro. Ligo amanhã p combinar, ta? Bjss

Ótimo. Mal posso ESPERAR p sair daqui.

Preciso aturar os pais de Toby no chá hoje a tarde, porra.

SOCORRO! Estou prestes a cometer uma chacina familiar. Bjs

Aguate firme, querida. Até amanhã bjssss

OS PAIS DE TOBY ERAM RICOS. Não existia outra palavra para defini-los. Ricos de família. Eu já sabia disso, pois Toby tinha nos contado. Não diretamente, claro, mas dizendo sutilmente no meio das conversas que ele e os quatro irmãos mais velhos tinham estudado em colégio interno, ou que passavam as férias de julho na casa de veraneio na Itália, blá, blá. Então, obviamente eu estava pronta para odiá-los e vice-versa. Mas não foi bem assim.

Para começar, chegaram em um Range Rover velho. Eu estava esperando algo brilhante e pomposo. Frankie e eu os observamos pela janela do meu quarto.

“Ela parece legal”, observou Frankie, enquanto a mãe de Toby saltou do banco do motorista e deu a volta. Estava com um jeans básico, uma camisa azul e tênis. Até podiam ser de uma loja barata. Ela tinha cabelos grisalhos na altura do ombro e não parecia estar com muita maquiagem.

“E ele não parece nada assustador”, acrescentou, quando o pai de Toby saltou e abriu o porta-malas. Ele retirou uma sacola de supermercado e uma porção de flores. Trajava calças bege, uma camisa, mocassim e tinha cabelos castanhos e ralos.

“Sim, bem, ainda não conhecemos eles”, declarei, virando de costas para a janela quando mamãe gritou para nós duas. Frankie desceu saltitante e eu fui atrás, mais contida, nada ansiosa para aquelas algumas horas de conversa

educada, assistindo Sasha bancar a elegante na frente dos futuros sogros. Eu estava de jeans preto bem justo, uma blusa roxa e um blazer preto que encontrei em uma loja barata, todo o visual pensado para fazer com que nossos convidados aristocratas se sentissem em casa. De manhã, Sasha tinha me medido da cabeça aos pés quando desci para o café. Ela revirou os olhos com tanta ênfase que por um momento achei que ela estivesse tendo um troço.

“Precisa se vestir assim hoje?”, perguntou. “Esse casaco está com um cheiro ruim.”

Cheirei a manga dele.

“Só está um pouquinho mofado. Daqui a pouco passa. E, de qualquer forma, eu gosto.”

Sasha contraiu os lábios.

“Mãe, fale com ela.”

Mamãe virou e me olhou da cabeça aos pés.

“Ah, ela está bem.” Rá! Dirigi um olhau triunfante a Sasha, mas ela fingiu estar entretida com a leitura da caixa de cereal.

E então, quando os pais de Toby chegaram e mamãe os cumprimentou com um aperto de mão, mas a mãe dele insistiu em abraçá-la, e Sasha e Toby deram beijinhos nos dois, e Sasha apresentou Frankie e eu, e nós também apertamos as mãos deles, a mãe dele me olhou e disse (tambores, por favor):

“Posso dizer uma coisa? *Amei* o seu casaco. Você está linda.”

Aquilo poderia ter sido péssimo e forçado, mas não foi. Soou apenas como se ela tivesse amado o meu casaco e me achado linda. Ergui uma sobancelha para Sasha, mas, de novo, ela fingiu não notar. Então, sim, estava gostando da mãe dele (“pode me chamar de Wendy”). O pai ainda não tinha dito muita coisa, então eu estava aguardando para opinar sobre ele.

“Sash, leve Wendy e Martin para a sala”, disse mamãe. Ela perguntou como queriam os chás e cafés e foi para a cozinha preparar. Sasha tinha feito

bolinhos hoje de manhã, e estávamos servindo as tortas que fiz com Frankie, além do bolo de Natal, também preparado por Sasha. Bolo e chá me agradavam. Era o lado bom das coisas, certo?

Na sala, Sasha estava mostrando o anel de noivado para os pais de Toby, que deram as exclamações esperadas segundo o script. Para falar a verdade, era um anel bonito — uma aliança sólida com três tipos de diamante cravejados. Era de platina, e não ouro branco. Não faço ideia do que isso queira dizer, mas Toby considerava que isso era importante o suficiente para nos contar duas vezes.

“Já parou para pensar onde vão querer se casar?”, perguntou Wendy. “Charlie, Sam e Amelia”, voltou-se para mim e Frankie, “os irmãos e a irmã de Toby, todos escolheram fazer a festa no nosso jardim, e vocês podem fazer o mesmo. Mas a escolha é de vocês.” Ela continuou. “Daisy, a outra irmã de Toby, sempre diz que se um dia se casar, vai ser em Las Vegas, então, sinceramente, não existe pressão.”

Depois o pai de Toby se manifestou.

“Fomos mais ou menos forçados a fazer aquela coisa toda de igreja, não fomos, Binks?” (Binks??) Wendy assentiu e ele prosseguiu. “O que queríamos de fato era um casamento civil no cartório de Chelsea. Pegar duas testemunhas na rua e casar discretamente, mas isso teria sido, digamos, condenável.” Ele e a mulher se olharam e sorriram.

“Bem, eu tenho algumas ideias”, revelou Sasha.

Toby riu e apertou o joelho dela.

“Claro, quando ela diz que tem algumas ideias, é porque na verdade a planilha já está pronta, não é mesmo, amor?” Sasha sorriu tranquilamente, mas deu para perceber que ela não estava a fim de ser provocada, nem da maneira mais afetuosa do mundo.

“Só gosto de ser organizada”, declarou.

Wendy olhou para Toby.

“Deixe ele, Sasha. Ele precisa de alguém que o mantenha na linha. Não é mesmo, meu amor?”

Toby sorriu e deu de ombros.

“Só preciso de Sasha.” Ele olhou nos olhos dela, que se inclinou para beijá-lo. Eles fizeram um barulhinho nojento. E juro que Wendy franziu o nariz de desgosto. E foi isso. Agora ela era oficialmente a minha segunda pessoa chique preferida, vinha logo depois de Bridget, a velhinha.

Pensar nisso provavelmente deixou Bridget entre os meus pensamentos, porque na medida em que a tarde avançou, enquanto comíamos bolinhos com geleia e creme, Wendy e eu começamos a conversar e acabei contando para ela sobre minha entrevista com Bridget, e a experiência que ela viveu na guerra.

“Ela parece incrível”, disse Wendy, e tomou um gole de chá. “Será que está passando o Natal sozinha?”

“Na verdade eu também fiquei pensando nisso”, falei. Por mais que a minha família me enlouquecesse, eu não queria que morassem do outro lado do mundo, ou morressem.

“Já pensou em ligar para ela?”, continuou Wendy. “Provavelmente ela adoraria receber notícias suas.”

“Pensei”, admiti. “Mas achei que pudesse ser estranho.”

Wendy deu de ombros.

“Ela é uma senhora idosa que mora sozinha. Acho que qualquer telefonema amistoso seria bem recebido...”

Assim que ela disse isso, senti uma vontade desesperada de falar com Bridget. Como que lendo meus pensamentos, Wendy falou:

“Vá em frente, ligue para ela. Não fique aqui por minha causa.” Ela terminou o chá e sorriu para mim.

Levantei.

“Certo, vou ligar.”

Enquanto subia, eu pensei no quanto era estranho telefonar para uma senhora que só vi uma vez, só porque a mãe do noivo da minha irmã sugeriu. Mas tanto fazia. Achei o número de Bridget nos meus contatos, disquei os números, entrei no quarto e deitei na cama.

“Alô?” Ela parecia bem cansada. O que tinha acontecido com aquele alegre “Bridget Harper falando” da primeira vez?

“Ah. Oi, Bridget. Aqui é Ashley Greene. Fiz uma entrevista com você para o meu trabalho escolar...”

“Sim, claro. Como vai, Ashley?” Eu estava começando a repensar se aquilo tinha sido uma boa ideia. Ela não parecia muito disposta a conversar.

“Tudo bem, obrigada. Hum...”, fiz uma pausa, sem saber ao certo o que falar. “Pode parecer bobagem, mas estava pensando se eu poderia visitá-la hoje à tarde... Só para dizer oi.” Fechei os olhos. Eu tinha sido completamente ridícula.

“Ora, seria ótimo!”, respondeu Bridget. Sorri com a mudança na voz dela. “Quando quer vir?”

“Estava pensando em... bem, agora, basicamente.” Falei. “Se não tiver problema.”

“Perfeito. Até logo.”

Por pior que tivesse sido o meu Natal, o de Bridget deve ter sido pior ainda, para ela se animar com uma visita *minha*. De qualquer forma, eu não estava sendo santa e altruísta, fazendo minha boa ação do dia. Eu realmente queria vê-la.

Mamãe me liberou sem reclamar quando falei onde ia. Ela até pareceu satisfeita e orgulhosa, e eu nunca imaginei que veria aquela expressão de orgulho no rosto de mamãe algum dia, a não ser que fosse em relação a Sasha, mas eu tinha me saído bem no quesito velhinha solitária.

Mesmo de casaco, gorro e luvas, estava um gelo lá fora. O céu estava cinza e pesado e havia um vento gélido. Enfiei as mãos nos bolsos, protegi o

queixo com o cachecol e fui praticamente correndo para a casa de Bridget. A casa dela estava coberta pela escuridão, exceto pela luz da janela da sala. Do lado de fora estava escuro, mas as cortinas de Bridget não estavam fechadas. Toquei a campainha e pulei entre os azulejos quebrados do degrau em frente à porta. Os ruídos do lado de dentro me informaram que ela estava a caminho, e cerca de cinco anos mais tarde, quando meus pés já estavam quase completamente congelados, ela abriu a porta bem devagar.

“Ashley, minha querida, que prazer em vê-la!”, falou, sorrindo alegremente. Ela estava toda maquiada, exatamente como antes, mas o batom estava um pouco borrado, como se tivesse sido aplicado na pressa. Trajava exatamente a mesma calça e a blusa da entrevista. “Entre.” Ela gesticulou para que eu passasse. Na sala havia uma bandeja com uma chaleira, leite, um açucareiro e duas xícaras. Bridget se ajeitou, sentando na cadeira e apertando o botão para ajustar a poltrona. “Poderia servir o chá, por favor?”, ela pediu. “Sem açúcar para mim.” Fiz o que ela pediu, depois me servi e sentei na outra poltrona. De repente me senti desconfortável. Sobre o que iríamos conversar? Digo, eu queria falar sobre diversos assuntos — sobre a vida dela, basicamente —, mas me parecia grosseiro enchê-la de perguntas. E a frase “conte-me sobre sua vida” iria soar um pouco brega. Mas Bridget era profissional. Ela sabia como jogar conversa fora. Começamos discutindo o tempo, é claro, e depois ela me perguntou sobre meus presentes de Natal e eu sobre as festas dela.

“Oh, fiquei aqui”, ela respondeu, descartando minha pergunta com um aceno de mão. “Tentaram me convencer a ir a uma celebração terrível para a terceira idade em um salão de uma igreja.” Fez uma careta. “Não, muito obrigada. Não tenho a menor vontade de passar o dia comendo peru seco em uma sala cheia de velhos.”

Eu ri, mas logo parei quando vi que ela não estava brincando. Ela me olhou.

“A gente tem a idade que a gente sente, Ashley.” Ela repousou a xícara vazia, que tremeu sobre a bandeja. “Posso ser velha e decrépita por fora, mas por dentro me sinto exatamente como me sentia na sua idade. Exatamente.” Ela suspirou e deu de ombros, como se quisesse dizer: *c’est la vie*.

“Não tem nenhum familiar que more aqui por perto?”, perguntei. “Sei que seu filho está na Nova Zelândia...”

Bridget balançou a cabeça.

“Meu marido morreu há doze anos. Minha filha mora na Escócia com a companheira. Elas não têm filhos. Ela é lésbica, você sabe.”

“Ah. Sim”, respondi.

“Sei que hoje em dia os gays têm filhos”, continuou. “Mas não aconteceu quando Lorna tinha a idade certa, e agora está velha demais.” Ela deu de ombros outra vez. “Ela me visita a cada seis meses, mais ou menos, mas é um caminho longo e caro.”

“Você deve sentir falta deles. Do seu filho e da sua filha, quero dizer”, comentei.

“Sinto”, respondeu. Ela limpou a garganta e bateu as mãos nos joelhos. “Então, conte-me sobre seu documentário. Acabou? Posso ver?”

Então contei tudo — provavelmente com uma riqueza de detalhes entediante, apesar de ela ser educada demais para demonstrar tédio — e, após me certificar de que ela tinha um aparelho de DVD, prometi trazer o filme.

“Oh, por favor, traga, adoraria assistir... gostei muito de conversar com você, sabe.” Ela bateu nos joelhos de novo. “Fiquei *feliz* que tenha telefonado hoje.”

Sorri.

“Eu também.” Depois disso, o mais comum seria se tivesse havido um silêncio constrangedor terrível, mas Bridget impediu que isso acontecesse, perguntando na mesma hora se eu gostaria de mais uma xícara de chá. Eu

recusei e falei que tinha que voltar. Prometi para mamãe que voltaria a tempo de me despedir dos pais de Toby. Eu não fazia ideia se conseguiria cumprir o prometido ou não — já estava ficando tarde —, mas pelo menos ia mostrar que tinha tentado.

“Venha me visitar outra vez”, disse Bridget alegremente ao abrir a porta da frente.

Virei para ela e sorri.

“Virei. Obrigada pelo chá.”

Ela assentiu e sorriu.

“De nada.”

“Até logo, Bridget.” Ela fechou a porta e eu voltei para casa sentindo algo que não sabia exatamente o que era, mas parecia uma certa alegria.

Donna, Sarah e eu acabamos nos encontrando no museu de arte no dia seguinte. Eu só tinha ido lá uma vez, em um passeio com a escola, mas aparentemente Sarah ia “sempre”. (Ela tinha uma paixãozinha por Andrea, a professora de história da arte, só isso.) De qualquer forma, a entrada era gratuita, então para mim estava ótimo. Apesar de que, pensando bem, eu pagaria qualquer coisa para sair de casa e parar de ouvir Sasha e mamãe fazendo planos para o casamento o tempo todo e para não ter que assistir Toby andando de um lado para o outro, todo masculino, como se tivesse se tornado muito mais homem agora só porque teria uma *esposa* *bate no peito*. Sinceramente, tive que me esforçar muito para não vomitar. Pelo menos a boa sensação de ter visitado Bridget não tinha passado. Foi um alívio não me sentir tão para baixo.

Então Sarah, Donna e eu combinamos de nos encontrar na galeria de moda. Entrei naquele lugar e vi as duas olhando para uma vitrine com uma roupa vitoriana: toda de material brilhante, botões e babados. Apareci atrás delas.

“Feito para Mary Eliza Gibbons”, murmurou Sarah ao ler a descrição.
“Estranho pensar que uma pessoa real e normal vestiu isto.”

“Pois é”, concordou Donna. “E ela está morta há anos.”

“É.”

“É”, acrescentei, fazendo as duas pularem de susto.

“Merda!” Donna deu uma voltinha e colocou a mão no peito *à la* rainha do drama.

“Desculpe”, falei. “Não queria assustá-las assim.”

“Maldita sorrateira.” Ela me abraçou. “Bom ver você.”

“Bom ver você também.” Dei um abraço rápido em Sarah e começamos a passear pela galeria, apesar de não estarmos olhando muita coisa. Aquele tinha sido o lugar ideal para colocar o papo em dia: era gratuito, quente e quieto. Um pouco quieto demais, a julgar pelos olhares reprovadores que recebemos, mas as pessoas que se danassem. Não estávamos gritando.

“Então. A noite de Natal...”, começou Donna.

“O que que tem?”, perguntei, inocentemente.

“Bem, sem ofensa, mas o que você estava *fazendo*? Rich disse que você praticamente colocou os peitos para fora.”

Sarah arregalou os olhos e engasgou.

“Você não me contou isso!”

Olhei para ela.

“Porque isso não aconteceu.”

“O que aconteceu *de fato*, então? Tipo, pensando que Rich não mentiu...?”

Então eu contei. E enquanto contava, percebi que, na verdade, eu *tinha* praticamente colocado os peitos para fora. E mostrado a calcinha. Como uma criança de cinco anos levantando o vestido até a cabeça para chamar atenção. Um tanto vergonhoso.

Quando acabei de contar a história, olhei para as duas e percebi que elas não estavam conseguindo pensar em nada para dizer que não fosse me ferir

ou me irritar.

“Sim, eu sei”, falei. “Perdi um pouco o controle...” Sentei em um banco no meio de uma das galerias e as meninas se acomodaram cada uma de um lado. “Não consegui entender por que Dylan ficou daquele jeito todo quieto outra vez... Só queria me esquecer dele e rir um pouco.” Olhei para Sarah. “Não que eu me importe de fato. De qualquer forma, ele deve me odiar muito agora, então...” Passei o calcanhar do meu sapato no chão polido e depois levantei. “Estou com sede, vamos até o café.”

Enquanto comprávamos o nosso chá, decidi não perder tempo pensando nisso. Já tinha acontecido, eu preferia que não tivesse, mas era hora de seguir em frente. Acrescentei um bolinho de banana e aveia ao meu pedido para celebrar minha atitude em relação à vida e nós três sentamos.

“Qual é o plano para o réveillon?”, perguntou Donna ao morder o bolo de aveia.

Resmunguei.

“Meu Deus, detesto réveillon.”

“Claro que detesta”, ela respondeu confiante. “Todo mundo detesta, então vamos planejar alguma coisa rápida para não acabarmos nos matando, sim?”

“Esse é o espírito”, Sarah observou ironicamente. “Nada como um pensamento positivo.”

“Então o quê?”, perguntei. “Eu diria que todo mundo pode ir para a minha casa, mas Frankie e minha mãe estarão por lá.”

“Não, vamos sair”, propôs Donna. “Quero fazer alguma coisa diferente. Não tem nenhuma festa para a gente aparecer de penetra?”

Sarah levantou os olhos do chocolate quente e sorriu, com uma manchinha um pouco pornográfica de chantilly no lábio superior.

“Na verdade, talvez eu saiba de uma.”

“Uau. Sarah, a festeira”, comentei. “Diga...”

“Ainda sou amiga de um dos amigos de Joe no Facebook.” Ela olhou para mim. “Sabe, Will? Que tem aquela casa enorme? Que transou com você?”

“Ah, sim”, assenti. “Péssimo de cama.”

“Sim. Ele. Então, vai fazer outra festa.”

Donna fez uma careta.

“Sá, não me diga que tem falado com Joe.”

“Não! Claro que não.” Sarah conseguiu parecer ferida e desdenhosa ao mesmo tempo por Donna pensar em uma coisa dessas. “De acordo com o Facebook, ele vai passar o réveillon na Tailândia com Mimi.” Ela parou de falar e colocou dois dedos na garganta, fazendo cara de vômito. Flagrá-lo transando com Mimi tinha finalmente feito Sarah entender o quanto ele era babaca. “Então é seguro. Casa grande, bebida liberada, nada de Mimi ou Joe... Acho que só temos a ganhar.”

Donna sorriu.

“Acho que você pode ter razão. E tem certeza de que Will não se importará com a nossa presença?”

Sarah deu de ombros.

“Ele provavelmente não vai nem notar.”

“É, a casa é, tipo, assustadoramente grande”, acrescentei. “Boa, Sá.”

Ela sorriu.

“Parabéns para mim.”

Depois de chegar em casa, eu estava prestes a subir quando Frankie veio na minha direção, aparentemente estranha.

“Tudo bem?”, perguntei, com as sobrancelhas erguidas.

Ela deu um meio sorriso.

“Sim. Hum... este é Freddy.”

Então um menino ridiculamente bonito, com cabelos loiros bagunçados, pele morena e olhos azuis (uma combinação estranha, mas atraente), surgiu da sala. Os olhos dele percorreram o recinto, sem entrar em contato com os meus.

“Oi”, ele disse.

Arregalei os olhos e Frankie sorriu.

“Oi, Freddy. Prazer em conhecê-lo.” Ele meio resmungou, meio assentiu.

Franks limpou a garganta.

“Então. Estávamos indo para a cozinha pegar algumas batatas...”

“Legal. Divirtam-se.” Acenei para eles e subi as escadas, apesar de estar louca para bisbilhotar. Fiquei muito feliz por Frankie e Freddy estarem... bem, o que quer que estivessem. Talvez eu estivesse com um *pouco* de ciúme por ela estar com alguém, mas estava feliz também.

Mais ou menos uma hora depois, eu estava na internet quando ouvi a porta da frente bater, e, um segundo depois, Frankie apareceu no quarto.

“Então?”, ela disse, mordendo o lábio. “O que você achou dele?”

Sorri.

“Ele é lindo. Talvez não tenha muitas habilidades sociais...”

Ela franziu a sobrancelha para mim.

“Não seja maldosa, Ashley. Ele só é tímido. É muito difícil conhecer a irmã mais velha da sua namorada, você sabe.”

Respirei de forma cômica, apesar de não ter tido a intenção de parecer engraçada.

“Meu Deus, ele é seu *namorado*?”

Ela riu.

“Eu sei! Emily está com taaaanto ciúme.”

“Mas como? Quando? Você nem se encontrou com ele desde que entrou de férias...”

Frank ficou envergonhada.

“Bem, na verdade, encontrei sim. Sabe quando, antes do Natal, eu disse que ia ao cinema com Emily? Na verdade não fui. Fui me encontrar com Freddy. Por favor, não fique brava, Ash.”

Dei de ombros.

“Não estou brava. A vida é sua. Não podemos contar tudo uma para a outra sempre.”

“Sério? Só me senti um pouco mal porque você não tem namorado...” Ela começou a roer as unhas, e eu resisti ao impulso de dar um tapa na mão dela.

“Meu Deus, não se preocupe com *isso*”, falei. “Não sou tão insegura a ponto de precisar de um namorado para me sentir uma cidadã capaz. Sério, não tem problema. Não se preocupe com isso.” Mas eu estava arrasada. E com ciúmes.

“Então... como foram os beijos?”, perguntei, sorrindo.

Franks abraçou a si mesma.

“Foi ótimo. Caloroso e... gostoso. E você tinha razão — simplesmente aconteceu.”

Ergui uma sobrancelha.

“Francesca, precisamos conversar sobre sexo?”

Ela cobriu as orelhas.

“Ai, nããã!”

“Porque, se quiser conversar sobre pênis e...” Levantei do computador e comecei a segui-la quando ela saía.

“LA, LA, LA! NÃO ESTOU OUVINDO NADA!”, ela entoou, fugindo.

“Espere! Ainda não conversamos sobre prepúcios...” “Prepúcio” era a palavra que Frankie mais odiava no mundo. Não me pergunte por quê. Ela correu pelas escadas, rindo histérica, e eu voltei para o computador, sorrindo para mim mesma.

Minha nova rotina noturna: deitar na cama e colocar os fones de ouvido. Aparentemente, Sasha e Toby tinham decidido que, como prova de amor, brindariam toda a casa com efeitos sonoros sexuais, então eu precisava abafar os gemidos ridículos. Até Frankie estava se irritando. Ela entrou no meu quarto na manhã seguinte e deitou na cama ao meu lado. Acordei apenas para dar espaço para ela.

“O que foi?”

“Nada”, sussurrou. “Volte a dormir.” Então voltei. Quando acordei, um sol brilhante de inverno estava entrando pela persiana e Frankie estava roncando ao meu lado. Saí da cama o mais silenciosamente possível para ir ao banheiro, mas, quando voltei, ela estava acordada e olhando para o teto.

“Tudo bem?”. Deitei ao lado dela. “Você teve pesadelo ou coisa parecida ontem à noite?”

Ela balançou a cabeça.

“Não. Só não quis dormir sozinha. Não é justo que Sasha possa dormir com Toby toda noite.”

Balancei os dedos na frente do rosto dela.

“Por quê? Você quer dormir com Freddyyyy?”

“Não!” Ela estapeou a minha mão. “Você me entende.” Apoiou a cabeça no meu ombro. “Só não queria ter que dormir sozinha, nada mais.”

“Dormir sozinha é ótimo, acredite em mim”, falei. “É muito bom ter a cama toda só para você.”

“E é muito bom ter com quem dividi-la também... Quando eu estou com alguém não me preocupo se vou conseguir dormir ou não. Só faço carinho em quem está comigo até dormir.”

Eu ri, mas entendi mais ou menos o que ela queria dizer.

“Mas pense em mamãe”, prossegui. “Ela não tem com quem dormir, e *ela* tem quarenta e dois anos.”

“É.” Franks não disse nada durante um minuto e depois sorriu. “Talvez ela se case com aquele homem do trabalho. Eles podem se casar junto com Sash e Toby!”

Sentei.

“Que homem do trabalho?” Era a primeira vez que eu ouvia sobre esse assunto.

“Você sabe. Duncan, ou Keiran, ou coisa do tipo. O homem dos materiais.”

“Que homem dos materiais, caramba? Franks, não faço ideia do que você esteja falando.” Meu estômago apertou.

“Faz, sim”, ela insistiu. “Ele leva todas as amostras de tecidos para a loja nos dias de balanço, depois ele e mamãe saem para almoçar. Pergunte a Sasha, ela o conheceu.”

Tive vontade de chorar. Por que eu não estava sabendo disso? Qual era o meu problema, eu era a única solteira da família? Afastei a colcha e saí da cama.

Frankie me seguiu.

“Ash? Aonde você vai?”

Afastei-a com um aceno.

“Volte para a cama. Já volto... só vou ao banheiro.”

Me certifiquei de que ela tinha me obedecido, em seguida invadi o quarto de mamãe, sem bater. Ela estava sentada na cama, assistindo a TV portátil que ficava na cômoda.

Ela olhou para mim, surpresa.

“Oh, tudo bem, Ashley? Dormiu bem?”

“Quem é Duncan, porra?”, olhei para ela.

Mamãe balançou a cabeça, parecendo confusa.

“Não faço ideia. Quem é Duncan?”

“Duncan, o cara dos materiais?”

“Ah. Está falando de Kieran.” Ela tentou parecer indiferente, mas a maneira como estava girando o controle da TV revelava outra história.

“Duncan, Kieran. Tanto faz”, falei. “Quem é ele, e por que eu sou a última a saber que você tem um NAMORADO?”

Mamãe afagou a cama ao lado dela, mas eu fiquei onde estava.

“Ele não é meu namorado, Ashley. É um amigo com quem almoço uma vez por semana. Nada demais.”

Pisquei e tentei respirar mais lentamente.

“Se não é nada demais, então por que Sasha o conheceu? E por que você sentiu necessidade de esconder de mim?”

Mamãe suspirou.

“Ashley, querida. Eu não estava escondendo nada de você. Eu só... Acho que pensei que você fosse zombar dele. Ele é bem mais velho do que eu.”

Lágrimas se formaram nos meus olhos.

“Mãe, eu jamais zombaria de um amigo seu.” Fiquei arrasada — *arrasada* — por ela pensar isso.

Mamãe sorriu, nada convencida.

“Bem, venha e sente aqui comigo que contarei sobre ele.” Não me mexi. Na minha cara havia lágrimas, coriza, o pacote completo.

“Ashley, querida. Por favor, não chore. Venha aqui.” Mamãe levantou a colcha, e, ainda chorando como uma criança, eu sentei ao lado dela. Não conseguia me lembrar de quando tinha sido a última vez que minha mãe tinha deitado comigo — devia fazer anos.

Mamãe acariciou meu cabelo.

“Sinto muito não ter contado sobre Kieran, mas, sinceramente, não há o que contar. Sasha só o conheceu porque fez uma visita surpresa no trabalho um dia, na hora do almoço.”

Funguei.

“Tudo bem... mas você gosta dele?”

Mamãe sorriu.

“Não segure nada, querida. Pode falar o que pensa.”

“Vou interpretar isso como um *sim*, então.”

Ela ergueu a sobrancelha (sim, é de família).

“Pode interpretar como quiser. Então, o que quer saber?”

“Não sei. Quantos anos ele tem? Como ele é?”

Mamãe puxou a coberta mais para perto do queixo. Sorri para mim mesma e fechei os olhos. Adorava ficar na cama de mamãe quando era pequena. Era o lugar mais aconchegante do mundo.

“Ele tem sessenta anos”, ela começou, depois foi interrompida pela minha risada. “Quer ouvir ou não?”

“Quero. Desculpe. Continue.”

“Ele tem sessenta anos”, repetiu. “Recentemente se divorciou da mulher, com quem era casado há trinta anos. Ele a abandonou depois que descobriu que ela o traía há anos.” Combati o impulso de rir novamente. “Ele tem mais ou menos, não sei, um metro e setenta e oito?”, prosseguiu. “Tem olhos azuis, é inteligente e me faz rir. Já basta?”

“Ah, basta”, respondi. “Basta para saber que você está louca por ele.”

“Você é impossível”, declarou mamãe, suspirando. Mas ela estava adorando. Eu não sabia exatamente como me sentia com relação a ela ter um namorado (amigo velho), mas aquilo era uma coisa boa, contanto que ele não viesse morar em casa e bancasse o paternal. Urgh. De jeito nenhum.

“Ashley, achei que você fosse ao banheiro!”, Frankie entrou me acusando. Ela pulou para a cama e deitou comigo e com mamãe. “Chegue para lá, então... O que estamos assistindo?” Ela arrancou o controle da mão de mamãe e começou a mudar de canal e no fim escolheu uma comédia americana porcaria dos anos 90. Eu obviamente estava com um humor um pouco histérico, porque ri com o programa. Aliás, nós três estávamos gargalhando escandalosamente.

“O que está acontecendo aqui?”. Sasha apareceu na porta, vestida e com o cabelo ainda molhado do banho. “Parece aconchegante!” Ela sorriu. “Que

pena, queria não ter me vestido para poder deitar com vocês.”

Mamãe colocou um braço no meu ombro e outro no de Frankie.

“Ficaria um pouco apertado, meu amor”, ela disse, rindo. “Você pode deitar com Toby.” Sasha deu um sorriso forçado.

“A chaleira está ligada, querida?”, mamãe continuou.

Sasha limpou a garganta.

“Não. Vou ligar. Chá para todas?”

“Sim, obrigada, Sash”. Sorri para ela.

“Certo. Bem. Não fiquem muito tempo na cama, preguiçosas!” Ela balançou o dedo para nós, mas não me enganou: ela não estava acostumada a ficar de fora.

“Isso é que é vida, não, meninas?”, disse mamãe, se ajeitando ainda mais sob a coberta. “Acham que Sash iria se incomodar se eu pedisse para ela trazer torrada também?”

Quando ela gritou para baixo, fiz uma careta para Frankie, que riu debaixo da coberta. Que manhã estranha. Mas eu não tinha do que reclamar.



Mamãe foi trabalhar naquela tarde, mas só para resolver problemas administrativos, então não precisava de mim (ela não ia se encontrar com Kieran, eu já tinha verificado). Eu estava ansiosa com o meu compromisso com Frankie, que consistia em assistir uma reprise do musical *Annie* e comer um balde de pipoca, mas a traidora me deixou na mão para nadar com Emily. Por mais que eu adorasse ver crianças cantando “Hard knock life”, assistir aquilo sozinha estava fora de cogitação. Zapeei pelos canais, mas nada me prendeu a atenção. Tentei estudar um pouco, mas depois de vinte minutos mordendo a caneta e olhando para o nada, desisti disso também. Pouco depois das três determinei que era hora de lanchar, então desci para a cozinha, onde Sasha estava cortando legumes e ouvindo música.

“O que está preparando?”, perguntei, roubando um pouquinho de cenoura.

Ela franziu a sobancelha.

“Não pegue, Ash. Não tem o suficiente.”

Ooh. Sasha estressada. Peguei um iogurte na geladeira, uma banana da fruteira e sentei à mesa. Não precisa de colher. Eu ia mergulhar a banana no iogurte. Delicioso, nutritivo, e depois eu não precisaria lavar a louça.

“Isso é nojento.” Sasha olhou para mim, com o lábio curvado de desgosto. “Pelo amor de Deus, Ashley, tudo tem que ser relacionado a sexo para você?”

“Não tenho culpa se bananas parecem pintos”, respondi calmamente. “E as maçãs acabaram.” Fechei os olhos e lambi o iogurte da banana, gemendo pornograficamente.

“Tão imatura”, murmurou Sasha, e virou para continuar picando legumes. Revirei os olhos.

“Foi você quem começou.”

Ela olhou por cima do ombro.

“Caso encerrado.”

Nenhuma de nós disse nada nos minutos seguintes, o único ruído vinha do rádio e dos cortes de Sasha. Levantei para jogar fora o pote de iogurte e a casca da banana no lixo, depois fiquei parada observando Sasha fritar cogumelos na manteiga. Ela me ignorou, então tentei puxar papo. Eu não tinha nada melhor para fazer.

“Onde está Toby?”

“Cochilando. Ele tem dormido pouco.” Ela sorriu para si mesma. E *eu* que sou a obcecada por sexo?

“Ah. Entendi... O que tem para o jantar?” Comecei a chutar a porta solta do armário perto do fogão.

“Leitão e cogumelos com creme...” Ela encolheu os ombros. “Na verdade, pode parar com isso? É muito irritante.”

“Meu Deus, você está com um ótimo humor hoje.” Mas parei de chutar a porta. Viram? Nada imatura.

Sasha bateu a colher na bancada e olhou para mim, cruzando os braços.

“Você não tem nenhuma parede para pintar nem nada do tipo?”

“O que quer dizer com isso?”, perguntei, encarando-a, mas os olhos dela não cederam.

“Bem, você claramente não vai fazer nada para ajudar — como sempre —, então talvez pudesse perder tempo em outro lugar.”

A piscina vulcânica de tensão que era ativada cada vez que eu estava com Sasha começou a ferver perigosamente.

“Sua vaca metida”, falei, mantendo a voz calma, porque ela adoraria se eu perdesse o controle. “Você não faz ideia do que se passa por aqui quando não está.”

“Ah, acho que tenho uma boa ideia.” E depois — não estou brincando —, ela literalmente me olhou de cima, como se estivesse em um pedestal.

“Ah, sabe”, zombei. “Bem, pode pensar o que quiser, mas por mais difícil que seja aceitar, nós nos viramos muito bem sem você.”

Ela fungou.

“Não é isso que mamãe diz.” E pronto. A fúria me inundou como lava vulcânica.

“Vá se fuder, Sasha.” Lágrimas quentes se formaram nos meus olhos. “Você não sabe de nada.” Deveria ter gritado com ela. Deveria tê-la jogado contra a parede e arrancado os olhos dela. Mas em vez disso fiquei parada, com os ombros tremendo e o nariz escorrendo. Enxuguei furiosamente a água dos meus olhos e encarei minha irmã. Ela continuava me olhando, impassível.

“Ai, ai”, ela disse, balançando a cabeça. Depois inclinou-se para mim, reduzindo a voz a um murmúrio. “Com tantas roupas ‘alternativas’ e essa atitude de amor livre, você não é nada, sabia?” Ela apontou o dedo para mim. “É preciso mais do que esmalte preto para ser interessante, Ashley.”

E com isso ela se voltou calmamente para a frigideira. Eu tive a sensação de estar caindo na toca do coelho, e isso não era agradável. Ela tinha razão, é claro. Era isso que tornava tudo tão insuportável. Eu não era particularmente inteligente, particularmente bonita, ou particularmente simpática. Não era nada. Claro que Dylan não gostava de mim. Por que gostaria?

Caminhei pelo corredor. Tinha que sair. Toby desceu as escadas quando eu estava vestindo meu casaco. Ele estava vestido para sair, com um casaco acolchoado e um gorro, e as chaves do carro na mão.

“Precisa de carona para algum lugar?”, ofereceu. Balancei a cabeça. “Ei, você está bem?” Ele se inclinou para olhar para os meus olhos, depois parecia refletir sobre algo. “Vamos, venha.”

“Para onde?”

“Vou levá-la até a cidade.”

Foi a conversa mais longa que tivemos em anos. Dei de ombros e o segui para fora: a cidade poderia ser tão boa quanto qualquer outro lugar. O carro dele e de Sasha era lustroso, ronronava e tinha belos bancos de couro. Eu poderia ter caído no sono assim que Toby ligou o motor, mas quando meus olhos estavam se fechando ele falou:

“Quer conversar sobre o assunto?”

Não achei que as pessoas falassem assim na vida real, ou pelo menos não sem um sotaque americano fajuto, ou algum indício de que estavam sendo minimamente irônicas, mas ele estava com o rosto sério e firme. Ele e minha irmã foram feitos um para o outro.

“Na verdade, não. Obrigada”, falei.

Ele tossiu.

“Estou achando... bem... isso tem alguma coisa a ver com Sasha?”

Será que ele tinha ouvido a conversa? Levantei o rosto para olhar para ele, que não desgrudou os olhos da estrada. Suspirei.

“Coisas de irmã, nada demais.”

“Ah, certo. Sim, tenho certeza”, ele falou. Depois continuou. “Mas, o que quer que ela tenha dito, eu não levaria muito a sério. Ela me mataria se soubesse que estou falando sobre esse assunto com você, mas ela anda um pouco estressada ultimamente... parece que talvez perca o emprego.”

“Oh. Entendi.” Não senti pena, mas também não me senti feliz.

Ele me olhou.

“Ela está se sentindo como se estivesse com o mundo nas costas, e vê você saindo, se divertindo...” Deixou a frase no ar.

Limpei a garganta.

“Não estou me divertindo tanto assim no momento. Pode contar para ela, se quiser.”

Ele meio que riu.

“Bem, não vou contar. Como falei, ela ficaria muito chateada se soubesse que conversamos.”

Mexi nas minhas unhas.

“Não se preocupe, não vou falar nada.” Ficamos em silêncio outra vez.

“Onde quer ficar?”, Toby perguntou um pouco depois.

Olhei em volta. Estávamos perto do centro.

“Aqui está bom.” Ele encostou o carro e parou, deixando o motor ligado. Quando fui soltar o cinto, ele pôs a mão na minha.

“Você vai ficar bem, Ashley.” Ele sorriu, e eu tentei retribuir, completamente desconfortável.

Ele tirou a mão de cima da minha, e, sem olhar para ele, saltei do carro, agradei a carona e fechei a porta. Observei, parada, enquanto ele se afastava, voltava para o trânsito e desaparecia na próxima esquina. Então comecei a andar.

ANDEI DURANTE HORAS, com os fones no ouvido e a música tão alta que foi como se eu estivesse vendo o mundo com a tecla *mute* apertada. Vaguei pelas ruas perdida nos meus próprios pensamentos etc. e tal, mas não cheguei a nenhuma grande conclusão. Dylan, Sasha e Toby — todos passaram pela minha cabeça, mas eu continuei me sentindo meio, tipo, como se estivesse drogada. E sem usar nenhuma droga. Sasha tentou me ligar algumas vezes, mas eu ignorei. Recebi uma mensagem, mas foi de Ian, o psicótico, perguntando se eu tinha tido um bom Natal. Depois mamãe telefonou, acho que quando chegou do trabalho e não me encontrou em casa. Essa ligação eu atendi.

“Onde você está?”, perguntou com uma voz neutra.

“Na cidade.” Imaginei Sasha ao lado de mamãe, no corredor, com as costas apoiadas na parede, perto da foto que mamãe tirou quando Franks tinha poucos meses de idade. Sasha aparecia com um vestido florido e um casaco, sorrindo alegremente; eu estou franzindo o rosto e com os cabelos desgrehados; e Frankie, gorducha e fofa. Pensar na foto me fez lacrimejar. Sério. Eu precisava me controlar.

“Vem para casa?”, ela perguntou.

Uma pergunta estranha. O que será que minha irmã tinha dito a ela? Respirei fundo.

“Vou, claro... Mas não enquanto Sasha estiver aí.” Não me importava com os problemas profissionais dela, não conseguiria olhar para ela. Pelo menos não por enquanto.

Silêncio.

“Certo. Tem certeza de que não está exagerando?”

“Tenho.”

Mamãe suspirou.

“Bem, eles vão embora amanhã.” Ouvi uma voz ao fundo — de Sasha, supus —, mas não escutei o que dizia. E não me interessava.

“Ficarei com Donna, então”, decidi. “Precisa de mim na loja?”

“Bem, sim. Estava torcendo...”

Interrompi.

“Tudo bem. Se não se importar em levar minhas roupas. A gente se encontra lá.” Ela concordou, e foi assim. Desliguei e depois disquei o telefone de Donna, mas enquanto eu fazia meu relato deprimente ela me interrompeu.

“Ash, querida. Estou na casa de mamãe, não estou? Sabe que eu não hesitaria em dizer sim se estivesse em casa...”

Bati na minha própria testa.

“Merda, claro que está. Não se preocupe com isso, tentarei falar com Rich.”

“Mas espere”, Donna acrescentou rapidamente. “Conte-me o que aconteceu. Você brigou com Sasha...?”

“Ela me atacou, basicamente”, contei a história e fui andando até o ponto de ônibus para poder sentar. “Mais ou menos disse que eu era patética, chata e inútil. O que foi ótimo.”

Donna engasgou.

“Ela falou isso?”

“Falou. Ou coisa parecida.” Limpei a garganta. Pensar nesse assunto me deixava de pernas bambas.

“Isso é horrível.” Ela fez uma pausa. “E você está, tipo, vagando pelas ruas desde então?”

Soltei uma espécie de risada.

“Como sabe?”

“Adivinhei... Ouça, nem pense em levar nada disso a sério”, ela declarou ferozmente. “Você é mais inteligente do que isso. Ela só queria agredi-la em seu ponto fraco... e sei que esse papo de ponto fraco não faz seu estilo”, acrescentou rapidamente, para que eu não pudesse interrompê-la. “Mas foi isso que ela fez, certo?”

Resmunguei alguma coisa.

“Certo. Não deixe que isso machuque você, Ashley. É exatamente o que ela quer!”

“É, mas ela apresentou bons argumentos”, protestei de forma patética.

“Não, não apresentou porra nenhuma!”, Donna praticamente gritou. “Juro por Deus, se você começar a ficar para baixo, vou deserdá-la. Não quero ofender sua família, mas sua irmã é uma mala, e sempre será. É só ciúme. Ela é patética, e não você. Você é... você é incrível, sem querer puxar seu saco ou coisa do tipo. Não deixe que aquela... aquela *careta* convença você do contrário.”

Ri alto.

“Meu Deus, ela é exatamente isso!”

“Eu sei”, Donna disse seriamente. “É o que estou falando.”

Parei por um segundo.

“Você me ama muito.”

Ela riu.

“Não encha. Acho que você é uma vadia.”

“É? Bem, e você fede”, rebati.

“Que gentileza.”

“Então”, falei, tirando o telefone do ouvido para checar a hora. “Como você me disse um ‘não’ sem dó, vou atrás de Rich.”

Donna suspirou como se estivesse soprando o esmalte da unha.

“Ótimo. Já estava ficando entediada mesmo.”

Limpei a garganta.

“Então. Obrigada por...”

Ela me interrompeu.

“Quando quiser. Divirta-se com Rich.”

“Falou. Ligo amanhã.”

Desliguei e passei um tempo sentada no ponto de ônibus, com os ombros encolhidos, mas me sentindo bem melhor. Era quase assustador o quanto eu amava a minha melhor amiga naquele momento. Donna me entendia, de um jeito que mamãe e Sasha jamais entenderiam. Eu poderia ser fruto do ventre de mamãe (vômito, óbvio), mas fui vítima de muitas combinações genéticas quando ela e meu pai me conceberam. E quem sabe que merdas aconteceram no lado dele da família? Nossa árvore genealógica deve ter muitos galhos maus. Ao clicar no nome de Rich, pensei que eu deveria me sentir grata por meus únicos problemas serem as pichações e aquelas chateações na escola, pois há quinhentos anos eu teria sido queimada viva. Assim como Rich, suponho. A bruxa e o homossexual. Fiquei tão distraída pensando nisso que esqueci que estava fazendo uma ligação, e Rich teve que falar “alô” duas vezes até eu perceber que a voz vinha do telefone, e não da minha cabeça.

Dois minutos depois eu já tinha uma cama para dormir naquela noite.

Enquanto andava para a casa dele, meu telefone apitou com uma mensagem de Sasha.

Oi, Ashy, podemos voltar a ser amigas? :p

Malditos emoticons. Eu detestava aquilo. E que merda significava esse de língua de fora? Se minha irmã queria se desculpar, isso era uma coisa. Mas de jeito nenhum eu iria conceder meu perdão a dois pontos em cima de

uma letra p. Meus dedos coçaram para responder alguma coisa grosseira e maldosa, mas tenho certeza de que ela usaria minha resposta contra mim. Ignorar Sasha a deixaria irritada de verdade. Então ignorei. Depois da conversa com Donna, eu já estava quase me sentindo bem ao chegar à casa de Rich.

Ele morava em um bangalô. Os pais dele já tinham quase sessenta anos — acho que o pai tinha até mais. Eles eram legais e tudo mais, mas pareciam avós. Quando a mãe de Rich se aposentou, há alguns anos, de seu superemprego, ela instantaneamente se tornou a melhor dona de casa do mundo. Cozinhou e limpava. Muito. Na casa de Rich sempre tinha comida caseira (era proibido assistir TV durante o jantar na casa dele) e sobremesa na mesa. E não estou falando de sobremesa pronta, não. Era sempre pudim de maçã, de caramelo, ou pavê. O mais esperado seria ele ser enorme de gordo, mas era magrinho. Seus pais eram como dois palitos. O pai trabalhava no correio, fazendo não sei bem o quê. Eu ficava imaginando se era por causa de seus pais que Rich era discreto sobre sua preferência por meninos, mas eles me pareciam bem legais. Mas o que sabia eu de verdade?

A mãe dele abriu a porta com o entusiasmo de sempre.

“Ashley! Que bela surpresa! Entre, saia deste frio. Brrr, está um gelo, não é mesmo?”

Era mais ou menos como receber uma enxurrada de pontos de exclamação.

Rich apareceu na base da escada quando a mãe dele estava pegando meu casaco, e assim que confirmou que não, não queríamos chá, e sim, tínhamos certeza, e não, não queríamos o bolo que sobrou, e sim, tínhamos certeza, ela nos deixou.

“Acho que estou um pouco apaixonada pela sua mãe”, falei, ao segui-lo de volta pelas escadas que iam até o quarto.

“É, ela causa esse efeito nas pessoas”, ele concordou. “Mas deveria vê-la quando não tem ninguém por perto. Vivo cheio de hematomas.”

Eu ri.

“Sei, filhinho da mamãe.”

Ele me respondeu com um dedo do meio, mas não replicou. Era incrível o fato de que ele não tivesse se transformado em um babaca completo, com todo o amor e a atenção que recebia dos pais. Na verdade, ele tinha dois meio-irmãos do primeiro casamento do pai, mas eles tinham, tipo, quarenta anos, e Rich nunca os encontrava.

“Ela está sempre tão alegre, e de um jeito nada irritante”, continuei. “Como ela faz isso?”

“Não sei”, respondeu. “Acho que é só por educação. Ela ainda está sofrendo pela minha avó.”

“Ah, sim. Claro”. A vovó Blue tinha acabado de morrer. E Rich ficou arrasado. Eles eram muito próximos.

“Como você está em relação a isso?”, perguntei ao chegarmos no quarto. Sentei na escrivaninha e ele se jogou na cama, colocando as mãos atrás da cabeça.

Rich deu de ombros.

“Não estou ótimo. Consigo não pensar no assunto quando estou no colégio, ou com vocês. Mas fora isso... Não consigo parar de pensar nela.” Ele mordeu o lábio. “Ainda não consigo acreditar que nunca mais vou vê-la.” Vi os olhos dele se encherem de lágrimas e fiquei apavorada. Rich não era do tipo que escondia as próprias emoções, mas mesmo assim. Chorar na frente dos outros é horrível. E eu não sabia que ele estava se sentindo tão mal. Era impossível saber, pois ele vivia alegre. Isso colocava meus próprios problemas em perspectiva.

“Acho que não vai melhorar tão rápido”, falei, porque foi o que me ocorreu. Ótimo. Bela maneira de dar apoio a ele, Greene. Eu não sabia nada sobre a dor de perder alguém. Mas Rich esfregou os olhos e sorriu.

“Obrigado. De verdade. Tenho a sensação de que as pessoas acham que eu já deveria ter superado. Afinal, ela era apenas a minha avó: não é como

se meus pais tivessem morrido.”.

“É, mas ela não era uma avó qualquer. Ela cuidou de você durante muitos anos, enquanto sua mãe trabalhava, não é?” Ele assentiu. “Então, na verdade ela era mais como uma segunda mãe.” Peguei uma caneta e comecei a rabiscar em um pedaço de papel que ele já tinha rabiscado. Quando eu era pequena, fui muito próxima da mãe da minha mãe, que morreu de câncer quando eu tinha dez anos, mas nunca conheci os pais do meu pai, e o pai de mamãe está com Alzheimer e mora em um asilo há anos. O mundo dele é completamente vazio, ele não se lembra de nenhum de nós. Talvez por isso eu tenha me apegado a Bridget. Talvez ela seja uma avó “substituta”. Eu ficaria péssima se aquela senhora morresse, e eu só tinha conversado com ela duas vezes na vida. Eu não teria como imaginar que Rich estivesse tão triste. “Você pode ficar triste na minha frente sempre que quiser”, continuei. “Não me incomode.”

“Obrigado, Ash. Mas estou bem. Gosto de esquecer isso tudo quando estou com você e os outros.” Rich coçou a pálpebra. “Bem, não *esquecer*... Você entende o que quero dizer.”

“Entendo.”

“Então, mas por que você precisou vir para cá hoje?”, perguntou Rich e depois sentou. “Você pode trancar a porta, por favor? E ponha o meu roupão no chão, bem perto da porta, por favor.” Ele puxou uma pequena lata de debaixo do colchão. “Se importa se eu der uns tapas?”

“Não”, respondi e fiz o que ele pediu. Depois apontei para o roupão. “Mas isto é o suficiente para impedir que seus pais sintam o cheiro de maconha?”

“Não”, admitiu. “Mas falei para eles que o cheiro era de incenso.”

Olhei para ele.

“Rich, seus pais eram jovens nos anos sessenta. Acho que sabem o que é maconha.”

Rich sorriu e balançou a cabeça.

“Nada. Sério, sempre foram muito quadrados.”

Não me convenci.

“Mas desde quando você fuma em casa?”

Ele deu de ombros.

“Desde a morte da vovó.” Ele acendeu o baseado, tragou e me ofereceu. Balancei a cabeça. Não toco em maconha desde o dia em que fumei demais e vomitei tanto que arrebentei um vaso sanguíneo do olho.

“Então, mas por que você precisou vir para cá?”, ele repetiu.

Levantei os pés e girei sobre a cadeira da escrivaninha.

“Ah. Não é nada, na verdade. Tive uma briga com Sasha. Ela me disse coisas desagradáveis, então não vou voltar para casa até ela ir embora.”

Rich franziu a testa.

“Que droga. O que ela disse?”

“Coisas estúpidas, não vou encher você com isso... Vamos falar sobre outra coisa. Como o réveillon. Vai sair com a gente?”

Ele se alegrou de repente e seus olhos brilharam.

“Vou! O que vamos fazer?”

“Sarah achou uma festa.” Ri da cara dele. “Sim, Sarah. Quem diria, né? Mas tudo bem. Eu já fui a uma festa naquela casa antes, é imensa.”

“Ótima notícia, jovem Ashley!” Rich estapeou a própria coxa. “Eu já estava ficando preocupado com essa falta de planos... Pode pegar meu telefone, por favor?” Ele apontou para a escrivaninha, onde o telefone estava plugado no computador. Fiz o que ele pediu e Rich começou a mandar mensagens de texto, com o baseado pendurado no lado da boca. Uma cena atraente. “Vou avisar para Jack e Ollie.” Quando acabou, jogou o telefone em cima da cama. “Então, eu soube que Donna encontrou seu pretendente hoje.” Ele soltou a fumaça do baseado na direção do teto. “Também ouvi falar que ela fez mil elogios a seu respeito.”

“Ah, que gentil... mas não vai ajudar”, falei, mordendo a bochecha por dentro, tentando conter o impulso de pular em cima dele e agredi-lo com o

travesseiro até que me contasse exatamente, palavra por palavra, tudo que Donna falou e o que Dylan respondeu. Por que ela não disse nada quando nos falamos por telefone? Dylan provavelmente disse a ela que não estava interessado, e ela não quis me contar, porque eu já estava chateada por causa de Sasha.

Rich assentiu.

“Bem, talvez não. De qualquer forma, você mesma pode perguntar para ela amanhã.”

“O que vai acontecer amanhã?”, perguntei, ignorando a evidente falta de apoio no assunto Dylan.

Ele deu mais uma tragada.

“Vamos nos encontrar no píer. Ela não avisou?”

Eu devo ter falado demais sobre Sasha. Don obviamente não conseguiu nem abrir a boca.

“Não, mas de qualquer forma não posso ir. Tenho que trabalhar.”

Rich, que estava cada vez mais lerdo, deu de ombros e falou:

“Não se preocupe. Combinamos de ir mais tarde, então.”

E com isso fui para o quarto de hóspedes para dormir e deixar Rich com o baseado e as lembranças.

Dormi muito mal. Tive uma daquelas noites em que parece que você não dormiu nada, apesar de provavelmente ter dormido. Aquelas noites em que você checa o relógio, depois checa novamente meia hora depois e percebe que na verdade duas horas se passaram. Fiquei pensando em Dylan, em como Rich claramente acreditava que a situação não tinha futuro, na festa de Ollie, na pichação, na noite de Natal na casa de Marv, em Ian, o psicótico, e tentando entender qual era o meu problema. Claro que me senti péssima quando acordei. Rich ainda estava apagado quando saí para trabalhar, mas a mãe dele estava acordada e insistiu em preparar ovos e

bacon para o café da manhã. Teria sido grosseria recusar, então me atrasei meia hora. Mandeí uma mensagem para mamãe, e ela não pareceu gostar muito.

“Para sua sorte a cliente está atrasada”, disse, jogando as roupas em mim. “Vá se trocar, depressa. E ajeite o cabelo. Está parecendo uma mendiga.” Ótimo. Uma bela demonstração de preconceito. Mas obedeci, reaparecendo dez minutos depois com o cabelo preso e o *tailleur* horroroso. Imaginei que mamãe fosse estar andando de um lado para o outro, impaciente, se preparando para a grande venda, mas ela estava no sofá, lendo o jornal.

“O que está fazendo?”, perguntei.

“Cancelaram”, ela respondeu, com a voz desanimada. “Acharam um vestido perfeito no *eBay*.”

“Quanta classe.” Sentei na outra ponta do sofá. “Mas então não teriam tido condições de comprar aqui.”

“Talvez.” Mamãe lambeu a ponta do dedo e virou a página. Por que as pessoas fazem isso? É muito estranho.

“Então...”, comecei, esperando que mamãe me informasse sobre a agenda do resto do dia.

Ela dobrou o jornal e o colocou no chão.

“Sim, acho que agora é o momento certo para discutirmos o que aconteceu ontem.”

Hum. Quanta sutileza.

“Não era isso que eu queria dizer, mas tudo bem.” Passei a vez para ela. “Pode começar você.”

“Sasha está muito chateada... Aonde você vai?”

Levantei e ajeitei a blusa.

“Sabia que você ficaria do lado de Sasha. Não consegue evitar, não é mesmo?”

Mamãe deu um tapa no braço do sofá.

“Argh! Você às vezes me *enlouquece*.” Ela esfregou a testa freneticamente. “Quer saber? Tudo bem. Se vai bancar a infantil, pode ir para casa. Sasha e Toby já foram, graças a você, então pode ir tranquila. Não temos mais compromissos hoje.” Os olhos de mamãe arderam furiosos. “Vá, saia!”

“Não se preocupe, já estou indo”, rebati. “Você e Sasha se merecem, porra.”

“Não OUSE falar comigo assim”, gritou mamãe, e seu rosto ficou vermelho como um tijolo.

“Ah, foda-se.” Peguei minha bolsa e empurrei a porta, o que sacudiu o sino como se uma epidemia de hanseníase estivesse sendo anunciada.

Peguei o celular na bolsa e liguei para Donna, já do lado de fora da loja.

“Saí do trabalho mais cedo. Podemos nos encontrar agora?”

“Hum, podemos, acho. Você está bem?”

“Nunca estive melhor. A gente se encontra no píer.” Desliguei, coloquei o telefone no silencioso e fui em direção ao píer. Andei bem rápido e com a cabeça abaixada, torcendo para que a minha roupa de trabalho impedisse que alguém me reconhecesse. Eu uivei e chorei, deixando as lágrimas rolarem para que já tivessem se esgotado quando encontrasse com Donna.

Mamãe e eu não concordávamos na maioria dos assuntos, mas quase nunca discutíamos assim. Eu sabia que a irritava, e acho que ela sabia que também me irritava, então tomávamos cuidado uma com a outra, evitando assuntos polêmicos — ou seja, basicamente tudo, exceto o trabalho e o tempo. E mesmo esses dois temas podiam ser complicados. Normalmente dava para fingir que nos dávamos bem, mas agora não estava dando. Será que eu conseguiria continuar morando com ela? Se eu não tivesse certeza de que Frankie ficaria arrasada, faria as malas naquele exato momento.

No píer, comprei uma revista e sentei em um café para tomar um chá e ler.

“Ash, o que foi?”, disse Donna assim que apareceu. Ela se sentou na minha frente. “Qual foi o drama?” Ela abaixou a cabeça para tentar enxergar meu rosto. “ALÔ, ALÔ? O que foi?”

Tentei dar um sorriso, mas só consegui fazer uma cara de chorona.

“Briguei com minha mãe. Nada de muito emocionante.”

“Por causa do problema com Sasha? Aparentemente você está vivendo um drama de seriado de tevê em casa, não acha?”

“Sim.”

“Vamos lá, então conte para tia Donna o que aconteceu.” Mas assim que abri a boca para falar ela levantou o dedo para me conter. “Na verdade, espere um segundo. Vou buscar uma bebida.” Ela correu até o balcão, comprou uma lata de refrigerante e voltou para a mesa.

“Desculpe, estou morta de sede — vim correndo, caso você estivesse prestes a se matar.” Donna fez uma cara de reprovação. “Então. Você estava dizendo...”

Contei tudo para ela. E também para Rich, que depois apareceu.

“Então é isso, minha mãe e minha irmã mais velha me detestam. Acho que vou ter que me mudar para sua casa, Rich”, concluí. Um olhar levemente desesperado tomou conta de Rich, que não fazia ideia do que era brigar com os pais. Olhei para ele com cara de *dãã*. “Estou brincando, bobo.”

“Sim, eu sei”, ele protestou, e sua voz estava cerca de cinco oitavas mais aguda do que o normal. “Mas então o que você *vai* fazer?”

Dei de ombros.

“Ir para casa. Evitar minha mãe. Nunca mais falar com minha irmã. O de sempre.” Houve um momento de silêncio solidário, até que Donna mudou de assunto. Justo. O assunto já tinha acabado, mesmo.

“Então. Dylan andou perguntando sobre você.” Ela sorriu.

“Ah, é? E o que ele disse?”, perguntei, me certificando de que estava usando todas as minhas qualidades para fazer uma cara de *não me importo* bem realista. Eu deveria ter feito teatro com Donna. Ela olhou para mim e não se convenceu.

“Bem, para ser sincera...” De repente pareceu menos animada. “Bem, ele perguntou se você sempre se comporta como na festa de Ollie e na casa de Marv. Mas não acho que estivesse julgando você”, ela acrescentou apressadamente. “Foi mais um... fascínio, talvez?”

Tentei rir.

“Bela tentativa... Mas acho que para me defender posso afirmar que não consigo controlar minha reputação.”

Rich colocou a xícara vazia sobre a mesa.

“Sim, mas não é bem da sua reputação que estamos falando, não acha? Você realmente se comportou daquele jeito na frente dele.”

“Como?”, falei irritada, e meu rosto foi ficando vermelho. “O que quer dizer com isso?”

Rich não se abalou.

“Quero dizer exatamente o que falei. Ele viu você saindo do banheiro depois de transar com um estranho, e depois assistiu você mostrando os peitos a outros estranhos. Você cria sua própria reputação, Ashley.”

Quer dizer que todo mundo ia me agredir hoje? Porra.

“Então Ollie pode transar com todo mundo, e isso só faz dele um rebelde adorável, e eu não posso? É isso que está dizendo?” Eu estava bem irritada.

Ele balançou a cabeça.

“De jeito nenhum. Pode fazer o que quiser, Ash, apesar de que não me lembro da última vez que vi Ollie colocando o peru para fora.” Rich acariciou o queixo, contemplativo, e depois disse: “olha, só estou dizendo que você não pode culpar os outros por espalharem boatos se o próprio Dylan viu isso tudo com os próprios olhos. Não estou dizendo que é ruim ou bom, só estou falando que é o que é”.

Encarei Rich. Eu estava soltando fogo pelas ventas.

“Você *está* dizendo que é ruim. ‘Mostrou os peitos a estranhos’ é um juízo de valor, e você sabe. Você poderia ter dito ‘mostrou os peitos aos amigos de Marv’ e a coisa continuaria sendo verdade. E quanto à pichação, você *está* dizendo que foi merecido que escreveram mentiras a meu respeito na parede do colégio?”

Rich coçou a testa impacientemente.

“Claro que não. Não é esse o meu argumento. Você precisa gostar um pouco mais de você mesma. Você se trata como se fosse pior do que qualquer outra pessoa... Pelo amor de Deus, Ash, você é uma pessoa incrível — e isso *apesar* de transar com todo mundo, e não *por causa* disso.” Ele parecia estar fazendo golpes de caratê. “Tenha um pouco de respeito por você. Estou falando sério.”

Engoli em seco e arregalei os olhos, tentando assimilar mais uma pessoa me dizendo que eu era uma merda. Levantei da cadeira.

“Quer saber, não encha, Rich. Talvez você devesse se olhar no espelho, senhor controla-as-emoções-com-drogas. E pelo menos sou verdadeira em relação a minha sexualidade.” Saí sem olhar para Donna e sem esperar por uma resposta de Rich.

Enquanto caminhava na direção de casa, minha raiva se transformou em tristeza, e meu celular apitou. Era uma mensagem de Ian, a aberração psicótica.

Oi, qdo vamos tomar aquele drinque???

Guardei o telefone sem responder.

Quem Rich pensava que era? Mas quanto mais eu andava, mais começava a achar que talvez ele tivesse razão: Ollie não era como eu. Ele nunca se

gabava, apenas fazia o que fazia. Acho que ele ainda era amigo de todas as meninas com quem tinha transado, o que era um feito impressionante, considerando a quantidade. Já eu, teria dificuldades em reconhecer algumas das minhas “conquistas” se as encontrasse por aí. Ainda acho que cada um deve fazer o que bem entender, de verdade. Mas quantas vezes eu quis aquilo de fato? Quantas vezes realmente gostei do cara e achei que fôssemos nos dar bem de verdade? Quase nunca. E o que isso me trouxe? Um psicótico que me perseguia e uma pichação ofensiva na parede de um banheiro. Ótimo. Tudo que uma garota quer.

Eu transava com todo mundo porque isso fazia me sentir desejada. Deixei minha cabeça cair para trás e olhei para o céu.

Só havia uma coisa a fazer: parar. Nada de sexo a não ser que eu *realmente* quisesse, nada de beber a ponto de não saber o que se está fazendo, nada de mostrar os peitos ou levantar a saia para exibir a calcinha. Fiz uma careta só de lembrar daquilo tudo. Rich estava certo em relação a isso também: eu era a culpada por Dylan não me querer. Se fosse o contrário, eu também não o quereria. Se fosse o contrário, o acharia um idiota que quer chamar a atenção. Eu tinha perdido Dylan e isso doía, mas talvez eu estivesse precisando dessa surra.

Suspirei. A melhor hora era agora. Peguei meu celular e reli a mensagem de Ian, o psicótico. Cliquei em RESPONDER e escrevi:

Oi, Ian. Não vou encontrar você para um
drinque. Não daria certo entre nós.
Curti nossos momentos, mas acabou.
Gostaria que parasse de entrar em contato.
Sinto muito se iludi você.
Obrigada, boa sorte e tenha uma boa vida.
Ashley.

Reli algumas vezes o que tinha escrito, depois enviei. Torci para que ele não me levasse a mal. Principalmente porque ele não era má pessoa, apenas estranho, mas também porque não queria que ele se transformasse num psicótico louco e começasse a me enviar pelos pubianos por carta. Ou coisa pior.

Então foi isso. O grande teste seria no dia seguinte: a festa de réveillon. “Novo ano, nova Ashley.” Suspirei para mim mesma. A ideia de não ficar bêbada me deixou nervosa. E se sem o álcool eu não conseguisse dançar ou conversar com as pessoas e ficasse sentada no canto, com um sorriso falso no rosto, para que os outros não soubessem que eu estava louca para ir para casa?

Só havia uma maneira de descobrir. Eu tinha uma meta e ia tentar.

Pena que não pudesse dizer o mesmo sobre minha situação familiar. Voltar para uma casa onde cinquenta por cento dos habitantes me odiava era como fazer uma prova sabendo que você vai repetir. Ao entrar na minha rua, olhei a hora: ainda era cedo demais para que mamãe tivesse voltado. Eu tinha algumas horas de liberdade.

Mas logo que abri a porta ela veio da cozinha e parou na minha frente, com os braços cruzados.

“Com licença.” Tentei passar por ela e subir as escadas, mas mamãe não se mexeu.

“Não. Precisamos conversar.”

Fiquei olhando para um ponto fixo e bati o pé, esperando que ela se mexesse.

Mas ela continuou onde estava.

“Pode bufar o quanto quiser, querida, mas você não vai a lugar nenhum até termos resolvido este assunto.”

“Resolvido o quê?”, falei, fazendo cara de tédio. “Como Sasha é uma filha brilhante e eu sou uma decepção sem fim?”

“Ah, pare de ser tão sensível”, irritou-se mamãe. “Vá para a cozinha, pelo amor de Deus, e se acalme.”.

Ótimo. Tive que fazer o que ela me pediu. Sentei e olhei para ela com uma sobrancelha erguida, cheia de expectativa.

“Como eu ia dizendo”, continuou mamãe, como se só tivesse passado alguns segundos entre o início da conversa pela manhã e agora, “Sasha está muito chateada por as coisas terem desandado dessa forma. Ela me disse que, apesar de normalmente conseguir superar seus comentários, ontem ela se irritou.”

Eu ri.

“Bem, para começar é mentira. Sei que não vai acreditar em mim, mas eu não disse nada. Fiz um comentário inocente sobre ela estar mal-humorada, e ela surtou.”

Mamãe imitou minha sobrancelha erguida e acrescentou um suspiro decepcionado.

“Pode ter sido um comentário inocente para você, meu amor, mas Sasha obviamente enxergou de outra forma.”

Dei de ombros.

“Devia ter ouvido o que ela falou para mim”, eu disse e comecei a chorar como uma idiota, com a cabeça encostada na mesa.

Por um instante, nenhuma das duas disse nada, o único ruído da casa vinha das minhas fungadas cada vez maiores. Então mamãe perguntou:

“Tudo bem. O que ela disse?”

Balancei a cabeça.

“Não importa.” Admitir para mamãe que eu sabia que ela vinha reclamando de mim para Sasha não estava nos meus planos.

“Importa sim”, mamãe retrucou. Eu olhei para ela, surpresa. “Conte-me, por favor.”

“Bem...” Puxei um fio solto na minha roupa, a bainha da minha saia em breve se tornaria uma lembrança longínqua. “Ela disse que você acha que

eu não faço nada para ajudar, que as coisas só ficam bem quando ela aparece, e que eu sou um ‘nada’ e... enfim”, eu tinha concluído a fala do jeito mais ridículo. Olhei para mamãe, que estava ligeiramente pálida.

“Está falando a verdade, Ashley?”

Olhei nos olhos dela.

“O que você acha?”

Vi ela engolindo em seco.

“Acho que está.”

“Obrigada.” E comecei a chorar outra vez, desta vez pelo alívio de ter contado e de ela ter acreditado.

Mamãe esticou o braço sobre a mesa e segurou meu pulso com a mão.

“Certo. Bem, em primeiro lugar, eu posso ter dito a ela, uma ou duas vezes, que você não ajuda muito na casa — e não ajuda mesmo, aliás. Mas nunca, nunca disse que as coisas só ficam boas quando ela está por perto. Talvez isso não tenha sido gentil, e você jamais deverá repetir essa frase, mas acho que talvez ela queira acreditar que isso é verdade. Eu certamente não acho”, mamãe parou, pois sua voz foi sufocada por um choro. Ela respirou fundo e continuou. “Não acho que você seja um nada, Ashley. Você é difícil e confusa, mas eu tenho tanto”, ela se engasgou de novo, “tanto orgulho de sua força e individualidade. Não sei de onde tirou isso. Certamente não foi de mim.”

É claro que a essa altura eu já estava chorando como um bebê. Não sabia se estava feliz ou profundamente traumatizada.

“Não fique aí chorando, pelo amor de Deus”, disse mamãe, por cima das próprias lágrimas. “Venha aqui me dar um abraço.”

Então eu fui.

“Eu te amo”, mamãe disse. “E sei que é péssimo ter que trabalhar de graça na loja. Sou muito agradecida, Ash.”

Suspirei e solucei.

“Também te amo, mãe...” Fiz uma pausa mas depois continuei. “É que às vezes parece que não vou ganhar nunca. É como se Sasha fosse incapaz de errar. Eu tento...” *Maldição*, ia começar a chorar outra vez. “Eu *tento* fazer com que sinta orgulho de mim.” Oh, por favor, deem um Oscar a esta menina. As palavras simplesmente saíram. Não pedi que saíssem.

“Meu Deus, Ashley, eu *tenho* orgulho de você”, disse mamãe. “Acabei de dizer isso, não acabei? Todo o trabalho que fez para o documentário, a visita à velhinha depois do Natal...”

Eu realmente não estava prevendo dizer o que disse em seguida, mas não consegui evitar. Inchei por dentro e explodi como um tsunami. Eu nem sabia que me importava tanto com aquilo.

“ENTÃO POR QUE VOCÊ NÃO FOI À EXIBIÇÃO?”, gani. E comecei a chorar outra vez.

“Quê? Pensei que tivesse dito que não se importava...?”, disse mamãe, dando um passo para trás para poder ver meu rosto.

“Claro que eu *disse* que não me importava”, solucei.

“Mas achei que você preferisse que eu não fosse. Pensei que acharia constrangedor se eu aparecesse.” Ela estava com os olhos arregalados, chocada e confusa.

Eu rosnei, frustrada.

“Pelo amor de Deus, mãe, pare com essa história de constrangimento. Você. Não. Me. Constrange. Tudo bem? Não sou tão babaca assim, sério.”

Ela me abraçou outra vez.

“Se tivesse me dito isso, eu teria ido correndo, e seria a mamãe mais orgulhosa de todas.”

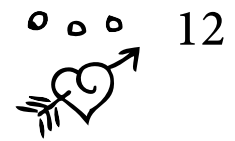
“Bom saber.” E era mesmo. Funguei e continuei. “Mas, se continuar se referindo a si mesma como ‘mamãe’, talvez eu tenha que repensar essa questão do constrangimento.”

Ela riu.

“Tudo bem, garotinha... Brincadeira.”

Revirei os olhos.

“Rá, rá.”



ERA RÉVEILLON E EU ESTAVA DO LADO DE FORA da mansão de Will esperando Donna e, talvez, Rich. Eu nunca era a primeira a chegar nas festas, mas como estava em tempo de mudanças, achei que seria uma boa ideia incluir pontualidade na lista de metas. Não sei se esse seria um ponto que conseguiria cumprir sempre, mas... Me senti como uma pessoa sem amigos, olhando de um lado para o outro da rua, como se tivesse levado um cano. Era estranho estar sóbria. Normalmente eu teria tomado uns dois drinques em casa enquanto me arrumava, mas hoje não, obviamente, pois a nova Ashley santa não bebia. Eu passaria a noite tomando coisas sem álcool. Ai, ai. Mas estava muito satisfeita com a minha roupa (um vestido preto vintage com um cinto na cintura e várias miçangas roxas) e tinha contado a Donna sobre meu plano, então ela estava pronta para me apoiar.

Mas havia aquele pequeno problema com Rich. Não nos falávamos desde nossa discussão, e eu tinha chegado à péssima conclusão de que ele estava certo e eu errada. Humildade é um saco. Eu só queria que ele chegasse para eu poder pedir desculpas logo e encerrar o assunto. Isto é, considerando que ele queria continuar sendo meu amigo.

“Tudo bem, Ash?”

Olhei na direção da voz de Donna e por um instante achei que tinha esquecido como se respirava. Marv e Dylan estavam com ela. Dylan! O que ele estava fazendo ali? Ele estava vestindo jeans justos de cor cinza, sapatos

de bico fino e um blazer. Sério, ele era meu homem ideal em carne e osso. Meu coração começou a bater em um ritmo estranho na medida em que minhas emoções iam do desespero à alegria. Era tão bom vê-lo de novo, mas ao mesmo tempo uma verdadeira agonia. Mais uma vez me repreendi por ter estragado toda e qualquer chance com ele.

Se eu já estava envergonhada demais até para olhar nos olhos dele, imagine para conversar. Mas ele também não falou comigo, e antes que eu percebesse ele e Marv entraram na casa. Fiquei com Donna lá fora me sentindo péssima.

“Ash, sério. O que você está *fazendo*?”

Franzi a testa.

“Não consegui falar com ele, Don. Não paro de me lembrar de quando o encontrei logo após transar com aquele garoto do décimo segundo ano.” Estremeci. “Ele me odeia. Eu sei.”

Donna colocou a mão na testa e suspirou como uma grande atriz.

“Oh, ele me *odeia*, eu *sei*.” Ela se ajeitou e me olhou. “Ele não odeia você, sua burra. Ele é tímido, e, de toda forma, nem a conhece... Ah, e a propósito, de nada.”

“Por quê?”, perguntei.

“Por trazê-lo aqui! Quem sabe o que a noite reserva?” Donna sorriu assanhadamente.

“Que seja. Oh...” Olhei por cima de Donna. Era Rich.

“‘Oh’ mesmo”, ela concordou. “A gente se vê lá dentro.”, disse e depois afagou meu braço. “Boa sorte, jovem Ashley.”

“Obrigada.” Observei-a desaparecendo pela porta da frente e me preparei para encarar o desafio.

“Oi, Rich.”

“Oi.” Ele direcionou o olhar para algum lugar perto da minha orelha direita, mas concluí que já era uma boa coisa ele não ter passado reto por mim.

Respirei fundo. Lá vai...

“Desculpe, Rich. Você tinha razão em tudo. Preciso me respeitar mais, e vou tentar de verdade. Começando por hoje... E sinto muito pelo que disse sobre sua sexualidade.” Quase resmunguei a última parte, de tão envergonhada que estava.

Ele tentou parecer sério e irritado, mas um sorriso foi se abrindo em seu rosto.

“Ah, tudo bem, sua vaca. Que bom que *voce* me perdoou. Não que eu tenha feito algo de errado ou qualquer coisa que não tenha sido muito sábia.”

“Totalmente”, concordei séria e o abracei. “Eu te amo, Rich.”

Ele retribuiu o abraço e beijou o topo da minha cabeça.

“Também te amo, docinho. Mas se começar a mostrar suas partes hoje, vou arrastá-la para casa pelos cabelos. E isso é uma promessa.”

“Mesmo se eu precisar fazer xixi?”

Rich fechou os olhos e assentiu seriamente.

“Mesmo quando precisar fazer xixi”.

“Então faço nas calças mesmo”, suspirei.

Rich sorriu.

“Bem, um leopardo não pode mudar as pintas.” Que grosseria. E que maravilha. Voltamos ao normal. Parabéns para mim e para minha excelente habilidade de pedir desculpas.

Se protegendo do soco que dei no braço dele, Rich pegou minha mão e me levou para dentro da casa.

“Vamos.”

A arrumação da casa parecia que tinha sido retirada de uma das revistas de decoração de Sasha. Nada de amadorismo. Tudo estava em tons de branco, azul e prateado, e me refiro a tudo mesmo. Até a árvore de Natal era

branca, e apesar de ser tão extravagante e volumosa, por algum motivo não estava brega. Mas a mesa da cozinha, que tinha sido empurrada contra a parede para aumentar o espaço, estava cheia de garrafas. Os donos da casa — os pais de Will, acredito eu — deviam estar viajando. Passando o réveillon nas Bahamas ou coisa do tipo. Rich e eu olhamos todos os cômodos. Uma banda estava se preparando na sala, com uma bateria completa e um amplificador gigantesco, mas não havia sinal de mais ninguém. Então vi uma área enorme de paredes de vidro ao lado da sala *et voilà*: estava todo mundo ali. Cass e Adam, Jack, Ollie, Sarah e Donna. Estavam sentados em um sofá enorme no canto, e Ollie e Sarah estavam nos pufes no chão. Ver todos ali deixou meus olhos cheios de água, foi como se eu tivesse visto um anúncio sobre alguma obra de caridade que cuida de cães abandonados. Não me pergunte por quê. Não havia nem sinal de Marv e Dylan. Eu não esperava que estivessem ali, mas mesmo assim uma pontinha de ansiedade começou a se formar dentro de mim. Nem agora conseguia me livrar daquela sensação... Do jeito que estava, bastaria olhar para Dylan para desabar em lágrimas.

Dei beijinhos em todos e sentei no chão de pernas cruzadas.

“Então, teve um bom Natal?”, perguntou Jack, que usava uma calça escura que eu não conhecia e estava bem bonito. Ele não faz muito meu estilo, mas o apreciei como apreciaria uma obra de arte.

“Na verdade, não”, respondi. “Sasha me deu chinelos de zebra.” Levantei as mãos como se dissesse *não tem mais o que explicar*. “E você?”

“Foi muito bom... Ganhei uma prancha de snowboard, um curso e um vale para passar as férias em uma estação de esqui no próximo ano.” Ele sorriu, tentando ser modesto.

“Ai, meu Deus, que presente incrível!”, alegrou-se Cass, enquanto Adam fazia cara de desdém.

“Eu sei! Foi incrível.”

“Eu também me dei bem, na verdade”, disse Cass, sorrindo alegremente. “Ganhei um carro.”

“Um Polo novinho”, acrescentou Adam, orgulhoso, como se o carro da namorada fosse dele.

“Foi você que deu?”, perguntou Donna.

Cass balançou a cabeça.

“Meus pais.” Ela colocou a mão no joelho de Adam. “Ele me deu um colar da Tiffany.” Depois esticou uma correntinha de prata que estava em seu pescoço e segurava um pingente de coração. Adam assentiu convencido e afundou ainda mais no sofá.

“É ouro branco”, ele explicou. “Um kit que vale duzentas libras.”

Fala sério: “kit”?

“Mas eu valho”, disse Cass, sorrindo e acariciando o cabelo de Adam. “Você tem muita sorte em me ter, não tem, amor?”

“Não tanta quanto você, por me ter.” Sorrisinhos e beijinhos. Capturei o olhar de Sarah e ela sutilmente encheu as bochechas, simulando um vômito. Engraçada.

Limpei a garganta.

“Bem. Tenho novidades.” Contei a todos eles sobre o meu projeto de encontrar a beleza interior e o respeito por mim mesma e dei os créditos a Rich por ter me colocado no caminho certo. Depois que falei, todos ficaram em silêncio, como se as pessoas estivessem com dificuldade de assimilar a grandiosidade de tal mudança.

“Então você não bebeu nada?”, perguntou Jack, incrédulo.

Balancei a cabeça, fechando os olhos como uma santa.

“Não. E nem vou tomar.”

“*Nunca?*”, perguntou Sarah, com os olhos arregalados.

“Meu Deus, NÃO!”, respondi. “Não pretendo me tornar uma freira.” Estremeci só de pensar. “Hoje é uma noite atípica, só para ver se consigo. Mas quero parar de ficar um bagaço toda vez que saímos.”

“Pensei que não acreditasse em resoluções de Ano-Novo”, comentou Cass, parecendo levemente triunfante, como se finalmente tivesse encontrado meu lado convencional.

“Não acredito mesmo”, falei, arqueando a sobrancelha. “É apenas uma coincidência o fato de que minha percepção das coisas tenha se dado nesta época do ano.”

Donna levantou a mão.

“Toque aqui!” Toquei entediada e dei uma piscadela.

“Bem, eu acho ótimo”, disse Sarah. “Bom para você.”

Ollie me tocou com o pé.

“Eu também.” Os outros fizeram observações semelhantes, o que foi legal, mas aquilo me fez pensar se sempre teriam me considerado uma vadia bêbada. De qualquer forma, eu não me importava, não agora que eu estava virando a página e tudo mais.

De repente Adam ficou inquieto e começou a coçar a testa como se estivesse sofrendo. Ele cutucou Cass.

“Amor, é melhor irmos.”

“Para onde vão?”, perguntou Ollie.

Cass pareceu envergonhada.

“Temos outra festa. De um amigo de Adam.”

“Mas vocês acabaram de chegar”, reclamou Sarah. “Vamos, pessoal, faz séculos que não nos vemos direito.”

Cass virou para Adam com os olhos cheios de esperança, como se fosse uma criança pedindo doce para a mãe.

“Desculpe, amor. Falei para Ryan que chegaríamos cedo.”

“Só pode estar brincando”, disse Donna, batendo a mão na coxa. “Sério, Cass, vai ser assim toda vez?”

Cass ficou vermelha e empinou o queixo desafiadoramente, mas seus olhos estavam preocupados.

“Não posso fazer *tudo* com vocês.”

“Sim, justo. Mas seu argumento seria um pouquinho mais convincente se quando Adam dissesse ‘pule’ você não respondesse com um simples ‘quantos metros?’”

Sarah colocou a mão no ombro de Cass.

“Somos seus melhores amigos.”

“Merecemos mais”, acrescentei.

Lágrimas se formaram nos olhos de Cass.

“Parem de implicar!”, ela falou. “Se tivessem namorados vocês entenderiam.”

Balancei a cabeça, incrédula.

“Ai. Boa, Cass.”

“Cass, ouça...”, Jack começou a falar com uma voz suave, mas Adam interrompeu.

“Hum, não. Acho que não, cara. Você pode ficar fora desta... Vamos, Cassie.”

“Não ficarei fora desta, obrigado ‘cara’”, disse Jack. Ele se virou novamente para Cass. “A única razão pela qual elas estão chateadas é porque gostam de você... Todos nós gostamos.” Ele sorriu. “Por que não fica mais meia hora, depois encontra Adam na outra festa?”

“Bela tentativa”, declarou Adam, antes que Cass pudesse se pronunciar, e depois murmurou alguma coisa baixinho, que pode ou não ter sido um “babaca”. Ele levantou, colocou as mãos dentro da calça jeans para ajeitar os testículos — *très* atraente — e puxou Cass. “Vamos.”

Cass acariciou o braço dele.

“Vá indo, amor. Saio em dois minutos.” Adam nos dirigiu olhares horríveis, como se estivéssemos corrompendo a namorada dele, e ela acrescentou: “Prometo. Dois minutos”. Olhou com olhos de cachorrinho para ele e o beijou, depois ele se retirou.

“Até logo!”, entoei. “Não suma!”

“Ash, não”, disse Cass e se voltou para todos nós. “Olhem, eu não sou burra. Sei qual é a impressão que ele passa. Mas acham que eu estaria com ele se ele fosse assim o tempo todo? Sei que gostam de mim”, ela deu um rápido sorriso para Jack, “e eu também gosto de vocês. Mas amo Adam, e não vou terminar com ele, então...” Deixou a frase no ar. “Então. Aproveitem o resto da festa.” Ela hesitou um pouco e deu um beijo e um abraço em cada um. “Feliz Ano-Novo.” Nós respondemos e com um aceno estranho ela saiu.

Ollie suspirou.

“Por que estou me sentindo um babaca agora?”

“Pois é, ela virou o jogo com essa rodada”, disse Rich. “Mas Adam continua sendo um chato.”

Donna assentiu.

“Totalmente.”

E então, no momento perfeito, a banda começou a tocar e nós nos distraímos com o som. Eles tocavam uma mistura de indie, rock e pop — o que pode parecer uma droga, mas eles eram bons e não dava para não sentir a boa vibração.

Depois de uma hora dançando, conversando e beliscando chocolates e amendoins, paramos e ficamos observando as pessoas. O lugar estava cheio de estudantes descolados apoiados nas paredes, tomando vinho tinto e rindo alto. Metade deles tinha um sotaque elegante e a outra metade falava como as pessoas do norte. Entre um e outro, não havia nada no meio do caminho.

“Olhem a blusa daquela menina”, disse Sarah, acenando para uma magricela com cabelos compridos e escuros e que usava uma franja. Ela estava com uns jeans pretos e justos, All Star cinza de cano alto e uma blusa cinza que dizia “Moda é fascismo”.

“Essa frase era para ser irônica?”, perguntou Ollie.

Jack riu e apontou para um menino que estava tirando fotos de coisas aleatórias: do pé de alguém, do canto de uma mesa, de uma bituca de cigarro dentro de um copo.

“E aquele?”

“Ah. Ele é *artístico*”, declarou Donna, suspirando sarcasticamente.

“Você não sabe o que ele está fazendo”, argumentou Sarah. “Talvez ele seja...” Ela procurou alguma explicação.

“... um pretensioso babaca?”, sugeri, apesar de que, para ser sincera, fiquei intrigada com o que ele estava fazendo. Ela me censurou com o olhar, mas deu risada.

“De qualquer forma, não deveríamos ser tão metidos”, Sarah acrescentou. “Em setembro a gente vai passar a ser como eles.”

“Acho que não”, discordou Jack. “Não cursando ciência dos esportes.” E, só para provar o argumento, ele arrotou.

“Não me venha com essa”, zombou Sarah. “Senhor três As quase ganhos.” Jack deu de ombros, mas pareceu bem satisfeito consigo mesmo. Esperava-se que ele obtivesse A em ciência dos esportes, biologia e química. Não daria para saber o quanto era inteligente só de olhar para sua aparência ou para sua escrita um pouco disléxica e para seus garranchos, mas essa era uma das razões pelas quais ele era tão divertido. Surpreendentemente brilhante, assim era Jack.

“Opa, o jantar está servido”, disse Donna, quando as pessoas começaram a aparecer com pratos cheios de comida. “Quem vem?” Os meninos ficaram para guardar lugar, enquanto Sarah e eu fomos atrás de Donna. A cozinha estava coberta por caixas de comida chinesa. Devia haver mais de cem libras em comida ali.

“Caramba, que festa”, disse Sarah enquanto se servia de macarrão, arroz, legumes cheirosos e vários pedaços de frango.

“É mesmo”, concordou Donna. “Aliás, você viu o tal Will?”

Sarah sorriu.

“Não. Mas notei algumas pessoas nos olhando desconfiadas.”

“Deveríamos entrar de penetra em festas de gente rica mais vezes”, observei, inspecionando uma caixa cheia de coisas marrons para me certificar de que não era pato. Não como pato. Uma coisa tão fofa que nada daquele jeito não merece ser comida. E sim, eu sei que não faz sentido, mas a vida é assim mesmo.

Quando acabamos de encher os pratos, voltamos para o outro ambiente.

“Esperem, onde está Rich?”, perguntou Sarah, quando Jack e Ollie apareceram.

“Ainda não voltou do banheiro”, respondeu Ollie.

“Oh, oh!” Donna começou a saltitar de repente. “Meu Deus, eu o vi! Agora mesmo! Ele estava com um menino!”

“Sério?”, perguntou Sarah. “Como assim, *com...* com?”

Donna olhou para ela.

“Bem, não estavam arrancando a roupa um do outro, se é isso que quer saber. Mas definitivamente estavam conversando e rindo. E estavam bem próximos um do outro...” Ela balançou a cabeça. “Não acredito que só agora entendi a importância...”

“Oooh!” Sarah deu pulinhos e bateu palmas. “Como ele era? Onde eles estão?” Ela correu para a porta da sala e espiou, fazendo esforço para enxergar mais longe.

“Era lindo e louro”, Donna informou, triunfante, como se isso garantisse alguma coisa. “E estavam na base da escada.”

“Ooh, não estão mais lá!”, entoou Sarah. “Acha que foram *lá para cima?*” Soltamos gritinhos femininos só de pensar.

“Vá em frente, Rich”, falei, com um sorriso no rosto. Eu ganharia o ano se ele ficasse com alguém. Ele merecia um pouco de... bem, um pouco do que gostava.

De repente Sarah arregalou os olhos e perdeu o fôlego.

“Meu Deus, ele é a nova Ashley! Subiu para uma transa depois de encher a cara!”

“Obrigada, Sá”, falei. “Mas acho que eu não sou a única que já transou com alguém nesta casa, não é?” Contraí os lábios e olhei para ela por cima dos meus óculos imaginários. Ela transou com Joe na mesma festa em que eu, bem, tive meu encontro com Will.

Sarah enrubesceu.

“Mas eu não estava bêbada.”

Revirei os olhos.

“Detalhes, Sarita.” Mas estava mesmo sendo um pouco injusta. Ela só tinha tido um “parceiro”, como gostam de dizer nessas clínicas de saúde sexual. E de qualquer forma ela sorriu. Ter qualquer experiência sexual para compartilhar era uma novidade e tanto para nossa Sarah, e acho que ela estava gostando disso. Temos que ser justos.

“O que estão fofocando?”, perguntou Ollie, quando ele e Jack voltaram com a comida.

“Rich subiu... com um *menino*”, Donna disse meio sussurrando meio gritando. Jack não disse nada. Provavelmente Rich tinha contado alguma coisa para ele, e ele não queria falar sobre o amigo. Mas Ollie balançou a cabeça e sorriu. “Uau, Rich. Homem misterioso.”

“Não sabemos, na verdade”, protestou Sarah. “Ele poderia estar perguntando ao menino onde fica o banheiro, ou coisa parecida.”

“Sim, sim”, disse Donna. “Vamos presumir que seja isso até ouvirmos que não foi. Muito mais divertido.”

“Espero que sim”, declarou Ollie. “Ele merece se divertir. Não tem sido o mesmo desde a morte da avó.” Ol sabia ser muito sensível quando queria. Antes daquela minha conversa com Rich, eu nem imaginava que ele não estivesse totalmente bem. Será que fui a única a não perceber? Olhei para Sarah e Donna, e fiquei aliviada em ver que elas também pareceram surpresas.

“Meu Deus, é mesmo. Ele anda um pouco quieto”, observou Sarah. “Às vezes o vejo olhando para o nada.”

Jack assentiu.

“Ele está sofrendo, mas não gosta de conversar sobre isso.”

“Um loiro lindo é exatamente do que ele precisa, então”, concluiu Donna, aprovando.

E não sei o que falaram depois disso, porque vi Dylan na cozinha. Ele estava conversando com uma loira que parecia uma estatueta.

“Hum, Ashley?”, Donna me cutucou no ombro e eu voltei ao mundo real. Balancei a cabeça rapidamente para enterrar aquela imagem e a minha inveja atordoante.

“Desculpe. Voltei.”

“Ótimo. Agora quer dançar?”

DURANTE AS DUAS HORAS SEGUINTEs, nós nos entupimos de brownies que apareceram do nada em uma vasilha gigante, rimos e curtimos a companhia uns dos outros. Era legal não conhecer mais ninguém na festa, era como se fosse nós contra o mundo. De vez em quando eu via Dylan e ficava torcendo para que ele me olhasse, mas isso não aconteceu. Um pedacinho de mim morria cada vez que essa esperança ia por água abaixo mais uma vez, mas pelo menos não o vi mais com aquela menina. E Rich *ainda* não tinha aparecido. Jack tinha acabado de sair para verificar se ele estava bem (hum, isso poderia ser constrangedor), então ficamos eu, Sarah e Donna assistindo Ollie dançar loucamente. Ele estava um pouco bêbado, e se divertindo muito: fechava os olhos, mordida o lábio inferior, encolhia os ombros... Não tinha como não amar Ollie.

“Hum, lá vem ela outra vez”, Sarah apontou para uma garota bêbada que estava encarando e esbarrando “sem querer querendo” em Ollie havia uma hora. Ela estava usando uma saia de skatista, sapatos plataforma e cabelos presos. Dava para perceber que ela se julgava “peculiar”, uma “personagem”. E claramente tinha resolvido aprofundar o nível do investimento, porque começou a cercá-lo e jogar olhares por cima do ombro, rebolando bem na frente dele. Era ao mesmo tempo hilário e constrangedor.

“Meu Deus, não consigo assistir!”, ganiu Donna, mas na verdade ela estava assistindo.

“Chega, vou socorrê-lo”, declarou Sarah, mas Donna a segurou.

“Não. Está engraçado.”

“Mas, Donna, veja só o coitado”, falei, enquanto a menina passava as mãos no cabelo e não deixava Ollie se desviar. Donna pareceu desapontada, mas acabou permitindo que Sarah agisse. Observamos Sá ir dançando até ele, sussurrar alguma coisa no ouvido dele e depois falar alguma coisa para a menina. Com isso, a menina se espantou, cobriu a boca com a mão, disse alguma coisa para Ollie e saiu correndo de lá.

“Esta menina é genial”, declarou Ollie, quando ele e Sarah se juntaram a nós.

“O que *disse* para ela?”, indagou Donna, sorrindo ansiosa.

Sarah deu de ombros.

“Falei que ele era gay.”

“Ela pediu desculpas”, relatou Ollie. Ele colocou o braço em volta de Sarah e a beijou na cabeça. “Incrível. Estou te devendo uma.”

Então, de repente, um grupo enorme de pessoas chegou na pista, Rich e Jack entre elas, e alguém ligou a tv. O Big Ben apareceu na tela: era quase meia-noite. Os meninos se aproximaram de nós e fizemos a contagem regressiva para 2013. Trocamos abraços enquanto o Big Ben brilhava na tela, fogos apareciam no céu e as pessoas vibravam.

“Feliz ano novo, Ash!”, Donna gritou no meu ouvido. Eu retribuí o berro, mas não estava sentindo aquela alegria de verdade. O Natal tinha sido péssimo, e também tinha aquela história na escola, a espera para saber se seria aceita em algum curso de cinema... Estava tudo péssimo. Me sentia feliz por estar virando uma página importante e dando adeus à antiga Ashley, mas continuava sendo ruim brindar a chegada de 2013 com um copo de limonada e ninguém para beijar. De qualquer jeito, eu não ia estragar o réveillon de todo mundo com chatices a essa altura do campeonato. Isso sim

seria querer chamar atenção. Então afastei todos aqueles pensamentos, fixei o olhar em Rich e ergui uma sobrancelha inquisitiva para ele, que apenas sorriu e deu de ombros. Irritante. Arrancaria tudo dele depois.

Depois que todos cantaram “Auld Lang Syne” (só mexendo a boca nas partes que ninguém sabia a letra) e os abraços e beijos deram lugar a uma pista de dança, me afastei dos outros para buscar uma coca. Parecia que a cozinha tinha sido alvo de um bombardeio: havia sacos de lixo lotados de garrafas vazias jogados por todos os cantos; as caixas vazias de comida chinesa continuavam ali; e alguém tinha derramado uma caixa de leite perto da geladeira. Peguei o refrigerante e fui encontrar os outros, mas parei do lado de fora da cozinha para ver algumas fotos de família em preto e branco: roupas vitorianas, crianças com roupas cheias de babados... Eu sempre ficava completamente fascinada com essas fotos de parentes antigos, talvez por não saber nada sobre a família do meu pai. Eu estava em uma espécie de devaneio quando senti uma mão no meu braço. E soube quem era antes mesmo de olhar para o lado.

“Oi.” Dylan deu seu sorriso lindo e me olhou com seus olhos profundos e escuros. “Tudo bem?”

Engoli em seco. Meu coração estava batendo tão forte que não me surpreenderia se voasse do meu peito.

“Tudo”, respondi.

“Passei a noite inteira querendo falar com você...”

“Passou?”, foi tudo que consegui responder. (*Passou????!!!*, disse a minha voz mental.)

“Estou um pouco bêbado”, ele explicou. “Não muito. Só o bastante, sabe?” E sorriu mais uma vez. Eu assenti; sim, sabia.

“Então. Vamos dar uma volta?” Ele estendeu a mão para mim e eu segurei a mão dele, com o coração ainda acelerado. Ele entrelaçou os dedos nos meus e eu tentei não me preocupar com o fato de que não tinha tido tempo de limpar o suor da mão. Ele me levou até um quintal no fundo da

casa, onde tinha uma espécie de segunda casa que mal dava para identificar com a luz que vinha da casa principal. Ele me olhou como que esperando minha opinião, então eu assenti e nós caminhamos em silêncio pelo gramado congelado. A casa estava destrancada, porém escura e terrivelmente fria. Usando o telefone como lanterna, Dylan olhou em volta. Havia dois sofás, uma mesa de centro e prateleiras de madeira com livros e uns objetos que pareciam ser conchas. No alto da estante tinha um lampião antigo, que Dylan acendeu com um isqueiro. Em um dos sofás havia um cobertor. Peguei e coloquei sobre um dos meus ombros. Dylan veio, sentou ao meu lado e se cobriu com a outra parte.

E lá estávamos, juntinhos, dividindo um cobertor nos primeiros instantes do ano novo em uma casa iluminada por um lampião. Era tudo muito surreal, e durante cada segundo transcorrido entre o nosso encontro perto da cozinha e agora, fiquei imaginando o que estava acontecendo. Será que estávamos passando por outro momento como aquele da loja de departamentos? Será que ele seria supersimpático comigo naquela noite e depois me ignoraria até a próxima vez que decidisse me dar atenção? Eu estava confusa, mas não iria perder tempo analisando a situação. Pelo menos não naquele momento. Afinal, eu não estava declarando amor eterno. Por enquanto, estar perto dele, conversando com ele, bastava.

“Bem, isso está gostoso”, falei, ajeitando o cobertor sobre as minhas pernas.

Ele riu.

“É.” Ele esticou a mão de um jeito meio desconfortável. “Oi, eu sou o Dylan.”

Apertei a mão dele.

“Ashley. Muito prazer.”

“O prazer é meu.”

Dylan limpou a garganta.

“Então. Vi um filme muito bom outro dia. *Em direção à luz*, ou alguma coisa do tipo...?”

Fiquei boquiaberta. Nem se ele tirasse a camisa e me informasse que era uma menina eu teria ficado tão chocada.

“Você estava lá?”

Dylan sorriu.

“Estava. Donna me convidou. Adorei.”

Coloquei as mãos entre os joelhos.

“Sério?”

“Sério. Foi profundo, inteligente... lindo de se ver.”

“Uau. Obrigada.” Dei um sorriso enorme. “Por que você não me cumprimentou no final?”

Ele puxou um pouco mais o cobertor.

“Não sei. Acho que porque você não falou comigo na peça de Donna...” Não respondi nada, pois não tinha nada que eu pudesse dizer que não me fizesse parecer ridícula, carente ou os dois.

“Então você gosta de cinema?”, falei, principalmente porque queria mudar de assunto, mas também porque estava interessada na resposta.

“Na verdade, quero ser roteirista”, ele falou, quase envergonhado. “Escrevo curtas. Quer dizer, curtas *mesmo*. De dez minutos ou coisa do tipo. Mas estou tentando aprender ‘como se faz.’” Ele balançou as mãos para demonstrar que sabia que parecia meio tolo.

Meu Deus, será que dava para esse menino ser mais perfeito?

“Então é isso que vai estudar na faculdade?”, perguntei.

Ele balançou os ombros de um lado para o outro, o que o trouxe para ainda mais perto de mim. Minha cabeça só alcançava o peito dele, mas pude sentir o cheiro de xampu quando ele se mexeu.

“Humm... não sei. Fico meio dividido. Adoraria, mas, ao mesmo tempo, é um mercado difícil para trabalho, sabe? Talvez fosse melhor fazer alguma coisa mais... não sei. Útil.”

“Acho que você deveria tentar”, opinei. “A não ser que você estude enfermagem, medicina ou engenharia, quase nenhum diploma tem utilidade. Faça alguma coisa que ama, pelo menos é o que penso. Mesmo que no fim das contas você não seja roteirista, terá passado três anos estudando o que ama. Nem todo mundo pode afirmar a mesma coisa...”

Ele olhou para mim.

“Isso é exatamente o que eu penso!” Ele começou a esfregar a bainha de cetim do cobertor, inquieto. “Sabe aquela ideia de ir tropeçando pela vida, sobrevivendo, fazendo o que acha que esperam de você, e depois acabar no leito de morte pensando *merda, não fiz nada...?*” Ele balançou a cabeça. “Morro de medo disso.”

Então quase comecei a saltitar, eu concordava inteiramente com o que ele estava dizendo.

“Exatamente. *Exatamente!*”, eu disse e depois acabamos ficando em um silêncio um pouco constrangedor. Aquela casa de repente se tornou extremamente quieta. Mas depois de mais ou menos um minuto, Dylan limpou a garganta e disse:

“Na verdade, tem mais uma coisa que eu queria falar.”

“Ah, é?”, perguntei, enquanto meu estômago se revirava de um lado para o outro.

Ele olhou para o chão por um instante, depois para o teto, e depois riu.

“Mesmo com alguns drinques é difícil falar.” Sorri tentando encorajá-lo e mal conseguindo acreditar no que estava ouvindo.

Dylan começou a falar alguma coisa, depois parou, e depois começou outra vez.

“Acho que você é linda...” Ele fez uma careta, como se eu fosse rir dele, mas eu sorri. A palavra “sorriso”, na verdade, não conseguiria expressar exatamente a expressão que tomou conta de mim naquele momento. Estava alegre, mais que reluzente, minha boca tinha se esticado tanto e com tanta felicidade que minhas bochechas estavam doendo. Dylan me achava linda!

“Você é linda, inteligente e muito engraçada”, ele continuou. “Mas tem uma coisa que não entendo.”

“O quê?”, sussurrei, e a esperança foi me deixando cada vez mais tímida.

Dylan fez uma pausa arrasadora.

“Por que você bebe e faz coisas estúpidas com meninos de quem você não gosta?” Meu coração afundou e eu comecei a gaguejar, tentando falar alguma coisa, mas fracassando completamente, porque meu corpo estava se encolhendo de tanta decepção. Mas ele olhou para mim e disse: “Só estou perguntando porque... aqui tem um menino que gosta de você. Então, por que você me ignora?”

Quase consegui dar uma risadinha.

“Achei que *você* estivesse me ignorando!”

Dylan sorriu e balançou a cabeça, depois olhou tão fundo nos meus olhos — a luz do lampião deixou os olhos dele ainda mais profundos e escuros — que eu achei que fosse desmaiar de desejo.

E então nos beijamos.

MEU DEUS, FOI O MELHOR BEIJO DA MINHA VIDA! Mas parou por aí. Eu estava sóbria, então, ao mesmo tempo em que foi duro resistir ao impulso de ir mais longe, não foi impossível. De qualquer maneira, talvez não tivesse pressa desta vez. Talvez, em relação a mim e Dylan, houvesse todo o tempo do mundo.

“Só para constar”, falei, depois que nos afastamos e estávamos sorrindo como idiotas, “também gosto muito de você.”

Ele botou a mão no bolso e pegou o celular.

“Qual é o seu telefone?” Eu ditei os números e os dedos dele voaram sobre o teclado. A tela projetou sombras estranhas pela casa. “Mande uma mensagem para você poder anotar o meu.” Ele fez carinho nos meus ombros. “Posso vê-la em breve?”

Fingi que estava pensando a respeito.

“Sim, pode.”



Voltamos para a casa principal e dessa vez eu fui na frente. Vi Donna na sala, com as mãos nos quadris, mas ela não me viu até eu chegar na porta. Donna estapeou a própria testa.

“*Aí* está você. Ouça, estamos todos... Ah, oi!” Ela parou onde estava ao ver Dylan vindo atrás de mim, depois virou na minha direção com sobranceiras tão erguidas que quase estavam para fora do rosto. Sorri, sem dizer nada.

“Oi, Donna, feliz ano novo...” Dylan disse e olhou para mim. “Na verdade, tenho que ir. Prometi a Marv que racharia um táxi com ele.” Ele sorriu. “Até mais.”

“Até”, concordei. E vimos Dylan se afastando.

“Alguma novidade para me contar?”, ela perguntou como que não quer nada.

“Nós nos beijamos”, eu respondi tão casualmente quanto ela, depois franzi a testa quando Donna gritou.

“NÃO! Meu Deus, Ash, estou tão feliz por você. Meu Deus, isso é maravilhoso! Merda... quero dizer, *merda*, isto é MARAVILHOSO!”.

Ri como uma criança.

“Eu sei!” Ainda não conseguia acreditar.

“Oh, Ash. É a melhor coisa *do mundo*”, Don bateu palmas e soltou mais um gritinho. “Conte TUDO!”

“Não tem muito o que contar”, falei. “Ele disse que gostava de mim, me achava linda...” Interrompi o relato para mais um sorriso bobo. “E que quer sair comigo logo.”

Donna me abraçou.

“Eu SABIA que ele gostava de você!” Claro que ela não sabia, mas deixei passar. “Então, já estávamos indo. Você vem?” Fiz que sim com a cabeça e fui procurar os outros.

“O que aconteceu com Rich?”, perguntei enquanto passávamos por grupinhos bêbados. Era estranho ser a única sóbria, mas, engraçado, no fim não estava dando a mínima. Estava embriagada de Dylan. Uau!

“Ele não quer falar. Está com um sorriso todo enigmático. É muito irritante.”

“Vou arrancar informações dele”, declarei. “Amanhã vou telefonar para ele.”

Mais tarde, depois que cheguei em casa e estava na cozinha tomando uma xícara de chá, olhando contente para o espaço, lembrei que Dylan tinha me mandado uma mensagem. Peguei a bolsa na mesma hora e procurei o celular. Apertei um botão para acender a tela e vi as palavras dele acesas, como um outdoor de neon.

Oi linda. Sou eu. E não se esqueça. Bjsss, D

EM GERAL, AS MANHÃS DEPOIS DE NOITES DE BALADA transcorriam assim: eu acordava morrendo de dor de cabeça, cambaleava até o banheiro, vomitava, cambaleava até a cozinha, tomava dois comprimidos e três litros de água, cambaleava de volta para a cama, lembrava alguns beijos da noite anterior, resmungava e voltava a dormir.

Mas aquele dia tinha sido bem diferente. Primeiro dia de 2013: o dia em que Ashley Greene acordou alegre, bem e se lembrando de todos os detalhes da noite anterior. O dia em que acordei feliz. *Tra la la la laaa!* (Se minha vida fosse um musical, naquela hora eu estaria entrando no palco com uma música animada para um final feliz.) Chequei o horário — dez e meia — e voltei para debaixo da coberta, estiquei os dedos do pé e os balancei, alegre. Ouvi o vento batendo na árvore lá fora, o que deixou minha cama ainda mais aconchegante. Em determinados momentos, as nuvens abriam um espaço para o sol e uma luz entrava pela persiana. Nessas horas só faltava Dylan entrar com uma cesta de café e minha manhã estaria completa.

Dylan.

Apesar de eu estar completamente sóbria na noite anterior, não pude deixar de duvidar um pouco do que tinha acontecido. Ele disse que estava um pouco bêbado, mas e se na verdade estivesse muito? Não parecia, mas talvez ele fosse uma daquelas pessoas que esconde bem essas coisas. Mordi o lábio e congelei só de pensar que ele podia acordar hoje de manhã se

censurando por ter me dado o telefone dele. Ou, pior, podia nem sequer lembrar. Eu não sabia o que fazer. Será que eu deveria ligar para ele ou esperar que ele se manifestasse? Eu não me preocupava muito com essas coisas, mas este caso era diferente. Eu não seria Ian, o psicótico: não ia escrever para ele e ser um estorvo.

Meu celular apitou com uma mensagem e eu tentei me convencer de que não era dele. Me forcei a contar até vinte antes de verificar.

Não era dele.

Xinguei baixinho. Donna queria saber se eu já tinha falado com Rich. Às 10:45 do primeiro dia de janeiro? Não tinha como. Respondi imediatamente, dizendo exatamente isso, e um segundo depois recebi outra mensagem. Maldita Donna.

Mas era de Dylan. “Yes!”, falei em voz alta, depois tentei controlar minha respiração, caso não fosse uma boa notícia.

Vamos nos encontrar

bjsss

Como eu curtia essas mensagens curtas e doces! Respondi:

Vamos

bjsss

2pm perto da loja de departamento??

Meu Deus, tínhamos o Nosso Lugar! A loja era o Nosso Lugar! Tudo bem, não era exatamente a Central Station, mas mesmo assim... Com o coração pulando, respondi.

Nos vemos lá bjsss

Mas antes disso, tinha três horas para matar. E resolvi cuidar das prioridades: liguei para Rich.

“Oi”, ele atendeu, rouco.

“Oops, desculpe, te acordei?” Ouvi o ruído das molas da cama e o resmungo enquanto ele se sentava.

“Acordou. Que horas são?”

“Quase onze.”

“Ugh.” Interpretei como: *já era hora de acordar, então. Por favor, prossiga.*

“Então. Como está se sentindo?”

Ouvi Rich bebendo água.

“Nem sei ainda, Ashley. Estou dormindo.”

“Desculpe... mas já é quase tarde.”

“Imagino que sim... Como você está? Notícias de Dylan?”

Sorri.

“Ahã. Vou encontrá-lo na porta da loja de departamento mais tarde.”

“Que romântico”, ele disse, rindo.

“Não enche... Então, *Richard*, o que aconteceu com *ocê* ontem à noite?”

Ele tossiu.

“Como assim?”

“Não banque o inocente para cima de mim”, falei brincando. “Você foi visto ontem à noite conversando com um, um... *homem loiro e lindo.*”

“Ooooh, mas esquece. Não tenho nada para contar, sinto dizer. Você e Donna terão que encontrar outra pessoa sobre quem fofocar.”

“Ora, vamos, Rich. Por favor?”, pedi.

Ele sussurrou de forma dramática.

“O nome dele é Jamie, e a gente costumava brincar quando tínhamos dez anos de idade, porque a mãe dele tem a idade da minha, e elas se conheceram no supermercado e ficaram conversando sobre como sempre eram confundidas com avós.” Ele respirou fundo. “A família dele se mudou,

mas agora ele voltou, me reconheceu e acabamos conversando. Fim de papo.”

“Ficaram conversando durante muito tempo”, observei, tentando parecer desconfiada.

“É, bem. Muita coisa para colocar em dia.”

“Vai encontrá-lo outra vez?”

Rich riu.

“Sim, Ashley, provavelmente. Fomos muito amigos durante um ano, então...”

“Ah. Entendi”, respondi, um pouco decepcionada. “Achamos que...”

“Eu sei o que acharam”, ele interrompeu. “E sinto decepcionar vocês... então, enfim. Como foi a Noite da Sobriedade? Decidiu transformar isso em hábito?”

Cheguei na porta da loja exatamente às duas e um, e lá estava Dylan, com os ombros encolhidos por causa do frio, um lindo com um casaco de estampa camuflada, o cachecol de caveira e um gorro preto. Ele sorriu para mim quando me aproximei, depois se inclinou e me beijou nos lábios, a boca dele era suave e morna. Ele estava com um cheiro um pouco amadeirado, e o queixo estava com um pouquinho de barba. O beijo foi como um choque, fazendo meu corpo inteiro tremer. É disso que eles estão falando (quem quer que sejam *eles*) quando falam em química. Nós éramos como... bem, quaisquer elementos que fossem reagindo e explodindo. Havia anos que eu não estudava química. Mas agora essa matéria parecia mais interessante do que nunca.

“Oi”, ele disse. “Tudo bem?”

“Tudo bem, obrigada... e você?”

“Nada mal.” Nós dois ficamos um pouco constrangidos com o papo furado, depois nos olhamos no olho e sorrimos. Estávamos na mesma

sintonia, e isso chegava a ser ridículo.

“Pensei em uma caminhada na praia, se estiver com vontade...”, ele continuou, colocando o braço nos meus ombros enquanto começávamos a andar.

“Parece uma boa.”

Me encolhi um pouco debaixo dele e Dylan permaneceu com os braços em cima dos meus ombros. Aquilo não foi estranho e nem desconfortável, como às vezes pode acontecer. Nós nos encaixávamos perfeitamente, como um quebra-cabeça. Na praia deserta, compramos café e andamos pelas pedras, com o vento soprando atrás. Era um típico primeiro de janeiro, ou pelo menos era assim que esse dia costumava aparecer nos filmes ou livros. Costa vazia, mar agitado — uma espécie de metáfora para novos começos. Havia muito potencial em tudo aquilo.

Enquanto caminhávamos, olhávamos para o mar azul-cinzentado e inconstante.

“Eu quase morri no mar”, falei sem pensar. Era uma conversa bem original para o momento.

Dylan parou e olhou para mim. Cada vez que os olhos dele encontravam os meus, o meu coração parava.

“Eu sei. Você falou na exibição do filme. O que aconteceu?”

Sorri ao pensar que ele lembrava de coisas a meu respeito.

“Nós, Donna, Rich e toda aquela galera, fomos para Devon no recesso escolar. Eu fui nadar. Estava muito frio.” Dei de ombros. “Foi uma péssima ideia. Sarah e Jack tiveram que me salvar.”

Dylan riu, entretido.

“Você é inacreditável.”

“De um jeito bom, espero”, falei, erguendo uma sobrancelha.

Ele me puxou para perto, de modo que fiquei de frente para ele.

“Um jeito muito bom.” E ele se inclinou e me beijou — um beijo longo, lento, lindo, nossas línguas se moviam preguiçosamente. Se ele me achava

bonitinha e louca por eu ter nadado no inverno, eu não iria contrariá-lo. Principalmente com um prêmio daqueles.

Envolvei a cintura dele e apoiei a cabeça em seu peito.

“Você é demais”, falei encostada no casaco dele, para que ele não pudesse ouvir.

“Você é incrível”, ele disse, beijando minha cabeça. Eu me afastei e sorri para ele.

Começamos a andar de novo. Estava um gelo, mas aquele spray marítimo voando no meu rosto e fazendo minhas bochechas queimarem era revigorante, o vento cortante também me fazia me sentir mais viva. A combinação de mais ou menos cinquenta camadas de roupa com café quente, somada ao corpo quente de Dylan, bastava para me aquecer. Mal podia acreditar que estávamos juntos. Coisas assim não aconteciam comigo. Eu estava tão feliz que quase senti medo.

“Na verdade, eu também quase morri uma vez”, ele disse. “Já que estamos compartilhando histórias trágicas...”

“O que aconteceu?”

“Não é tão emocionante quanto o seu caso. Levei uma ferroada de vespa na língua aos sete anos. Fiquei tão inchado que quase me sufoquei...” Ele sorriu para mim. “Passei pela mesma sensação de quase ter morrido e tudo mais...”

Levantei a cabeça.

“Não!”

“Tive. Vi o túnel, a luz clara, tudo.” Dylan deu de ombros. “Na época, me convenci de que tinha visto o Paraíso... mas agora não acredito mais nisso.”

Contei para ele sobre minha vontade de fazer faculdade de cinema, e ele me disse que tinha resolvido se inscrever nos cursos para roteiristas. Depois contei sobre Frankie e um pouquinho sobre Sasha e mamãe.

“Pode me mandar calar a boca, se quiser”, falei, depois de passar cerca de dez minutos tagarelado sem parar. “Aliás, vou me calar. Fale sobre você.”

“O que quer saber?” Ele moveu o braço em direção a uma lata de lixo para descartar os copos vazios de café, depois pegou minha mão. A sensação da mão dele segurando a minha era mais excitante do que sexo. Pelo menos do que o sexo que eu já tinha praticado até o momento. A expectativa do que poderia ser com Dylan me deixou com as pernas bambas. Não podia acreditar no quanto isso tudo estava sendo diferente das minhas experiências de sempre. Eu estava amando.

“Quero saber tudo”, falei.

Ele sorriu.

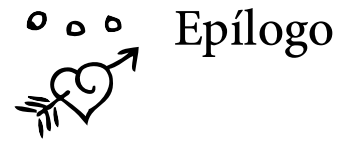
“Isso pode demorar.”

Ergui uma sobrancelha.

“Você tem algum plano melhor?”

“Tenho.” Ele parou e me puxou para perto. “Me dê um beijo, Ashley.”

E eu o beijei.



Epílogo

CASO ESTEJA CURIOSO, tirei A no meu documentário. Se vou ser aceita na faculdade de cinema? Quem sabe? Por enquanto só me inscrevi. Mas, se eu entrar, nada — nem ninguém — vai me deter. E Dylan sabe disso.



ALI CRONIN trabalhou em inúmeras revistas inglesas para adolescentes e foi responsável pelo site jovem da BBC antes de se dedicar totalmente à escrita. É autora de *Skins*, livro baseado na famosa série de TV.

Mais informações:

www.facebook.com/GirlHeartBoy

@ali_cronin

Copyright © Penguin Books Ltd, 2012
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês no Reino Unido
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Rumour Has It

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

REVISÃO Gabriela Morandini e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-632-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.